

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Vitória Crivellaro Sanhotene

TESE DE DOUTORADO

**ATUAÇÃO DE MULHERES TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DO
BRASIL**

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

**ATUAÇÃO DE MULHERES TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DO
BRASIL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Janice Zarpellon Mazo

Linha de pesquisa: Representações Sociais do Movimento Humano

Vitória Crivellaro Sanchothene

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

SANCHOTENE, VITÓRIA CRIVELLARO
ATUAÇÃO DE MULHERES TREINADORAS NO ESPORTE
PARAOLÍMPICO DO BRASIL / VITÓRIA CRIVELLARO
SANCHOTENE. -- 2023.
115 f.
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Treinadora. 2. Paradesporto. 3. Movimento Paraolímpico. 4. História do Esporte. 5. Pessoa com Deficiência. I. Mazo, Janice Zarpellon, orient. II. Título.

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas envolvidas com o Movimento Paraolímpico Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Não ando só e por isso faço essa parte da minha Tese de Doutorado com muito cuidado, carinho e amor. Preparar os agradecimentos me faz pensar desde o início da minha trajetória acadêmica até o presente momento. Considero-me uma pessoa sensível, mas em meio a um doutorado realizado em contexto pandêmico fico ainda mais emocionada pela conclusão dessa etapa. Com muita sorte estive rodeada de pessoas maravilhosas que me incentivaram a chegar aqui e agradeço a seguir.

Começo, obviamente, com muita gratidão à minha mãe Ângela, à minha irmã Virgínia e ao meu pai Rogério. Essa base de apoio é meu alicerce, meu exemplo e sempre me deixou à vontade desde cedo para escolher o curso que eu queria me aprofundar, incentivando a prestar vestibular para a Federal, me motivando a seguir estudando depois da graduação e me dando suporte para chegar ao Doutorado, com muito diálogo, escuta ativa, leituras compartilhadas e sugestões. Graças a essas três pessoas, particularmente, estou concluindo essa etapa. Além disso, o colo, o carinho, os abraços, as ligações em chamada de vídeo, os desabafos e o convívio também foram imprescindíveis para minha saúde e para o “andar da carruagem”. Vocês são a melhor definição de família: afeto, suporte e união.

Ao meu companheiro Jean Luca Mousquer pelo amor, pela paz, respeito e parceria. Também agradeço pela compreensão dos momentos em família que não me fiz presente para estudar, pelo silêncio nos períodos de leitura e escrita, pelas presenças em minhas palestras, eventos, aulas abertas, pelas conversas e calma.

À professora doutora Janice Zarpellon Mazo pelos ensinamentos. Queria poder traduzir em palavras o que sinto por essa profissional competente e dedicada. Agradeço pela paciência, sinceridade e acolhimento. Agradeço por acreditar no meu potencial desde a graduação e me mostrar que eu tinha condições de seguir na vida acadêmica. Com a professora Janice sempre tive a certeza de caminhar com conhecimento e com a capacidade de fazer o que era proposto. Obrigada, professora, por ser um exemplo para quem lhe acompanha e por entender minhas particularidades. Agradeço, também, pelas trocas após as aulas, pelos rápidos retornos nas mensagens, pelos áudios, ligações, e-mails, indicações de leituras, correções e escritas ativas nos manuscritos, sempre muito participativa em todas as ações que circundam o doutorado.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), Observatório do Esporte Paralímpico Brasileiro e Esporte Surdo (OEPES) e o Centro de Memória do Esporte (CEME) pelos momentos compartilhados e pelas discussões que me fizeram refletir e crescer de maneira acadêmica e pessoal. Em especial às(aos) Alice Beatriz Assmann, Giandra Anceski Bataglioni, Luana Paré, Tuany Defaveri Begossi, Josiana Ayala Ledur, Raquel Valente de Oliveira, Joseph Ribeiro e Juliano Lopes da Costa pela rede de apoio, pelo coleguismo e amizade. Feliz em ter vocês comigo para além dos muros da universidade.

À professora doutora Ester Liberato Pereira, ao professor doutor Rogério Voser e ao professor doutor Vinícius Cardoso por terem aceitado avaliar a Tese e contribuir para a pesquisa, bem como por terem colaborado durante todo o processo tanto no

Mestrado quanto no Doutorado. Desde o início foram profissionais exemplos para mim e que motivaram a permanecer no campo científico da Educação Física. Levo na memória, com carinho, cada momento compartilhado.

Ao professor doutor José Cícero Moraes, meu primeiro orientador na faculdade, que ensinou muito sempre e me aproximando de diversas frentes relacionadas ao esporte de alto rendimento. Nossa relação de monitora-professor encerrou no ano de 2015, mas a amizade e a estima seguem.

Ao excelente corpo docente e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano pelos ensinamentos e contribuição na minha trajetória e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ser a instituição que proporcionou meu crescimento profissional com qualidade e gratuidade. Pela ligeireza nos retornos dos e-mails, pelo fácil acesso e pelo empenho diário. Aproveito para salientar meu apoio ao ensino público de qualidade no Brasil.

Ao professor Nestor Bittencourt da Rosa por incentivar a pequena Vitória a iniciar seus treinamentos e seguir treinando no auge dos seus 13 anos e aos meus(inhas) treinadores(as) dos clubes SOGIPA e Grêmio Náutico União, Helga Sasso e Dênio Peixoto. Vocês foram especiais para que eu encontrasse o curso certo e grandes influenciadores na minha trajetória.

Aos(as) alunos(as) do Estúdio VS Corpo em Movimento por sempre entenderem quando remanejei horários para me fazer presente em reuniões e eventos do Doutorado. À equipe de professores(as) por serem comprometidos com meu estabelecimento, atendendo os(as) alunos(as) com respeito, ética, dedicação e cuidado. Foi importantíssimo saber que o estúdio estava “em boas mãos”.

Aos meus amigos e amigas que sempre estiveram ao meu lado, pela leveza da companhia, pela torcida, pelas risadas e pelos conselhos. Em especial, em ordem alfabética: André Carvalho, Bianca Marcadenti, Bruna da Rocha, Bruna Mota, Caroline Goerl, Daniela Rodrigues, Easmine Bopsin, Gabriela Mendes, Fernando Leal, Fernando Alf, Haisa Hoffmann, Juliana Vaz, Luiza Bulhões, Luiza Malheiros, Marcela Dutra, Natália Bender, Paola Victorino, Paula Maestri, Thais dos Santos e Victória Duarte. Eu amo vocês.

Às treinadoras que fizeram parte dessa pesquisa e ao movimento paraolímpico por ser minha inspiração na academia, na profissão e na vida. Ao professor José Agtônio Guedes Dantas que contribuiu no meu processo de Mestrado e pelo envio de contatos para o início da coleta de informações desta pesquisa, o que colaborou para chegar a outros contatos *a posteriori*.

À minha psicóloga Ana que me acompanhou desde 2019, sendo fundamental para que cada etapa fosse vencida sem esgotamento, com lucidez e saúde mental.

Aos professores e às professoras das Faculdades SOGIPA que estiveram comigo na segunda metade do Doutorado e acompanharam meu dia a dia de relatos de escrita.

A todos(as) que torceram por mim, gratidão.

RESUMO

A presente tese de doutorado versa sobre as histórias e memórias de treinadoras brasileiras de esportes paraolímpicos de alto rendimento. Nota-se um aumento quantitativo de pesquisas relativas ao esporte para Pessoa Com Deficiência no século XXI. Dentre os assuntos, percebe-se que o treinador é um tema pouco abordado e torna-se mais raro ainda encontrar investigações sobre as mulheres ocupando posição de liderança. A partir da compreensão de que a treinadora também é protagonista, torna-se relevante investigar suas narrativas, seus percursos e suas experiências no contexto do movimento paraolímpico de alto rendimento. Ressalta-se a importância de preservar, pesquisar e comunicar suas memórias esportivas, contribuindo para dar visibilidade ao protagonismo das mulheres. Deste modo, o objetivo geral da presente pesquisa foi de compreender as posições ocupadas pelas mulheres treinadoras na disposição esportiva paraolímpica no Brasil, e os objetivos específicos foram: a) Verificar como sucedeu a inserção de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil; b) Elucidar que representações culturais foram construídas acerca de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil; c) Averiguar quais as resistências assinaladas à permanência de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. A fim de alcançar os objetivos da pesquisa buscamos embasamento teórico-metodológico nos pressupostos da História Cultural, da História Oral e da História do Esporte. As informações foram coletadas e produzidas acessando distintas fontes: *sites*, redes sociais, imagens, dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos científicos e depoimentos orais. No que diz respeito a produção de fontes orais realizou-se entrevistas semiestruturadas, guiadas por roteiro de perguntas abertas, com 11 treinadoras brasileiras. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas, analisadas e, posteriormente, cotejadas com as demais fontes históricas. Os resultados da pesquisa são apresentados no formato de três estudos, que contemplam os objetivos específicos e, por sua vez, o objetivo geral da tese. Evidenciou-se, por meio desta pesquisa, que as experiências durante o curso de graduação em educação física se constituem em um dos fatores de relevância para a inserção de mulheres no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil, uma vez que fornece subsídios para o desempenho no lugar de treinadoras. Destaca-se que a atuação como treinadora é uma função bastante complexa, pois requer distintas competências em meio a diferentes construções culturais no âmbito do trabalho, o qual envolve para além das áreas de preparação física, técnica e tática, apoio psicológico, organização de logísticas acerca da acessibilidade de ambientes de treinamento e alojamentos, dentre outras atividades. Ainda, identificou-se com esta pesquisa que há baixa representatividade de mulheres na posição de liderança no cenário do esporte paraolímpico, sendo mais diminuta a participação quando nos referimos às mulheres com deficiência. Nessa direção, o machismo foi um dos aspectos problemáticos mencionados pelas treinadoras entrevistadas. Portanto, fundamenta-se que iniciativas possibilitando o contato e a aproximação com o esporte para pessoas com deficiência no curso de graduação em Educação Física sejam estimuladas, além de ações afirmativas dos dirigentes e governos na direção de condições de equidade, visibilidade e valorização da mulher no esporte.

Palavras-chave: Treinadora; Paradesporto; Movimento Paraolímpico; História do Esporte; Pessoa com Deficiência.

ABSTRACT

This doctoral thesis deals with the stories and memories of Brazilian high-performance Paralympic sports coaches. It is perceived that the coach is a subject little discussed and it becomes even rarer to find investigations about women occupying leadership positions. From the understanding that the coach is also a protagonist, it becomes relevant to investigate their narratives, their paths and their experiences in the context of the high-performance Paralympic movement. In addition, it emphasizes the importance of preserving, researching and communicating their sports memories, contributing to give visibility to the protagonism of women. Thus, the general objective of this research was to understand the positions occupied by women coaches in Paralympic sports in Brazil, and the specific objectives were: a) To verify how the insertion of Brazilian women coaches in high-performance Paralympic sports in Brazil took place; b) Elucidate which cultural representations were built around women coaches in high-performance Paralympic sports in Brazil; c) To find out which resistances are indicated to the permanence of female coaches in high-performance Paralympic sports in Brazil. In order to achieve the research objectives, we sought a theoretical-methodological basis in the assumptions of Cultural History, Oral History and Sport History. Information was collected and produced by accessing different sources: websites, social networks, images, master's dissertations, doctoral theses, scientific articles and oral testimonies. With regard to the production of oral sources, semi-structured interviews were carried out, guided by a script of open questions, with 11 Brazilian coaches. All interviews were recorded, transcribed, analyzed and later compared with other historical sources. The research results are presented in the format of three studies, which contemplate the specific objectives and, in turn, the general objective of the thesis. It was evidenced, through this research, that the experiences during the graduation course in physical education constitute one of the relevant factors for the insertion of women in the high-performance Paralympic sport in Brazil, since it provides subsidies for the performance instead of coaches. It is noteworthy that acting as a coach is a very complex function, as it requires different skills in the midst of different cultural constructions in the scope of work, which involves, in addition to the areas of physical, technical and tactical preparation, psychological support, organization of logistics about the accessibility of training environments and accommodation, among other activities. Still, it was identified with this research that there is a low representation of women in the leadership position in the scenario of Paralympic sports, with lesser participation when we refer to women with disabilities. In this sense, machismo was one of the problematic aspects mentioned by the coaches interviewed. Therefore, it is reasoned that initiatives enabling contact and approximation with sport for people with disabilities in the undergraduate course in Physical Education are encouraged, in addition to affirmative actions by leaders and governments towards conditions of equity, visibility and appreciation of women in sport. **Keywords:** Woman Coach; Paraspport; Paralympic Movement; Sport History; Person with Disability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coleta de informações da pesquisa.....	52
Figura 2 - Fases da coleta de entrevistas.....	55

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Registros da tela após entrevista online.....	54
IMAGEM 2 - Conquista do bicampeonato nos Jogos Parapan-Americanos em Lima (Peru) no ano de 2019.....	60
IMAGEM 3 - Treinadora e atleta vencem juntas o ouro paralímpico em Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021.....	61
IMAGEM 4 - Parte da delegação brasileira presente em Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021.....	62
IMAGEM 5 - Organização das cadeiras de rodas para competição.....	63
IMAGEM 6 - Suporte da treinadora com seu atleta nos Jogos Paralímpicos de Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021.....	63
IMAGEM 7 - Treinadora atuando como atleta-guia.....	64
IMAGEM 8 - Alcançando resultados em uma trajetória profissional de constante desenvolvimento.....	65
IMAGEM 9 - Treinadora presente nos Jogos Para Pan-Americanos em Lima (Peru) em 2019.....	65
IMAGEM 10 - Uma equipe repleta de medalhas e troféus representando Blumenau (SC) no PARAJASC de 2021.....	66
IMAGEM 11 - Treinadora Daiane dos Santos com atleta Vinícius Judes na Surdolimpíadas Nacional de 2021.....	67
IMAGEM 12 - A conquista pela vaga do maior campeonato para pessoas com deficiência do mundo: Jogos Paralímpicos Tóquio 2020.....	69
IMAGEM 13 - Homenagem do governo do estado de Mato Grosso do Sul: Reconhecimento e parabenização ao protagonismo – mulher no esporte.....	70
IMAGEM 14 - Treinadora realiza campanha com atleta para Tóquio 2020.....	72
IMAGEM 15 - Treinadora, mulher e pessoa com deficiência em cargo de liderança no esporte paraolímpico de alto rendimento.....	74
IMAGEM 16 - A mulher com deficiência em posição de liderança.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRHACAR	Seleção Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
CR	Cadeira de Rodas
CT	Centro de Treinamento
FEF	Faculdade de Educação Física
IBC	Instituto Benjamin Constant
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MS	Mato Grosso do Sul
PCD	Pessoa(s) Com Deficiência(s)
PE	Pernambuco
PEAMA	Programa de Esporte e Atividades Motoras Adaptadas
SC	Santa Catarina
SOGIPA	Sociedade Ginástica de Porto Alegre
SP	São Paulo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características das participantes da pesquisa.....	25
Quadro 2 - Informações sobre as participantes.....	90

SUMÁRIO

APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O TEMA.....	14
1 INTRODUÇÃO GERAL.....	16
2 PRIMEIRO ESTUDO - INSERÇÕES DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL.....	19
2.1 INTRODUÇÃO.....	20
2.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	24
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
2.5 REFERÊNCIAS.....	40
3 SEGUNDO ESTUDO – REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL.....	46
3.1 INTRODUÇÃO.....	47
3.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	51
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	58
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
3.5 REFERÊNCIAS.....	78
4. TERCEIRO ESTUDO - RESISTÊNCIAS A PERMANÊNCIA DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL.....	82
4.1 INTRODUÇÃO.....	83
4.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	88
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	94
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
4.5 REFERÊNCIAS.....	103
5. CONCLUSÃO GERAL.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	113
APÊNDICE B - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DA ENTREVISTA.....	115

APROXIMAÇÃO DA PESQUISADORA COM O TEMA

Este trabalho é proposto pela confluência de temas que perpassam minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Fui atleta de voleibol pelos times da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, do Centro Estadual de Treinamento Esportivo, do Grêmio Náutico Gaúcho, da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), do Grêmio Náutico União e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com exceção do Grêmio Náutico Gaúcho, Grêmio Náutico União e UFRGS, tive treinadoras mulheres que me acompanharam e orientaram neste caminho do esporte. Por ter essa relação com a prática esportiva, escolhi cursar Licenciatura em Educação Física, onde também atuei como monitora da disciplina de voleibol. Durante a graduação pude acompanhar o mais alto rendimento de voleibol em contexto brasileiro que é o campeonato SUPERLIGA, sendo analista de desempenho em três temporadas (2011/12; 2012/13 e 2013/14). No último semestre de graduação fiz o curso de arbitragem da Federação Gaúcha de Voleibol e atuei nas atléticas universitárias da Escola Superior de Propaganda e Marketing e da Medicina da Pontifícia Universidade Católica como treinadora de voleibol.

Depois da graduação em Licenciatura, reingressei no Bacharelado em Educação Física. Foi nesse ano, em 2016, que tive o primeiro contato com o esporte com adaptações, arbitrando um campeonato de voleibol para pessoas surdas pela Federação Gaúcha de Voleibol. Assim, despertou um interesse em começar a estudar voleibol paralímpico e surdolímpico. Realizei o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado fazendo uma revisão de literatura sobre o voleibol sentado. Ingressei no Mestrado em Ciências do Movimento Humano na linha de pesquisa Representações Sociais do Movimento Humano, sob orientação da Professora Doutora Janice Mazo. Como tema para a dissertação de Mestrado, escolhi pesquisar atletas mulheres que participaram da seleção brasileira paraolímpica de voleibol sentado e intitular o trabalho de “Percurso e memórias esportivas das atletas da seleção brasileira feminina de voleibol sentado”.

Tive a oportunidade, em meio ao mestrado, a convite da Confederação Brasileira de Voleibol para Deficientes, de participar de um curso para treinadores(as) de voleibol sentado com o treinador da seleção masculina de voleibol sentado do Irã, Hadi Rezaeigarkani no Centro de Treinamento Paralímpico em São Paulo.

Concomitante a isso, cursei Especialização em Técnico Desportivo, todos estes pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS. Também, nesse período, fiz o curso para treinadora nível II da Confederação Brasileira de Voleibol e me tornei instrutora de Pilates e proprietária do Estúdio VS Corpo em Movimento.

No ano de 2022, recebi dois convites que me emocionaram, pois fizeram que eu refletisse sobre meu percurso na Educação Física e no Movimento Paraolímpico: coordenar o Festival Paralímpico Loterias Caixa/22 e palestrar para professores da rede municipal de Porto Alegre na Câmara Municipal sobre as diferentes vertentes do Esporte Paraolímpico. Atualmente sou membro pesquisadora da Academia Paralímpica Brasileira, braço científico do Comitê Paralímpico Brasileiro, permaneço com o Estúdio VS e professora do curso de Educação Física da Faculdade SOGIPA. Dentre as disciplinas ministradas, fazendo uma associação com a temática da presente Tese, ressalto a minha atuação na disciplina de Educação Física Adaptada.

Ao longo desta trajetória me deparei com falas machistas e situações de constrangimentos que deram força ao meu olhar e ao meu senso crítico em relação à mulher na sociedade, bem como amadureceram opiniões sobre esse assunto. Acredito na potência da ciência, portanto, pesquisar mulheres treinadoras que atuam ou já atuaram em esportes paraolímpicos emerge como uma possibilidade de relacionar meus estudos e práticas nas áreas do esporte de alto rendimento, do Movimento Paraolímpico, da História Cultural e da mulher e as representações que a cercam no meio esportivo. Considero que essas questões são importantes de serem estudadas, narradas e visibilizadas, e proponho entrelaçá-las nesta pesquisa como maneira ética, política e estratégica de explorar, discutir e analisar este tema.

1 INTRODUÇÃO GERAL

O presente estudo investiga histórias de mulheres treinadoras de esportes paraolímpicos¹ de alto rendimento no Brasil. A partir da visão histórico-sociocultural, entende-se que cada treinadora experiencia um caminho diferente de carreira, seja por sua proposta inicial e/ou razões. Por esse motivo, faz-se necessário ouvir essas personagens do esporte para melhor compreender os contextos paraolímpicos brasileiros, diminuir estereótipos ligados às mulheres no esporte de alto rendimento e fomentar um espaço com mais equidade nas posições de liderança no esporte.

Sabe-se que há três manifestações do esporte: educacional, de rendimento e de lazer (Bueno, 2008). Assim sendo, destacamos que na presente Tese de Doutorado a utilização de “alto rendimento paraolímpico” se refere às experiências com atletas com deficiência em nível de seleção brasileira ou de outros países, que tenha participado de campeonatos internacionais e mundiais. Pereira, Cancelli e Medeiros (2020) indicam possíveis caminhos teóricos e metodológicos para estudos ligados ao movimento olímpico e, quando se referem ao movimento olímpico, os mesmos incluem o esporte paraolímpico. Os autores indicam pesquisas a partir da lente dos estudos sociais, mas não desestimulam estudos com outros embasamentos teóricos. Duas das vastas possibilidades de investigação apresentadas pelos autores estão presentes nesta Tese, sendo eles: eventos esportivos e o papel da mulher no esporte (Pereira; Cancelli; Medeiros, 2020, p.14).

Ainda sobre recomendações de reflexões futuras e debates, Cidade e Ferreira (2002) elegeram pontos sobre mulheres no esporte, em especial mulheres com deficiência. As autoras apontaram para discussões sobre os temas de acesso e permanência à prática de atividade física e esporte, bem como acesso e permanência às competições e posições de liderança, equilíbrio e igualdade na sociedade e no esporte, políticas públicas e incentivos, entre outros. Nesse sentido, podemos dizer que as recomendações das autoras se apresentam atuais no contexto vigente e também serão abarcadas neste estudo.

¹ Nesta tese será adotado o termo “paraolímpico” de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Brasília, 2021), conforme o exposto pelo Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal. O termo “paralímpico” está sendo empregado apenas em nomes próprios (Comitê Paralímpico Brasileiro, Jogos Paralímpicos...) e *ips litteris* em citações das participantes da pesquisa e autores(as).

E, a partir da análise bibliográfica, até o momento final da escrita desta tese, foram localizados poucos estudos sobre treinadores de esporte paraolímpico, dentre eles, nenhum estudo específico que tratasse sobre a mulher treinadora de esporte paraolímpico. Existem duas particularidades relacionadas à temática desta pesquisa que especificam ainda mais a área de estudo: a presença feminina e o esporte paraolímpico. Considera-se que estas duas particularidades implicam questões que circundam a luta por equidade, visibilidade e valorização.

Isso posto, as justificativas e motivações para propor a realização desta pesquisa são de caráter pessoal, político, social e acadêmico. Pessoalmente, me identifico com a temática por conta da minha trajetória como mulher no esporte, na Educação Física, na Academia e na sociedade como um todo. Politicamente, entende-se que o conhecimento e a conscientização produzem práticas traçadas num caminho de diminuição de preconceito e estigmas, na consolidação de parâmetros éticos fortalecidos pela pesquisa científica. Socialmente, a motivação se incorpora por considerar que estamos em uma época marcada pelo movimento de desconstrução de conceitos e ações enraizadas e hegemônicas. Também, compreende-se o fenômeno da prática esportiva para pessoa com deficiência como meio de inserção social. Academicamente, este estudo se justifica pela percepção da presença de hiatos e da falta de atualizações científicas neste campo, visando especialmente dar luz a processos e trajetórias que fazem parte do esporte paraolímpico na contemporaneidade. Deste modo, por meio da presente investigação ansiamos contribuir para o campo de pesquisa e incentivar novos estudos.

Esta pesquisa apresenta um viés histórico-sociocultural de caráter qualitativa e exploratória. No que concerne aos aspectos teórico-metodológicos, amparamos nossas interpretações na História Cultural, buscando compreender representações culturais, práticas e contextos no e do esporte paraolímpico. Segundo Pesavento (2013), as indagações da História Cultural se manifestam em várias direções e nesse estudo optamos por investigar recortes do social.

A representatividade e a possibilidade de expansão de condições de equidade estimularam a realização desta pesquisa como caminho de reflexão. Ao optar por estudar mulheres treinadoras, posiciono-me politicamente na direção da construção de um espaço atento a realidade brasileira de enunciação de discursos, elementos, modos de pensar e de ser, em especial, no ambiente esportivo paraolímpico. Deste

modo, aponta-se uma problematização desta temática por se tratar de um ambiente com potencial de modificação.

Para delimitar as participantes da pesquisa, coletamos as informações com treinadoras de atletas com deficiência(s) ou equipes que estiveram em campeonatos internacionais como Jogos Parapan-Americanos, Campeonatos Mundiais e Jogos Paralímpicos pela seleção brasileira. As análises das informações foram confrontadas com a literatura científica publicada para ampliação da discussão.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo geral compreender as posições ocupadas pelas mulheres treinadoras na disposição esportiva paraolímpica no Brasil. Tal objetivo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos, os quais, guiaram as discussões em cada um dos respectivos estudos nesta Tese de Doutorado:

- a) Verificar como sucedeu a inserção de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil;
- b) Elucidar que representações culturais foram construídas acerca de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil;
- c) Averiguar quais as resistências assinaladas à permanência de mulheres treinadoras brasileiras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil.

Após a Introdução Geral, a tese estrutura-se em três capítulos, sendo que cada capítulo comporta um estudo, o qual buscou responder de forma mais particular cada um dos objetivos específicos da tese, a fim de trazer as possíveis respostas para o objetivo geral. O capítulo 2 apresenta o primeiro estudo intitulado “Inserções de treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil”, com o intuito de verificar como sucedeu a inserção de treinadoras no esporte paraolímpico no país. No capítulo 3, que corresponde ao segundo estudo, “Representações culturais de treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil” trata-se de elucidar as representações culturais que foram construídas acerca das treinadoras no cenário do esporte paraolímpico brasileiro. Por sua vez, o capítulo 4, exhibe o terceiro estudo “Resistências a permanência de treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil”, versando sobre as diversas barreiras impostas, em particular, a atuação continuada de treinadoras no esporte paraolímpico no Brasil. Na sequência, mostramos as conclusões gerais da tese, seguidas das referências utilizadas na pesquisa e os apêndices.

2 PRIMEIRO ESTUDO: INSERÇÕES DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL

RESUMO

A presente investigação teve como objetivo verificar como sucedeu a inserção de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Como embasamento teórico, utilizamos os pressupostos da História Cultural e da História do Esporte. Os caminhos metodológicos empregados foram norteados pelos princípios da História Oral, com produção de fontes orais realizada por meio da técnica de entrevista semiestruturada. As participantes deste estudo foram mulheres com curso de graduação em educação física que atuaram ou ainda atuam como treinadoras de atletas paraolímpicos no âmbito do esporte de alto rendimento. As respostas contribuíram para a compreensão das trajetórias das treinadoras, privilegiando-as como sujeitos históricos que, por muitas vezes, são invisibilizadas na sociedade atual e, principalmente, no passado. Cada personagem é vista como agente do paradesporto nacional e mundial por meio de sua experiência, tornando-se protagonista da sua própria narrativa. Os incentivos para as aproximações das mulheres com a carreira de treinadora se mostraram diversos: estágios da faculdade, vida pregressa como atleta, influência familiar e ser mulher com deficiência. Desta maneira, ressalta-se a importância de potencializar os espaços de contato da sociedade como um todo e, em especial, dos(as) estudantes de Educação Física, com o esporte paraolímpico a fim de ampliar a gama do campo de atuação. Ainda, ressaltamos a preocupação com a diminuta participação das mulheres nos espaços de liderança e, estudos como esse, podem contribuir para a discussão sobre o tema.

Palavras-chave: Treinadora. Educação Física. Mulheres. Esporte Paraolímpico. Paradesporto. História Oral.

ABSTRACT

The present investigation aimed to verify how the insertion of Brazilian female coaches in high-performance Paralympic sport in Brazil took place. As a theoretical basis, we

used the assumptions of Cultural History and History of Sport. The methodological paths employed were guided by the principles of Oral History, with the production of oral sources carried out through the semi-structured interview technique. The participants in this study were women with a degree in physical education who worked or still work as coaches of Paralympic athletes in the field of high-performance sports. The answers contributed to the understanding of the coaches' trajectories, privileging them as historical subjects that, for many times, are made invisible in the current society and, mainly, in the past. Each character is seen as an agent of national and global parasports through their experience, becoming the protagonist of their own narrative. The incentives for women's approaches to a coaching career were diverse: college internships, early life as an athlete, family influence and being a woman with a disability. In this way, it is important to enhance the contact spaces of society as a whole and, in particular, of Physical Education students, with Paralympic sport in order to expand the range of the field of action. Furthermore, we emphasize the concern with the low participation of women in leadership spaces and studies like this one can contribute to the discussion on the subject.

Keywords: Coach. Physical Education. Women. Paralympic Sport. Parasport. Oral History.

2.1 INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como objetivo verificar como sucedeu a inserção de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil.² Iniciamos as buscas por vestígios sobre as treinadoras a partir da primeira participação do Brasil em Jogos Paralímpicos. Este feito foi no ano de 1972, em Heidelberg (Alemanha) e contou com uma delegação brasileira formada exclusivamente por homens (CPB, 2023). Deste evento até os Jogos Paralímpicos

² Neste estudo será adotado o termo “paraolímpico” de acordo com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (BRASÍLIA, 2021), conforme o exposto pelo Manual de Comunicação da Secretaria de Comunicação Social do Senado Federal. O termo “paralímpico” está sendo empregado apenas em nomes próprios (Comitê Paralímpico Brasileiro, Jogos Paralímpicos).

de Tóquio 2020³ houve uma crescente inserção de mulheres no esporte paraolímpico (Paralímpicos, 2023). Essa crescente numérica nas edições dos Jogos Paralímpicos é visível a partir das informações trazidas pelo Departamento Técnico Geral do CPB (2023), mostrando que não houve participação de mulheres brasileiras atletas na primeira e na terceira edição dos Jogos Paralímpicos (1972 e 1980). Na segunda edição estiveram presentes duas mulheres atletas (1976). Porém, na edição dos Jogos Paralímpicos de 2004 foi um total de 22 atletas mulheres brasileiras, aumentando para 55 em 2008 e 102 mulheres atletas na edição de 2012. Nos últimos Jogos Paralímpicos, realizados em 2021, houve o maior número de atletas mulheres até o momento, sendo um total de 96 brasileiras competindo nos Jogos Paralímpicos (Departamento Técnico Geral do CPB, 2023).

Para além de mostrar os dados sobre as atletas brasileiras nas edições dos Jogos, havia uma intenção de criar uma tabela com a finalidade de visualizar as participações das mulheres treinadoras ao longo das edições, porém não foi encontrado nos *sites* do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) essas informações até o presente momento. De qualquer modo, percebe-se que a participação das mulheres se consolidou num crescente como atletas na delegação brasileira no esporte paraolímpico nas últimas décadas, mais especificamente a partir de 2004. Antes havia uma oscilação ou não haviam representantes femininas participando como atleta. Esses dados refletem a realidade brasileira relacionada a incentivos de acesso e permanência e às dificuldades enfrentadas pelas mulheres no campo paradesportivo. De acordo com Bertoldi *et al.* (2018, p.260) são fatores importantes para o desempenho de um(a) atleta paraolímpico(a) de alto rendimento a conjunção de: oportunidade “a iniciação esportiva, a motivação à prática do esporte, o treinamento físico, a preparação psicológica e o relacionamento com a equipe”.

Freire *et al.* (2021) indicam que com o desenvolvimento do esporte paraolímpico brasileiro há uma maior exigência na preparação, como um todo, dos atletas paraolímpicos, sendo um fator relevante para o desempenho dos atletas a relação treinador-atleta. Desta forma, sublinham a importância do papel deste

³ Os Jogos Paralímpicos, assim como os Jogos Olímpicos, são realizados em anos múltiplos de quatro, porém, devido à pandemia, os megaeventos de 2020 foram transferidos para o ano seguinte, isto é, ano de 2021.

personagem nesse contexto, não somente no que se refere à técnica e tática, mas, também, em relação à motivação e ao suporte psicológico.

Facundo *et al.* (2019) corroboram com esta afirmação e alegam que treinadores(as) de esportes paraolímpicos possuem diferenças no exercício da profissão em relação ao olímpico, por estarem inseridos no universo do esporte para pessoas com deficiência (PCD). Da mesma forma, Marques *et al.* (2009) afirmam que o esporte olímpico e o paraolímpico são fenômenos distintos, que tiveram início por motivações também diferentes e possuem características próprias. Dentre as divergências citada pelos autores (2009) os mesmos ressaltam que há mais incentivo financeiro e mais desenvolvimento do esporte olímpico por ter uma história maior em relação ao paraolímpico e, também, pela questão do preconceito relacionado às pessoas com deficiência que limita as possibilidades do esporte paraolímpico. Por outro lado, cabe ressaltar que o Brasil é uma potência esportiva internacional no que tange o esporte paraolímpico (Cardoso *et al.*, 2016). Os autores se referem a potência, assim como o CPB⁴, por conta dos quadros de medalhas das modalidades e seus resultados em Jogos Paralímpicos, do número de atletas em delegações brasileiras, na quantidade de modalidade que o Brasil participa nos Jogos Paralímpicos e por conta da colocação geral do país em relação aos demais (Departamento Técnico Geral do CPB, 2023). Portanto, fomentar discussões, dar visibilidade a essas mulheres e valorizar esse papel de liderança que é a de treinadora nesse contexto esportivo foi motivação para a investigação.

Neste estudo, consideramos os espaços de liderança como aqueles que fazem parte da gestão esportiva e da coordenação geral da organização, sejam eles cargos de presidente de alguma instituição, de árbitra e árbitro, de preparadora física e preparador físico, de chefe de delegação e de treinadora e treinador. Neste estudo o foco está nas mulheres treinadoras. Para Rubio e Veloso (2019) a mulher na gestão do esporte permanece com obstáculos, assinalando o viés histórico nacional em que homens assumiam o papel das posições de liderança e que reverberam até hoje. Portanto, o olhar sobre a mulher ainda tem a função de esposa, mãe e dona do lar.

⁴ De acordo com o CPB o papel da entidade é de “organizar a participação do país em competições continentais, mundiais e em Jogos Paralímpicos, além de promover o desenvolvimento dos diversos esportes paralímpicos no Brasil, em articulação com as respectivas organizações nacionais” (CPB, 2023, p. 1). A propósito, o CPB desempenha a função de confederação do Para Atletismo, Para Halterofilismo, Para Natação e Para Tiro Esportivo, uma vez que tais modalidades, ainda não tem entidades próprias (ou exclusivas).

Para além disso, as autoras (2019) explicitam que, além da baixa representatividade de mulheres treinadoras ocupando a posição de liderança de uma comissão técnica de seleção brasileira (nesse caso de esporte olímpico), essas estão à frente de equipes femininas.

Rubio e Veloso (2019) citam o nome de Benedicta Oliveira, que foi atleta de 100 metros rasos e conquistou o campeonato estadual paulista, o campeonato brasileiro e o campeonato sul-americano no atletismo. Depois das conquistas como atleta, se tornou a primeira mulher treinadora de atletismo do Brasil. Ainda sobre o esporte olímpico, Derós e Goellner (2009) destacam a nadadora Maria Lenk como a primeira mulher atleta a fazer parte da delegação brasileira em Jogos Olímpicos, no ano de 1932, em Los Angeles nos Estados Unidos. As autoras (2009) fazem uma comparação com a edição de 2008, em Pequim, na qual a delegação brasileira contou com 277 atletas, sendo 133 mulheres. Isso evidencia dois fatos interessantes que podemos refletir: o capital social levantado por Rubio e Veloso (2019) em que para uma mulher ser treinadora ela teve um passado com grandes vitórias e o contraponto dos avanços em números levantados por Derós e Goellner (2009) acerca do quantitativo de mulheres (mesmo que não em posição de liderança nesse momento) no universo desportivo.

Com isso, podemos mencionar que nos Jogos Paralímpicos, embora a primeira edição tenha sido, oficialmente, em 1960, a presença de atletas mulheres brasileiras ocorreu apenas no ano de 1976, em Toronto, no Canadá (Brasileiro, 2021). Nesta edição dos Jogos Paralímpicos ocorreram as primeiras participações brasileiras femininas no evento esportivo: a atleta Beatriz Siqueira competiu na Para Natação⁵ e na modalidade chamada *Lawn Bowls* (semelhante a bocha e praticada na grama) e a atleta Maria Alvares disputou o Para Tênis de Mesa e a modalidade do Para Atletismo (Brasileiro, 2021). Nota-se que a participação das mulheres em eventos esportivos paraolímpicos é mais tardia e em número reduzido, quando comparada ao esporte olímpico.

A partir da proposta de coletar informações e criar condições de enunciação, o contexto se desenhou para dar visibilidade às mulheres treinadoras no esporte paraolímpico brasileiro, de forma a contribuir para a reconstituição identitária da

⁵ De acordo com o IPC (2017) utiliza-se o Para antes da modalidade, com a primeira letra em maiúscula e com um espaço, para distinguir o esporte olímpico do paraolímpico.

memória esportiva nacional a partir desses sujeitos históricos. Visibilidade, segundo Guimarães (2003, p. 11), se dá “não à simples razão de uma existência material e empírica, mas sim à sua apreensão de um sistema de significação, que torna estes mesmos objetos visíveis, porque enunciáveis”.

2.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar o objetivo do estudo, esta pesquisa tem abordagem qualitativa e exploratória. Segundo Creswell (2010), um estudo qualitativo interpreta particularidades e significados individuais, com viés histórico-sociocultural, localizado no campo da História do Esporte, em especial do esporte paraolímpico. Para Stake (2011, p. 21), a pesquisa qualitativa “se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” e o autor cita que ao fazer pesquisa qualitativa, a pesquisadora busca “encontrar os significados das experiências pessoais que transformam as pessoas” (Stake, 2011, p. 48). Pesquisas do tipo exploratória, segundo Gerhardt *et al.* (2009, p. 69) “buscam uma abordagem do fenômeno pelo levantamento de informações que poderão levar o pesquisador a conhecer mais a seu respeito”.

Para identificar quem são/foram as mulheres brasileiras treinadoras de esportes paraolímpicos, ao mesmo tempo que ocorriam algumas tentativas de diálogo com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) por e-mails, ligações e mensagens, a pesquisadora realizou uma interação virtual por meio do WhatsApp com indivíduos participantes do Movimento Paraolímpico. Nessas interações por WhatsApp que se deu a possibilidade de localizar as participantes da pesquisa, uma vez que foram enviados contatos para aproximação, apresentação e coleta de informações. Portanto, a presente pesquisa contou com o método Bola de Neve Virtual, pois com as redes sociais virtuais, as novas tecnologias e a colaboração social foram alcançados subsídios relevantes para o processo de coleta e produção de fontes orais (Costa, 2018).

A coleta e produção de fontes orais se deu através da técnica de entrevista semiestruturada, a partir da metodologia da História Oral que, conforme Alberti (2008, p. 155), “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que

participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. Na presente pesquisa, foram entrevistadas mulheres brasileiras que atuam ou atuaram como treinadoras do alto rendimento do esporte paraolímpico.

As entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com o número do parecer 5.947.248, por envolver contato não presencial com indivíduos, a fim de preservar os direitos das participantes.

No caminho da análise qualitativa, nos debruçamos nas informações coletadas pelas fontes orais a partir da aplicação do método de análise temática de conteúdo (Flick, 2009; Braun; Clarke, 2006). Para Flick (2009, p. 276), “a interpretação de dados é a essência da pesquisa qualitativa”, sendo que “a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa”. Após esse processo, os dados empíricos encontrados a partir da coleta das fontes foram identificados, analisados, interpretados, além de discutidos com a literatura científica localizada sobre o assunto. Pretendeu-se, com esta análise, trazer contribuições originais para o entendimento do fenômeno estudado.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o objetivo do artigo de apresentar os processos de inserção de mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento, o quadro a seguir apresenta as informações pessoais trazidas pelas 11 participantes da pesquisa, compondo a caracterização das mesmas.

Quadro 1 – Características das participantes da pesquisa

Nome da participante	Data de nascimento	Cidade que reside	Esporte principal que atua	Tempo como treinadora no momento da entrevista (ano 2022)
Ana Paula Boito Ramkrapes	24/12/1991	Campinas/SP	Rugby em Cadeira de Rodas	9 anos
Ana Lúcia do Nascimento Cardoso	08/03/1972	Florença/Itália	Basquete em Cadeira de Rodas	25 anos

Andressa Kruger	28/10/1988	Blumenau/SC	Para Atletismo ⁶ : provas de arremesso de peso, lançamento de dardo, disco e club	5 anos
Daiane dos Santos	16/02/1988	Blumenau/SC	Para Natação, Para Atletismo, Natação para Surdos e Futsal para Surdos	5 anos
Gabriele Matias Avelino do Bonfim	06/12/1994	Itaquaquecetuba/SP	Para Natação	6 anos
Gévelyn Cássia Almeida	12/01/1981	Balneário Camboriú/SC	Para Atletismo, Para Natação, Handebol em Cadeira de Rodas e já atuou no Basquete em Cadeira de Rodas	19 anos
Glébia Cristina Costa Galvão	08/07/1980	Pesqueira/PE	Para Atletismo, mais específico a prova de Salto em altura	22 anos
Marli Cassoli	08/04/1967	Campo Grande/MS	Para Atletismo e Bocha	30 anos
Rosiane Farias da Silva	11/12/1981	Santos/SP	Para Atletismo	14 anos
Soraia Izabel Corrêa Cabral	06/06/1962	São Paulo/SP	Para Natação	22 anos
Thais Aoki Saito	01/05/1982	Jundiaí/SP	Para Atletismo e Para Natação	14 anos

Fonte: Elaborada pela autora com base nas fontes orais da pesquisa (2022).

Conforme o quadro acima, dentre as 11 participantes, cinco residiam no estado de São Paulo, três no estado de Santa Catarina, uma no estado de Pernambuco, uma no estado de Mato Grosso do Sul e uma na cidade de Florença (Itália).

A treinadora Ana Cardoso, natural de São Paulo, diz que começou sua carreira como atleta aos 13 anos e como treinadora de basquete convencional por volta dos 24, 25 anos. A mesma citou que no seu último ano da faculdade em educação física, em 1996, conheceu o basquete em Cadeira de Rodas (CR) a partir da visita de um atleta dessa modalidade na disciplina de educação física adaptada. O atleta informou que estavam sem treinador(a) e a turma começou a motivá-la: “[...] olha... a gente tá precisando de voluntário porque a gente tá sem treinador. E aí todo mundo, né,

⁶ Atualmente são 28 esportes paraolímpicos, sendo 22 disputados nos Jogos Paralímpicos de verão e seis nos Jogos Paralímpicos de inverno. Para fins desse estudo, adotamos as terminologias orientadas pelo Comitê Internacional Paralímpico (IPC, 2021).

naquela zoeira, Ana, Ana, porque eu era a única que trabalhava com basquete”. Quando a treinadora começou a ouvir isso, começou a refletir se tinha condições de trabalhar com pessoas com deficiência ou não: “fui lá curiosa e aí quando eu entrei na quadra foi aquele arrepio, assim, eu falei nossa!! É isso que eu quero para minha vida. E desde então eu comecei a trabalhar... em 1997” (Cardoso, 2022, p. 2).

A treinadora comentou a diferença de ter ministrado treino para atletas do basquete em comparação ao basquete em CR e apresenta a valorização que ela encontrou no esporte paraolímpico. Sobre isso Ana Cardoso comentou: [...] os caras valorizavam muito ali sabe, e isso eu achava bem legal porque você tá ali sendo uma peça fundamental para dar um direcionamento”. Nesse sentido a treinadora despertou para o esporte paraolímpico de alto rendimento, percebendo tal situação: “É muito importante, isso te valoriza muito como profissional, então eu acho que foi esse o *Up* para mim, sabe, de falar: olha, tem pessoas que buscam alto rendimento que querem o alto rendimento, estão ali para fazer isso...[...]” (Cardoso, 2022, p. 3).

Assim como a treinadora Ana Cardoso, Ana Ramkrapes teve sua aproximação com o esporte paraolímpico por conta do ambiente acadêmico da educação física. Com base no relato de Ana Ramkrapes (Ramkrapes, 2022), como apresentado no quadro, a mesma é natural e residente em Campinas (São Paulo) e tem sua formação acadêmica em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em fisiologia do exercício para lesados medulares, na época da entrevista (janeiro de 2022) estava iniciando o doutorado também na UNICAMP, na área de imunologia, para lesados medulares. A participante da pesquisa trabalha com a modalidade paraolímpica Rugby em CR. Ao ser questionada se já trabalhou com outra modalidade explicou que: “não, já trabalhei na esgrima levemente, já fui do antidoping, já trabalhei, mas não diretamente com a modalidade” (Ramkrapes, 2022, p. 2).

Sobre sua trajetória como treinadora, Ana Ramkrapes conta que no primeiro ano do curso de graduação em Educação Física, em 2010, via a equipe de Rugby em CR na universidade (Ramkrapes, 2022, p. 2). Nessa descrição, explica que uma amiga acompanhava essa equipe e haviam momentos em que Ana Ramkrapes ia ao ginásio onde havia a prática paraolímpica para esperar a amiga e acabava tendo contato com a equipe, assistindo partes do treino e conversando com os atletas. Ao final de 2012, os atletas da modalidade Rugby em CR convidaram-na para participar

como estagiária na preparação física e ela aceitou o convite para atuar como voluntária.

Em artigo publicado por Pena *et al.* (2014, p. 663) sobre o Rugby em CR, ao relatar a experiência na UNICAMP, os autores assinalam que acreditam no papel da universidade em “formar profissionais prontos para atender às demandas sociais”. Nesse caso, uma das demandas se interliga à pessoa com deficiência e, no campo da Educação Física, os autores ressaltam que “o esporte paralímpico é a principal prática corporal para pessoas com deficiência”.

Para além das atividades acadêmicas curriculares, os autores (2014) comentam sobre outras alternativas como a extensão universitária: “Desde 1987, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – SP – Brasil (FEF/UNICAMP), existem projetos de extensão que oferecem modalidades esportivas para pessoas com deficiência” (p. 664). No que se refere ao treinamento do Rugby em CR na UNICAMP, Pena *et al.* (2014) mencionam que haviam atletas com convocações para seleções brasileiras.

Segundo o relato da treinadora Ana Ramkrapes (RAMKRAPES, 2022), ainda no final de 2012, a equipe paradesportiva quis se tornar independente da universidade. A saber, o time da universidade se chamava “DEACAMP” e, a partir de então, criaram o time intitulado “Gigantes”, e a treinadora foi convidada novamente para compor a equipe. Durante esse processo, a treinadora explica: que foi chamada para ir atuar como preparadora física. Porém, se deparou com a realidade de que era a única profissional que estava com eles. Após identificar esse novo contexto, a treinadora disse: “...teria que me virar de um jeito carinhoso com a parte técnica e tática. Então, comecei a estudar a partir desse momento” (Ramkrapes, 2022, p. 2).

No ano seguinte, em 2013, a treinadora Ana Ramkrapes explica que se desligou do time DEACAMP e assumiu de maneira integral o time Gigantes. E, no final do ano de 2014 viajou aos Estados Unidos da América para realizar estágio com uma equipe também de Rugby em CR que se chamava *Milwaukee Iron Rugby*. Quando retornou ao Brasil foi convocada para ser auxiliar técnica da seleção brasileira de Rugby em CR, ficando entre 2014 e 2015.

Após afastamento, no ano de 2016, Ana Ramkrapes retornou às quadras como treinadora principal e, somado a um auxiliar técnico na comissão técnica, fundou a seleção brasileira B de Rugby em CR. Nessa seleção brasileira B havia uma

preparação para quem iria para a seleção brasileira A, fazendo uma “ponte” entre os atletas da base e os da seleção brasileira. A treinadora conta, ainda, que foi nesse mesmo ano que começou na seleção brasileira e no mestrado, ficando na seleção brasileira até o ano de 2020 (Ramkrapes, 2022, p. 3).

Percebe-se que a inserção de Ana Ramkrapes se deu devido ao contato com o esporte paraolímpico na extensão universitária e pela aproximação com sua amiga que conhecia a equipe. Seu relato tem proximidade com a da treinadora Thaís Saito, de Jundiaí, São Paulo, que disse ter escolhido fazer o curso de Bacharelado em Educação Física para se especializar em treinamento em razão do gosto pelo esporte, pela competição e preparação física. A treinadora iniciou sua explanação sobre sua inserção no esporte paraolímpico fazendo referência ao curso de Educação Física.

Concomitante ao seu processo acadêmico, desenvolveu sua atuação profissional com estágio em uma equipe de voleibol convencional. Após a conclusão do curso de graduação, prestou concurso para a prefeitura da cidade onde residia. Na prefeitura de Jundiaí foi nomeada em 2008 para trabalhar com pessoas com deficiência (PCD) no programa de esporte e atividades motoras adaptadas (PEAMA) da cidade. Ainda sem experiência com esse público, Thaís Saito conta que no curso de graduação em Educação Física acompanhou a disciplina intitulada “Esporte e Deficiência”. Nesta disciplina, a professora intermediou uma aproximação da turma com uma equipe de voleibol sentado e com um atleta de Para Halterofilismo.

Gonçalves, Leite e Duarte (2020) discorrem acerca da contribuição do conhecimento da disciplina de Educação Física Adaptada no currículo de formação profissional em educação física, salientando que tal disciplina contribui para o desenvolvimento dos(as) professores(as). Os autores (2020, p. 11) afirmam que houve “avanço da abordagem e do trato dos conteúdos relacionados à pessoa com deficiência nos currículos da Educação Física”.

A treinadora Thaís Saito atua com Para Atletismo, Para Natação e musculação, conforme entrevista concedida em abril de 2022. Ressaltando que tem gosto pela parte da competição, a treinadora participa com seus(suas) atletas das Paralimpíadas Escolares, dos Jogos Regionais e de Jogos Abertos no estado de São Paulo. A treinadora também esteve nos Jogos Para Pan-Americanos de 2019 em Lima (Peru) e do Circuito Loterias Caixa.

As Paralimpíadas Escolares se caracterizam por ser uma “competição esportiva destinada aos estudantes com deficiência no Brasil” (Bataglion; Mazo, 2019, p. 7). Essa competição ocorre anualmente, no segundo semestre do ano, desde 2009 (Bataglion; Mazo, 2019). Os Jogos Regionais mencionados pela treinadora são realizados em oito regiões do estado de São Paulo e classificam as equipes e os(as) atletas para os Jogos Abertos “Horácio Baby Barione” (São Paulo, 2023, p.1). Esses eventos são organizados pela Secretaria de Esportes do Estado de São Paulo (São Paulo, 2023). E, os Jogos Para Pan-Americanos se caracterizam por ser o principal evento paradesportivo das américas e ocorre um ano antes dos Jogos Paralímpicos, que é o megaevento para PCD no esporte (Américas, 2023).

O Circuito Brasil Loterias Caixa é considerado o evento mais importante a nível nacional para pessoas com deficiência nas modalidades paralímpicas do Para Atletismo, Para Natação e Para Halterofilismo. O evento é organizado pelo CPB e patrocinado pelas Loterias Caixa. O mesmo acontece em todos os municípios e estados brasileiros, fomentando o esporte paraolímpico de alto rendimento tanto no nível técnico quanto contribuindo para gerar novas oportunidades de participação em diferentes locais do Brasil (Brasileiro, 2023).

Assim como Thaís Saito (Saito, 2022) em seu relato, a treinadora Andressa Kruger também comentou sobre tal competição. A treinadora explica que para competir nesse evento paradesportivo se faz necessário os(as) atletas alcançarem índices em provas. Segundo a treinadora: “se eles ficarem entre os 8 melhores do Brasil conseguem participar do campeonato brasileiro” (Kruger, 2022, p. 4).

Anterior a esse exposto, explicou sobre seus primeiros contatos com o paradesporto: a treinadora trabalhava em uma academia de musculação na sua cidade, chamada Corupá, Santa Catarina, e uma PCD começou a treinar no local. Segundo ela, quando se deparou com essa situação pensou que não saberia o que fazer naquele momento e, na sequência, pensou: “não, quando eu tiver uma oportunidade eu gostaria de trabalhar com esse público” (Kruger, 2022, p. 3).

Posteriormente, a treinadora se mudou para Blumenau, Santa Catarina, e disse que nessa cidade existe um dos maiores programas escolares de paradesporto do Brasil. Visando trabalhar em meio ao público das PCD, a treinadora se inscreveu para a prova do programa supracitado e ao ser aprovada iniciou o trabalho com crianças com deficiência na iniciação paradesportiva. Conforme o *site* da Secretaria de

Educação de Blumenau (Educação, 2023), o programa Paradesporto Escolar é uma iniciativa que conta com atividades gratuitas oferecidas a crianças das redes municipal, estadual e particular.

Nesse contexto, Andressa Kruger (2022) relatou que no ano de 2017 começou a trabalhar meio período com crianças e outro meio período com adultos no treinamento de Para Atletismo. A mesma contextualiza o início da sua trajetória no Para Atletismo em que “não pegava a parte técnica, dos arremessos, das corridas e tal. Eu pegava só a parte de preparação física dos atletas”. Portanto, no início a treinadora não viajava com a equipe, “[...] eu só preparava treinos ali, de acordo com a periodização que a pessoa me passava e tentava fazer com que eles evoluíssem, obviamente, como todo mundo quer” (Kruger, 2022, p. 3).

No ano de 2018 a treinadora precisou se afastar do projeto e Andressa Kruger assumiu os dois períodos ministrando sessões de treino físico, enquanto o treinamento técnico permaneceu sob encargo de outro profissional. Andressa Kruger também referiu que em 2019 assumiu a parte técnica e a parte física dos(as) atletas de arremesso e lançamento do Para Atletismo. Sobre sua trajetória, a treinadora narra que assim como supracitado sobre questões de preparação física, ela também trabalhava com esporte escolar. Sua trajetória foi na cidade de Blumenau (Santa Catarina). No ano de 2018 que a mesma assumiu a equipe como treinadora: “só de arremessos aí a parte da pista era outra pessoa. E daí, desde lá, assim, foi um crescente bem legal” (Kruger, 2022, p. 4).

Com essa explanação, surgiu a motivação por parte da entrevistadora de saber mais sobre essa “crescente” e a treinadora comentou que o trabalho realizado por ela estava sendo recente, mas com foco de formar: “uma equipe competitiva a nível brasileiro e tal. Eu, quando eu comecei tinha uma só atleta, digamos, que vinha, que conseguia o índice pro circuito [Circuito Loterias Caixa]. Agora eu tenho...” (Kruger, 2022, p. 4). Por conta da pandemia de Covid-19 a treinadora disse que diminuiu o quórum de atletas, totalizando seis em treinamento com ela no momento da entrevista, sendo três com índice para o Circuito Loterias Caixa e “todos os meus atletas conseguem participar do brasileiro, ficam entre os 8 melhores do Brasil, assim. A maioria deles consegue ficar entre os 3 melhores” (Kruger, 2022, p. 4). Nessa direção, consta no artigo de Sousa *et al.* (2022) as consequências negativas em virtude da pandemia para pessoas com deficiência e uma descontinuidade de atletas em

projetos e programas relacionados ao esporte paralímpico. Apesar do estudo indicar acerca do estado de Roraima, pode-se extrapolar a compreensão de que esse novo contexto gerado pelo contágio e pelas restrições, na época, influenciaram no modo de viver da população.

O Para Atletismo e a Para Natação foram os esportes paraolímpicos mais recorrentes nas atividades profissionais das treinadoras entrevistadas nesta pesquisa. A treinadora Gabriele Bonfim, por exemplo, mencionou praticar Natação desde os quatro anos de idade, sendo de maneira competitiva desde os nove ou dez anos de idade. Por conta dessa trajetória de aluna a atleta profissional, a mesma disse que passou por diversos clubes com o esporte e decidiu, então, fazer a faculdade de Educação Física e Saúde na Universidade de São Paulo, no ano de 2012. Além disso, Gabriele Bonfim citou o fato de ser caçula e sua irmã também ser atleta desde criança. A treinadora acredita que a partir da convivência com sua irmã que ocorreu a influência para sua inserção no esporte paraolímpico, assistindo a mesma trabalhar nesse meio e, também, cita que foi por intermédio dela que obteve o primeiro contato com o esporte para PCD em 2014: “Até então eu não tinha tido contato com o esporte paralímpico e eu não tenho pessoas na minha família que tenha deficiência, não conhecia pessoas com deficiência, eu nunca tinha realmente, tido contato com tudo isso” (Bonfim, 2022, p. 2).

Gabriele Bonfim destaca que sua irmã estagiava em uma equipe de *Goalball*, esporte para PCD visual. Embora sua experiência prática como atleta tenha sido com a modalidade Natação, ela começou a ajudar sua irmã nos treinos de *Goalball*. Ao recordar desses momentos, Gabriele Bonfim comenta que sua família é bem presente e acompanhavam a irmã nos treinos e jogos. A treinadora Gabriele Bonfim cita que contribuía se precisasse guiar algum atleta de um lugar ao outro ou ajudar de outra forma e que foi assim que começou a ter contato com as PCD. “Até então, como eu falei era zerada, não sabia de nada, eu tinha aproximadamente uns 15, 16 anos” (Bonfim, 2022, p. 3).

Além dessa aproximação com o *Goalball*, Gabriele Bonfim quis se manter na área da Natação e começou a buscar cursos, matérias destinadas para essa área, até que foi chamada para acompanhar uma semana de treinamento da seleção de Para Natação. Em suas palavras:

Meu ex-técnico fazia parte disso tudo e aí falou: e aí, Gabi, você não quer vir, estagiar, ver como isso funciona, conhecer, como você já conhece o

paralímpico, são poucas pessoas que conhecem, você é nova, tem contato, você sabe lidar, então vem ver como é que é. E era com a Natação. E aí eu fui a primeira vez [...] hãã, aí eu fui a primeira vez, trabalhei com eles e aí disse, se o pessoal gostar do seu trabalho você vai ser convocada pra outros eventos, outras edições, aí falei, tudo bem! E aí fui trabalhando e eles foram me convocando, gostaram do meu serviço e fui ficando (Bonfim, 2022, p. 3).

Depois de formada, Gabriele Bonfim continuou com a Natação e a Para Natação. Quando entrevistada, em fevereiro de 2022, Gabriele Bonfim havia recém sido contratada pelo CPB para trabalhar como treinadora da Seleção Brasileira de Para Natação. Este momento marca o reconhecimento do trabalho da treinadora.

Assim como Gabriele Bonfim, a treinadora Soraia Cabral, também de São Paulo, trabalha, em especial, com a modalidade Para Natação, mas simultaneamente já foi treinadora de *Goalball* e Para Atletismo. Menciona que praticou e pratica esportes, principalmente Natação. A treinadora explica que convive com PCD há muito tempo, pois sua mãe era professora e trabalhava alfabetizando PCD. Portanto, a treinadora relata que teve e tem muitos amigos PCD. Dessa forma, a treinadora diz que esse público participava de suas aulas. Assim, a treinadora realizou uma especialização e seu Trabalho de Conclusão foi um “comparativo sobre a inserção de modalidades nas Paralimpíadas e seu crescimento e importância” (Cabral, 2022, p.1). Ou seja, podemos perceber que sua experiência e vivência com PCD contribuiu para ela se aprofundar na temática. Ainda, a treinadora descreve que teve experiências práticas com seletivas para os Jogos Paralímpicos, estagiando em instituições ligadas também ao público das PCD. Foi no ano de 1992 que a treinadora acredita ser marcante para sua trajetória, uma vez que realizou um concurso para professora federal em Roraima e, após um período, solicitou “redistribuição para o Instituto Benjamin Constant/IBC (Centro de Referência Nacional na Área da Deficiência Visual). A partir daí, nunca mais deixei de trabalhar com esporte paraolímpico” (Cabral, 2022, p. 1).

Sua história como treinadora iniciou em 2000, no Instituto Benjamin Constant (IBC), situado na cidade do Rio de Janeiro, local que atuou até o ano de 2018. O IBC é uma instituição federal, “especializada na educação e atendimento de pessoas cegas e com baixa visão” (IBC, 2023, p.1). No CPB a treinadora conta que ficou de 2017 até 2021 e no Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio Janeiro a mesma começou a trabalhar no ano de 2019 e ainda se encontra trabalhando neste local (entrevista cedida em janeiro de 2022). Rememorando essa trajetória, a treinadora lembra dos campeonatos e explicita:

Desde 2000 participo dos campeonatos regionais, brasileiros e *opens* internacionais, mundiais e sempre tive atletas convocados para Jogos Para Pan-Americanos e Paralimpíadas como *head coach* do IBC [Instituto Benjamin Constant] e técnica nacional do CPB e Vasco da Gama [conforme supracitado]. Em 2007 fui convocada para ser técnica da seleção nacional no mundial de natação da IBSA [Federação Internacional dos Desportos para Cegos], fui convocada como técnica para o Parapan de Jovens em 2017 e para as Paralimpíadas de Tóquio (Cabral, 2022, p. 2).

A saber, *opens* internacionais se caracterizam por serem um evento com diferentes provas da Para Natação que busca desenvolver o paradesporto nacional, “estimulando a participação de outros países, corroborando para que o nível competitivo do evento seja elevado” (Maiola, 2023).

Ainda sobre a Para Natação, a treinadora Daiane dos Santos, também residente de Blumenau/SC, trabalha tanto nesta modalidade, quanto no Para Atletismo, na Natação para surdos e no Futsal para Surdos. Sua entrevista foi cedida de maneira escrita por opção da própria treinadora. A respeito de sua introdução no esporte adaptado explicou que por ser surda do ouvido direito procurou se aprofundar nesse assunto e nas modalidades, quando cursava graduação em Educação Física. Desta forma, buscou locais para trabalhar e competições relacionadas a esporte adaptado. A treinadora Daiane dos Santos descreve: “Entrei para o paradesporto escolar em Blumenau e me realizei. Desde então amo o que faço e venho trabalhando para a minha especialização e evolução dos meus atletas” (Santos, 2022, p. 1).

Fernandes (2022), realizando um estudo sobre esportes surdos indica que há pouquíssimas publicações sobre essa temática nas bases de dados investigadas pela autora. Ainda, a mesma ressalta a discrepância em relação a quantidade de pesquisas acerca da educação de surdos em relação a diminuta presença dos esportes surdos. Portanto, destaca-se ainda mais o mérito do presente artigo que ao trabalhar com a protagonista do universo esportivo, amplia a possibilidade de visibilidade merecida.

Dessa mesma forma, comparada ao número de pessoas sem deficiências como treinadoras, são ainda poucas as mulheres treinadoras com deficiência que tivemos acesso para nossa investigação. A treinadora Gévelyn Almeida, nascida em Passo Fundo, Rio Grande do Sul e residente desde os 9 anos de idade de Balneário Camboriú, Santa Catarina, nos encaminhou um arquivo com seu memorial escrito e, também, nos cedeu entrevista. No arquivo escrito em word a treinadora conta que até os 19 anos era uma mulher sem deficiência e que a partir dos 19 passou a ser uma mulher com deficiência física.

Ao lembrar da infância, a treinadora Gévelyn Almeida recordou: “sempre fui uma criança hiperativa, brinquei de todas as brincadeiras possíveis das que menos tinham recursos e materiais, pular corda, taco/*bets*, esconde-esconde...” (Memorial Almeida, 2021, p.5). Em seu memorial narra que por volta dos 10 e 11 anos participou de torneios e festivais, praticando lutas, voleibol e basquetebol. No ano 2000 a treinadora teve um acidente de trânsito que lesionou sua coluna medular. A partir disso, se tornou PCD física e passou a utilizar CR. A mesma conta que passou por: “momentos muito difíceis com essa condição, picos de depressão, aceitação a nova condição, tratamentos fisioterápicos, a exclusão na sociedade, o preconceito e a invisibilidade” (Memorial Almeida, 2021, p. 6).

Sobre sua trajetória profissional, Gévelyn Almeida considera que a principal inspiração dela foi a professora de Educação Física na escola que, a partir da nova condição de Gévelyn Almeida, adaptou as atividades para que a mesma pudesse praticar e que isso também contribuiu para que os colegas trabalhassem a inclusão, aceitando-a. Em seu memorial Gévelyn Almeida diz que: “lembrar disso me sinto emocionada pois é muito marcante” (Memorial Almeida, 2021, p. 6). Ao conhecer os esportes adaptados, a mesma experienciou diferentes modalidades e se tornou atleta de corrida de rua em CR, maratonas, meias maratonas, Basquetebol e Handebol em CR, Para Canoagem e, como lazer, o Para Ciclismo.

Sanchotene, Bataglion e Mazo (2020) investigaram a inserção de atletas no esporte voleibol sentado e sublinharam que além do esporte ser direito da PCD, este é uma ferramenta que contribui para a aceitação da deficiência e que o esporte gera sentimentos positivos para quem o pratica, contribuindo em diferentes esferas da vida. A treinadora ainda é atleta de Para Atletismo, nas provas de lançamento de dardo, disco e arremesso de peso. Sobre essa experiência, a treinadora relata em seu memorial que “[...] uma das maiores experiências foi disputar de 2016 a 2018 os Jogos Paralímpicos Universitários organizados pelo CPB representando a Universidade Federal de Juiz de Fora” (Memorial Almeida, 2021, p. 7). Foi com essas conquistas que Gévelyn Almeida teve acesso ao FISU AMERICA GAMES pela seleção Brasileira Universitária e conta que: “naquela competição bati o recorde brasileiro no Lançamento de Dardo e Arremesso de Peso, e, no Lançamento de Disco era a minha estreia em competições oficiais” (Memorial Almeida, 2021, p. 7). Ainda, a treinadora teve passagens por seleções brasileiras de Para canoagem, Basquete e Handebol em

Cadeira de Rodas. Com o Handebol em Cadeira de Rodas Gévelyn Almeida esteve com a seleção brasileira como atleta no Mundial de 2013 que aconteceu no Brasil e nos Jogos Para Pan-Americanos em 2014 na Argentina. Após essas experiências, a treinadora conta que “como profissional também tive passagens pela seleção brasileira como técnica, coordenadora de seleções, e presido a ABRHACAR Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas” (Memorial Almeida, 2021, p. 7).

No ano de 2008, Gévelyn Almeida, que cursava algumas disciplinas do curso de fisioterapia, foi atropelada e, por essa razão, precisou se afastar por um tempo dos estudos. Na possibilidade de retorno aos estudos, no ano de 2012, a treinadora escolheu cursar Educação Física concomitante ao da Fisioterapia. Em 2013 decidiu trancar a graduação em Fisioterapia, por motivos de saúde na família. Somando muitos cursos de formação de classificadores funcionais, de arbitragem, aprimoramento e habilitação técnica do CPB e especialização em Dança em CR (estava cursando no momento da escrita do Memorial, em 2021), a treinadora é membro da comissão técnica da Seleção Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas (ABRHACAR) de 2018 até o momento, atuando também no Grupo de Trabalho da Federação Internacional de Handebol em CR.

Na historiografia os documentos escritos também são bastante utilizados para ampliação das perspectivas e informações. Apesar de, inicialmente, nosso estudo buscar somente fontes orais, as evidências por escrito ou como memorial também foram credenciadas, como testemunho (Barros, 2012). Partimos de uma compreensão de que a história apresenta uma visão retrospectiva de processos em locais e períodos específicos, em que as experiências e vivências individuais e coletivas são particulares, fazendo parte do conhecimento humano e, portanto, devem ser valorizadas. Uma forma de valorização se encontra na possibilidade da ação reflexiva, na narrativa e na discussão específica do fenômeno.

Consideramos uma ação reflexiva aquela que faz lembrar e rememorar situações, sentimentos e significados e ponderar sobre essas lembranças e memórias. Após a ação reflexiva, encontra-se na narrativa a possibilidade de gerar versões sobre o contexto de maneira retrospectiva, colocando o sujeito que viveu a experiência como protagonista. Isto posto, a treinadora Glébia Galvão, natural de

Pesqueira, estado de Pernambuco, expõe que são mais de 21 anos trabalhando com esporte para PCD.

Ao lembrar seu passado, a treinadora Glébia Galvão explica que seu sonho foi fazer faculdade, apesar de considerar algo distante para a realidade dela, por morar em cidade pequena, conforme explicou na entrevista. Além disso, a treinadora disse que houve influência de uma professora de Educação Física da escola para a sua escolha do curso:

[...] há 25 anos atrás não tinha faculdade, e as pessoas que chegavam formadas eram sempre de fora, de Recife, e eu sempre tive uma coisa: eu nunca quis sair da minha cidade, né? Eu sempre quis dizer assim, eu quero deixar algo lindo na minha cidade. Então nunca foi uma coisa que me deslumbrou, sair. Quando eu comecei no esporte, as professoras diziam que eu tinha jeito pra ser professora, que eu ia ser professora. Eu, Deus me livre, não tenho paciência, mas daí você vai estudar e ser professora é deixar um legado muito bonito pra gente (Galvão, 2022, p. 4).

No momento da entrevista, em janeiro de 2022, Glébia Galvão tinha 41 anos e explicou que com 15 ou 16 anos ela já treinava o pessoal na escola com os treinos que a professora fazia toda a semana. Em seu relato, lembra o fato de que naquela época não havia internet, *WhatsApp*, ou seja, tudo era em folha de papel copiado. Aos 19 anos concluiu o colégio, começou a trabalhar, se afastou do esporte e aos 29 anos ingressou na faculdade. Sobre as modalidades que trabalhou, a treinadora explica que começou com o atletismo e também passou por: time de futebol para PCD intelectual, futebol de surdos em que a treinadora incluía os mesmos também na modalidade de atletismo, natação e tênis de mesa. Porém, sua “paixão” sempre esteve voltada ao atletismo, por isso a treinadora optou por sair das outras modalidades (Galvão, 2022, p. 21).

Também do Para Atletismo, Marli Cassoli, residente de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, trabalha com essa modalidade e Bocha. A treinadora afirma ter 30 anos na profissão e quando questionada sobre como foi sua trajetória no esporte paraolímpico respondeu por escrito: “Muito desafiadora... muitas vezes querendo desistir de tudo! Kkkkk” (Cassoli, 2022, p. 1). Por atuar há muitos anos com o esporte da iniciação ao alto rendimento, a treinadora Marli Cassoli relata não lembrar muito da vida profissional antes de ser treinadora. Seguiu contando que as motivações foram em função das conquistas dos atletas, pois gera “transformação do aspecto de vida de cada um!” (Cassoli, 2022, p. 1).

Além do Para Atletismo e da Bocha, Marli Cassoli disse que no início da sua trajetória atuou em várias modalidades, “até mesmo no halterofilismo” (Cassoli, 2022, p.1). Ainda sobre as transições desportivas, a mesma conta que “foram vários anos no *polybat* (tênis de mesa lateral) que não evoluiu para modalidade paralímpica. E a bocha foi uma consequência necessária com a saída da técnica em meados de 2005” (Cassoli, 2022, p.1). Por fim, a treinadora explica que sua carreira conta com diversas e muitas competições “sobretudo em nível regional e nacional. Poucas a nível internacional” (Cassoli, 2022, p. 1).

Filus e Junior (2008) mostraram que muitos profissionais da Educação Física relatam dificuldade no início da carreira na atuação com o esporte adaptado, por ainda deter pouco conhecimento e experiência com o público das PCD. Marli, por apresentar uma longa trajetória no esporte paraolímpico, iniciou seu processo como treinadora em uma década que havia maior escassez de informações sobre essa temática. Essa realidade difere da introdução de treinadoras no esporte paraolímpico a partir dos anos 2000, por exemplo.

A treinadora Rosiane Farias, por exemplo, que reside em Santos, no litoral de São Paulo, atua na área do esporte paraolímpico desde 2008, em específico no Para Atletismo e explica que seu primeiro trabalho era na cidade vizinha, Praia Grande, e que ficou até o ano de 2011. Sua iniciação e aproximação com o esporte se deu por ter vivenciado a modalidade como atleta no convencional, nas provas de arremesso e lançamento. No ano de 2007, durante a faculdade, Rosiane Farias teve contato com PCD em estágios e, assim que saiu da faculdade, a treinadora explica que começou a trabalhar na iniciação desportiva paraolímpica. No ano de 2011 a treinadora ficou oito meses afastada de campeonatos por trabalhar com crianças em uma escola. A mesma afirma ter sentido falta dos treinamentos e no ano de 2012 iniciou um trabalho com atletas cegos e atletas com deficiência física, de maneira voluntária. A treinadora considera que os resultados foram aparecendo no ano de 2013.

No ano de 2016, no Rio de Janeiro, a atleta Elizabeth Rodrigues Gomes, conhecida como Beth Gomes, que a treinadora Rosiane Farias orientava diretamente, esteve nos Jogos Paralímpicos. A atleta referida foi para a seleção brasileira, se tornando uma referência, uma multicampeã do lançamento de disco, batendo recordes e se tornando um nome muito conhecido no meio paraolímpico. Inclusive, Rosiane menciona que treina essa atleta desde 2012 (entrevista cedida em março de

2022). Nesse momento, a treinadora conta que: “Ela na verdade, que me abriu as portas da seleção. Com resultados muito expressivos, aí também acabou abrindo algum espaço para que eu fosse compor a seleção” (Farias, 2022, p. 6).

A partir desse relato, indagamos sobre qual é sua função prática na seleção brasileira e a treinadora relatou que participou de campeonato mundial, Jogos Parapan-Americanos, Jogos Paralímpicos, mas compõe a equipe da seleção brasileira somente quando é convocada e que não é uma funcionária da seleção o ano todo. A treinadora participa da seleção brasileira desde os Jogos Parapan-Americanos que ocorreu em Lima no ano de 2019.

A treinadora considera que as condições de treinamento não são perfeitas e nem contam com estruturas adequadas no litoral de São Paulo. Também diz que em Santos há o apoio da prefeitura, mas sem um espaço público apropriado para a prática paradesportiva e, por isso, busca clubes que liberem o acesso para treinamento: “É sempre muito complicado. A gente não sabe como vai ser... nem a semana que vem, muito menos o ano que vem. A gente tá sempre mudando de espaço” (Farias, 2022, p. 5). Por outro lado, a treinadora descreve que o contexto “[...] não foi limitante pra gente continuar trabalhando, acreditando que seria possível levar os nossos atletas, também, pra seleção. Quem não sonha alto, né?” (Farias, 2022, p. 5). Ainda, a treinadora Rosiane Farias conta que a conquista da medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos de Tóquio foi um “divisor de águas. Poderia ficar lamentando, falando que não temos a condição, e por isso não realizamos, né?” (Farias, 2022, p. 5).

Com este cenário, questionamos se o fato de ser próximo ao Centro de Treinamento (CT) Paralímpico do CPB em São Paulo, capital, não seria mais interessante para os treinamentos. A treinadora expõe que ela e os atletas teriam que passar por pedágio de mais ou menos 28 reais, mais o trânsito, mais a gasolina, mais o desgaste do carro e que tudo isso torna inviável financeiramente e pela carga horária a ida deles e delas ao CT Paralímpico. No entanto, um fato destacado pela treinadora foi de que as portas estão abertas para eles e elas, independentemente de serem da seleção brasileira de Para Atletismo. Na mesma direção da afirmação da treinadora, o estudo de Haiachi *et al.* (2016, p. 3002) explicita que as barreiras que os atletas paraolímpicos encontram ao longo da sua experiência esportiva são de condições ambientais, estruturais e emocionais, ou seja, relacionados à acessibilidade e mobilidade urbana, a questões de locais de treinamento, incentivo financeiro e

possibilidade equipe multidisciplinar e relativo à motivação, autoestima, vínculo com treinador(a) e apoio familiar.

Tendo em vista o exposto, essas contextualizações apresentadas pelas treinadoras, dialogadas com o *site* do CPB e com a literatura científica, favorece para o maior entendimento do universo do Movimento Paraolímpico Brasileiro. Conseqüentemente, buscamos fortalecer o espaço da mulher no esporte, bem como da PCD na prática esportiva.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou os processos de inserção de 11 mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento. As treinadoras citaram diferentes esportes paraolímpicos em seus relatos, a saber: Para Atletismo, Basquete em Cadeira de Rodas, Bocha, Para Canoagem, Para Ciclismo, Esgrima em Cadeira de Rodas, *Goalball*, Para Halterofilismo, Para Natação, Rugby em Cadeira de Rodas, Para Tiro Esportivo. Não paraolímpico, foi citado o *Polybat*, o Futebol de Surdos e a Natação de Surdos (Surdolímpicos) e o Futebol para PCD intelectual. Portanto, não foram citados os esportes paraolímpicos: Para Badminton, Hipismo, Para Judô, Para Remo, Para Taekwondo, Para Tênis de Mesa, Tênis em Cadeira de Rodas, Para Tiro com Arco, Para Triatlo e Voleibol Sentado.

A partir do que foi apresentado no artigo, a formação e o contato com esses esportes paraolímpicos no curso de graduação em Educação Física, incluindo a formação de equipes paradesportivas nesses locais, se destacam como relevantes para incentivo no processo de inserção de mulheres brasileiras no esporte paraolímpico. Ressalta-se, também, a influência de professoras da escola, que foram citadas em dois relatos. Ou seja, a pesquisa evidenciou que as instituições de ensino (tanto básico quanto superior) foram fatores decisivos nas trajetórias retratadas.

Outrossim, após a análise, pode-se concluir que as cidades e os incentivos governamentais, como acontece em Blumenau, por ter locais que promovem o esporte paraolímpico, com acessibilidade e condições com prestígio para a prática paradesportiva e todo um aparato incentiva o aperfeiçoamento de treinadoras. A vista disso, outras cidades, sem essas condições, podem não incentivar tal especialização.

Em relação ao alto rendimento, diante do exposto, as competições como o Circuito Loterias Caixa consagram treinadoras e atletas de modo a “nortear” preparações e temporadas a nível de seleção brasileira e índices para campeonatos internacionais. Logo, percebe-se que as iniciativas do CPB são significativas para o esporte paraolímpico e para as mulheres brasileiras que atuam ou atuaram com esportes paraolímpicos.

De tal forma, indica-se que palestras e cursos já existentes sejam mais difundidos e outros com esse viés sejam ofertados para diálogo entre profissionais e universidades, maior expansão do conhecimento sobre os esportes paraolímpicos e fortalecimento da carreira de treinador(a) nesse contexto. Por fim, encorajamos novos estudos nessa direção para fomentar a discussão e ter ciência de outros contextos e experiências. Essas contribuições tem potencial de oportunizar novos direcionamentos em diferentes esferas. Como possibilidade de pesquisa futura, indica-se a investigação sobre a crescente participação de atletas mulheres a partir de 2004, demonstrado no corpo do trabalho, para levantar determinantes que podem aprimorar ainda mais a presença feminina no esporte de alto rendimento paraolímpico.

2.5 REFERÊNCIAS

ANA CARDOSO. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. jan.de 2022. p.1-13.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 155-202.

ALMEIDA, Gévelyn. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. mar.de 2022. p.1-7.

ALMEIDA, Gévelyn. **Memorial Gévelyn Cássia Almeida**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação Física e Desporto Departamento de Fundamentos da Educação Física. Balneário Camboriú (SC). Março de 2021.

AMÉRICAS, Comitê Paralímpico das. **Sobre o Comitê Paralímpico das Américas**. Disponível em: < <https://www.paralympic.org/americas-paralympic-committee/about> > Acesso em: 23/04/2023.

BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Paralimpíadas Escolares (2006-2018): Evidências em mídias digitais acerca do evento esportivo. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 12, n. 1, 2019.

BARROS, José Costa D'assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa Histórica. **Mouseion**, Canoas, n. 12, p. 129-159, ago. 2012.

BERTOLDI, Rafaela; BEGOSSI, Tuany Defaveri; SCHMITT, Beatriz Dittrich; MAZO, Janice Zarpellon. Esporte Paralímpico e possíveis fatores determinantes do desempenho esportivo: estudo de caso. **Motricidade**, vol. 14, n. S1, p. 254-262, 2018.

BRASILEIRO, Comitê Paralímpico. **Circuito Brasil Loterias Caixa**. 2023. Disponível em: < www.cpb.org.br/competicoes/1 > Acesso em: 29/01/2023.

BRASILEIRO, Comitê Paralímpico. **Confira a evolução da participação das mulheres do Brasil nos Jogos Paralímpicos**. 2021. Disponível em: <https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/3231/confira-a-evolucao-da-participacao-das-mulheres-do-brasil-nos-jogos-paralimpicos>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BONFIM, Gabriele. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Fev. de 2022. p.1-19.

CABRAL, Soraia. **Entrevista escrita cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. p.1-3.

CARDOSO, Vinícius Denardin; HAIACHI, Marcelo; MAZO, Janice Zarpellon; FILHO, Alberto Reinaldo Reppold. Esporte paraolímpico no Brasil: de sua estruturação a sua consolidação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 16, p.59-72, 2016.

CASSOLI, Marli. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. p.1-4.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 7 set. 2023.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. Institucional. Disponível em: <www.cpb.org.br/ocomite/institucional> Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

CPB, Comitê Paralímpico Brasileiro. Perguntas Frequentes. Disponível em: <www.cpb.org.br/faq> Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

DERÓS, Carolina de Campos; GOELLNER, Silvana Vilodre. As Mulheres na Gestão do Esporte Brasileiro: um estudo pioneiro. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 235-242, abr. 2009.

DEPARTAMENTO TÉCNICO GERAL CPB. Brasil Paralímpico: potência esportiva. 2023. Disponível em: < <https://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos> > Acesso em: 08 de julho de 2023.

DEPARTAMENTO TÉCNICO GERAL CPB. Total de atletas. 2023. Disponível em < <https://www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos> > Acesso em: 08 de julho de 2023.

EDUCAÇÃO, Secretaria de. **Paradesporto Escolar**. 2023. Disponível em < www.blumenau.sc.gov.br/governo/secretaria-de-educacao/pagina/polos-paradesporto-escolar#:~:text=Com%20o%20objetivo%20de%20descentralizar%20o%20Paradesporto%20Escolar%2C,de%20deficiências%20e%20síndromes%20em%20mais%2060%20polos.> Acesso em: 29/01/2023.

FACUNDO, Lucas Alves; DE MELLO, Marco Túlio; SIMIM, Mário Antônio de Moura; DUARTE, Tiago; CRUZ, Aline Ângela da Silva; NARCISO, Fernanda Veruska; RAMOS, Roberta Ariane de Andrade; COSTA, Alberto Martins da; SILVA, Andressa. 2019. **Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpico**. Movimento 25 (junho):e25034. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.87115>.

FARIAS, Rosiane. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. P.1-25.

FERNANDES, Viviane. **Revisitando as pesquisas sobre esportes surdos na área da educação física**. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

FILUS, J. F.; MARTINS JUNIOR, J. Reflexões sobre a formação em Educação Física e sua aplicação para o trabalho com alunos com deficiência. **Revista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 79-87, 16 de maio de 2008.

FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; BATISTA, Roseana; OLIVEIRA, Daniel de; XAVIER, Sherdson da Silva; RIBEIRO, Laura; JUNIOR, José Roberto. Relacionamento com o treinador e resiliência de atletas paraolímpicos de atletismo: a etiologia da deficiência como um fator interveniente. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 9, n. 1, p. 1-10, fev. 2021.

GALVÃO, Glébia. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. P.1-25.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira; LEITE, Sabrina Toffoli; DUARTE, Edison. A Educação física adaptada no currículo de formação em educação física. **Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 3, p. 01-15, 2020.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 2003. p.1-244.

HAIACHI, Marcelo de Castro; CARDOSO, Vinícius Denardin; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo; GAYA, Adroaldo Cezar Araújo. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 21, n. 10, p. 2999-3006, out. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152110.18512016>.

IBC. O IBC. Disponível em: <www.gov.br/ibc/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/institucional-1> Acesso em: 29/01/2023.

IPC. International Paralympic Committee Style Guide. 2017. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/170307082822939_2017_03_03+IPC+Style+Guide.pdf. Acesso em: 31 agosto 2023.

IPC. IPC GUIDE TO PARA AND IPC TERMINOLOGY. p.1-17, 2021. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/publications>> Acesso em: 23/04/2023.

KRUGER, Andressa. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-21.

MAIOLA, Leonardo. Open Internacional Paralímpico de Natação 2023. Disponível em: <<https://www.cpb.org.br/upload/link/72a5fcceeb4649c3af7d9ec7eebc0c52.pdf>> Acesso em: 23/04/2023.

MARQUES, Renato; DUARTE, Edison; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, José Júlio de; MIRANDA, Tatiane. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 23, n. 04, p. 365-377, 2009.

PARALÍMPICOS, Jogos. Resultados do Brasil. Fonte: Departamento técnico Geral CPB. Disponível em: <www.cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos> Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

PENA, Luís Gustavo de Souza; COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde; CAMPOS, Luis Felipe Castelli Correia; GOUVEIA, Rafael Botelho; ALMEIDA, José Julio Gavião; DUARTE, Edison; ARAÚJO, Paulo Ferreira; GORLA, José Irineu. O “Rugby” em cadeira de rodas no âmbito da universidade: relato de experiência da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 661-669, 2014.

RAMKRAPES, Ana. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan. de 2022. p.1-14.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, n. 122, p. 49-62, 2019.

SAITO, Thaís. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-18.

SANCHOTENE; Vitória, BATAGLION, Giandra; MAZO, Janice. A iniciação esportiva no esporte paralímpico: o caso do voleibol sentado. **Argumentos**, v. 17, n.2, p.115-138. jul./dez. 2020.

SANTOS, Daiane dos. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-2.

SÃO PAULO, Governo do Estado de. **Jogos Regionais**. Disponível em:
<<https://www.esportes.sp.gov.br/jogos-regionais/>> Acesso em: 23/04/2023.

SOUSA, Vânia; SANCHOTENE, Vitória; NICOLETTI, Lucas; MAZO, Janice. Decorrências da pandemia de covid-19 à prática esportiva de pessoas com deficiência em boa vista (rr). **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 126–142, 2022. DOI: 10.51283/rc.v26i3.13664. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/13664>. Acesso em: 22 jul. 2023.

3 SEGUNDO ESTUDO: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL

RESUMO

No campo da Educação Física, encontram-se estudos sobre pessoas que participam de diversos fenômenos esportivos e paradesportivos, gerando práticas e representações culturais na sociedade como um todo. A presente pesquisa se compreende como um estudo histórico-sociocultural que tem como objetivo elucidar que representações culturais foram construídas acerca de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Para esta investigação, foi utilizada a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de informações com 11 participantes, via chamada de vídeo. Suas falas foram gravadas e transcritas de maneira literal para interpretação dos resultados da pesquisa com a aplicação dos procedimentos da Análise Temática. Por fim, avançamos nos entendimentos sobre cultura, práticas e representações a partir do referencial teórico da História Cultural, confrontando as informações obtidas por meio das entrevistas e os conhecimentos publicados em *sites* e artigos científicos. As categorias de análise oriundas das entrevistas foram: a) Diferentes funções da treinadora; b) Obstáculos e reconhecimento na posição de liderança. A primeira categoria, relativa as funções da treinadora, abordou para além das questões de técnicas dos movimentos e táticas, assuntos sobre o apoio e o vínculo treinadora-atleta, preparação dos treinos de maneira individualizada e, também, averiguação da logística de viagens, alojamentos e acessibilidade. Sobre a segunda categoria, obstáculos e reconhecimento na posição, evidenciou-se questões de baixa representatividade de mulheres na profissão, principalmente de mulheres com deficiência, diminuto espaço na mídia e aspectos que contribuem para o reconhecimento como homenagens e publicações. De tal modo, espera-se contribuir por meio desta pesquisa na direção de preservar, pesquisar e comunicar suas memórias esportivas as memórias e as histórias de mulheres protagonistas do paradesporto brasileiro.

Palavras-chave: História do Esporte. Paradesporto. Treinadoras. Educação Física. Mulheres.

ABSTRACT

In the field of Physical Education, there are studies on people who participate in different sports and para-sports phenomena, generating practices and cultural representations in society as a whole. The present research is understood as a historical-sociocultural study that aims to elucidate which cultural representations were constructed about female coaches in high-performance Paralympic sports in Brazil. For this investigation, the semi-structured interview was used as a technique for collecting information with 11 participants, via video call. Their speeches were recorded and transcribed literally for the interpretation of the research results with the application of the Thematic Analysis procedures. Finally, we advance our understanding of culture, practices and representations based on the theoretical framework of Cultural History, confronting the information obtained through interviews and the knowledge published on websites and scientific articles. The categories of analysis arising from the interviews were: a) Different functions of the coach; b) Obstacles and recognition in the leadership position. The first category, related to the functions of the coach, addressed, in addition to issues of movement techniques and tactics, issues of support and the coach-athlete bond, preparation of training in an individualized manner, and also investigation of travel logistics, accommodation and accessibility. Regarding the second category, obstacles and recognition in the position, issues of low representation of women in the profession, especially women with disabilities, little space in the media and aspects that contribute to recognition such as tributes and publications were highlighted. In this way, it is expected to contribute through this research in the direction of preserving, researching and communicating their sports memories, the memories and stories of women protagonists of Brazilian parasports.

Keywords: History of Sport. Paralympic Sport. Coaches. Physical Education. Women.

3.1 INTRODUÇÃO

As práticas e representações culturais são noções bases dessa pesquisa e, a partir da perspectiva da História Cultural do Esporte conquistamos maiores proveitos

das análises a *posteriori*. O historiador inglês Peter Burke (1992) é um dos autores que embasa essa pesquisa, por manifestar aspectos da Nova História⁷ que condizem com as nossas indagações e produções teóricas. Burke (1992, p. 11) refere que uma das perspectivas da Nova História é que “toda a atividade humana” é construída cultural e socialmente e pode ser relatada. Além disso, essa história pode ter variações, pois não é imutável, como a História Tradicional assenta. O autor (Burke, 1992, p.12) manifesta que as estruturas sociais, econômicas e culturais são visadas na Nova História, diferente da História Tradicional em que a narrativa dos acontecimentos é o foco essencial.

Ainda, discorrendo sobre as divergências da História Tradicional e da Nova História, Burke (1992) explica que a História Tradicional foca em grandes feitos ou personalidades que conquistaram primeiras posições. Por outro lado, os novos historiadores se preocupam com “pessoas comuns e com sua experiência da mudança social” (Burke, 1992, p. 13). Ao citar as fontes de análise, o mesmo ressalta que a Nova História não se baseia somente em documentos e registros oficiais. Outros tipos de evidências também são pertinentes para contribuir na interpretação do passado. Nesse sentido, a História Tradicional é objetiva, com respostas pontuais e fatos entendidos como únicos. Já para a Nova História, existem versões a serem investigadas, compreendendo as particularidades e, principalmente, sabendo que não existe uma realidade e, sim, percepções e pontos de vistas sobre as realidades.

Outro ponto importante que difere essas duas visões de história é referente aos grupos sociais que se propõem a estudar. A História Cultural focaliza, na maioria das vezes, grupos que são invisibilizados pela História Tradicional. Isto pode ser percebido, por exemplo, em pesquisas produzidas sobre mulheres, pessoas com deficiência (PCD), indígenas, negros(as), entre outros grupos sociais e sujeitos que historicamente foram estigmatizados.

De acordo com o historiador cultural francês Roger Chartier (1988), a história, do ponto de vista assumido neste trabalho, singulariza-se pelo fato de manter uma relação com a verdade por meio de relatos, pretendendo reconstituir e tornar compreensível um passado que já existiu. Essa reconstituição se faz por meio de “indícios, isto é, da realidade reconhecida a partir de seus vestígios” (Chartier, 1988,

⁷ O autor utiliza o termo ‘Nova História’ em seu livro publicado no ano de 1992. Neste trabalho, fazemos uso do termo História Cultural.

p. 85). Este autor mostra que por se tratar de experiências vividas, a história não assegura a objetividade da disciplina, pois trabalha com incertezas do conhecimento produzido e, de tal modo, deve-se “encarar como possíveis, prováveis, verossímeis” (p. 86) as relações das representações com as práticas passadas.

Todo discurso histórico que se embasa nessa perspectiva da História Cultural se funda na constituição de representações – a partir de vestígios diversos – e nas relações entre as representações estabelecidas e as práticas. Para Barros (2011), as práticas e as representações são complementares, pois práticas (modos de agir) geram representações (modos de pensar e sentir) e representações geram práticas. Exemplo: manifestam-se determinadas representações acerca de um grupo social e isso reflete em práticas sobre essas representações. Com o passar dos anos essas representações podem se modificar, conseqüentemente as práticas circunscritas a essas representações vão se resignificando. O contrário também acontece, uma vez que práticas geram e fortalecem/enfraquecem representações. Com essa ótica, as noções de práticas e representações permitem investigar:

[...] objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e, por fim, as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes (Barros, 2011, p. 38).

Nesse sentido, de acordo com Chartier (1988, p. 17), “a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Nesta perspectiva, na visão do referido autor (1988), a representação é um conceito fundamental no que tange a compreensão e o funcionamento da sociedade. Desse modo, as representações estão ligadas às formas de como os grupos ou indivíduos “determinam posições e relações” (Chartier, 1988, p. 23).

Faz-se necessário elucidar a compreensão do que são práticas culturais e do que são representações culturais, visto que estas noções permearão a pesquisa. Conforme Chartier (1988, p. 23), as práticas exibem “uma maneira própria de estar no mundo”. As práticas são expressas pelos costumes, pelos hábitos, pelas condutas, entre outras formas de manifestações dos indivíduos. E, a partir desse entendimento, práticas geram representações e representações influenciam nas práticas. Segundo Burke (2005, p. 99), “representação” é um conceito central da História Cultural. Cada indivíduo percebe as situações e o mundo ao seu redor a partir de sua própria visão,

somado ao ambiente e suas experiências. Desta forma, há uma suposição de que a representação cultural é a forma de entender os fenômenos e as práticas que ocorreram no passado. Portanto, cada pessoa produz a sua representação cultural, interpretando a realidade a partir de suas concepções. Com isso, consideramos que existem diferentes formas de representações e elas estão em permanente modificação.

Por exemplo, uma atleta tem o hábito de se maquiar para competir em seu esporte. Essa prática gera representações culturais pessoais sobre sua ação e, também, dos outros indivíduos sobre ela. Se formos perguntar sobre o que ela sente e pensa a respeito dessa forma de se expressar (usando maquiagem), coletaremos informações sobre suas próprias representações culturais incidindo nessa prática cultural. Por outro lado, se perguntarmos para outras atletas, provavelmente podemos alcançar informações diferentes sobre a mesma ação. Desta forma, as representações culturais são diferentes para cada pessoa, mas não são estáveis, pois em outro momento podemos repetir a pergunta e podemos receber respostas diferentes da pessoa. Além disso, uma atleta pode ter essa prática cultural de se maquiar, enquanto outra atleta não se maquia. Então, dentro de um grupo, existem pessoas com práticas culturais diferentes, que geram representações culturais individuais também diferentes.

Burke (2005) diz que a cultura era, inicialmente, ligada às ciências e às artes, porém indica que a palavra cultura se encontra, atualmente, como um conceito mais amplo, relacionado a artefatos (imagens, ferramentas, casas, e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). As práticas esportivas, desse modo, são objeto de estudo da História Cultural e as representações culturais podem ser expressas de diferentes formas, inclusive pelas práticas esportivas. Trazendo esta discussão para a temática deste estudo, consideramos que as representações de mulheres treinadoras no cenário paraolímpico brasileiro de alto rendimento apresentam significados a serem revelados e interpretados.

Considerando-se esta concepção em relação às representações culturais, a teoria da História Cultural não procura verdades absolutas, mas entendimentos e versões a serem contadas por pessoas, propondo explicar, no formato plural, realidades. A historiadora brasileira Sandra Pesavento (2004, p. 9) elucida que há uma “ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras,

discursos, imagens, coisas, práticas”. Para a autora, a pesquisadora em história que se utiliza da História Cultural pretende “traduzir o mundo a partir da cultura” incluindo uma temporalidade transcorrida, com caráter de apresentar e descrever evidências do passado, a partir de uma narrativa histórica, ou seja, um entendimento memorável. Com Pesavento (2004, p. 21), neste caso, investigar as representações culturais de mulheres treinadoras seria pesquisar a forma como elas percebem a realidade e pautam a sua existência, acarretando em uma forma explicativa do real, presentificando um ausente e tornando sensível uma presença. A autora (2004, p. 21) afirma que “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”, ou seja, uma construção feita a partir do que foi vivido.

Diante de tais pressupostos teóricos, o objetivo do presente estudo foi elucidar que representações culturais foram construídas acerca de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. A seguir descreveremos sobre os caminhos metodológicos da coleta e análise das informações obtidas pelas entrevistas com as treinadoras de esporte paraolímpico. Após o tópico dos métodos, haverá a explanação dos resultados com a discussão. Por fim, apresentamos as considerações finais sobre o estudo e as referências utilizadas.

3.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste tópico encontram-se, de maneira descritiva, os instrumentos e técnicas que conduziram e influenciaram no processo de andamento da pesquisa: coleta de fontes orais por meio de entrevistas semiestruturadas, uso de imagens cedidas pelas participantes da pesquisa e bibliografia científica. Além disso, apresentamos o caminho percorrido na análise e na interpretação das informações encontradas. Braun e Clarke (2006) conceituam *corpus* como sendo todas as informações coletadas para a pesquisa. Para estas autoras (2006), dentro do *corpus* pode-se retirar conjuntos de informações para análises ou por proximidade temática ou pela forma de coleta (somente entrevistas, somente imagens, etc.).

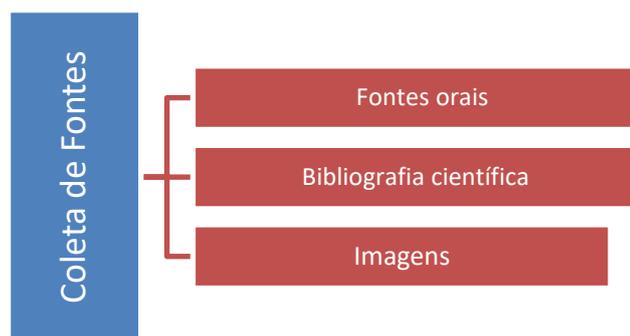
Trata-se de apresentar o *corpus* documental da pesquisa, ou seja, quais foram as matérias-primas que a compuseram – termo empregado por Barros (2005) em

referência às fontes. Determina-se, assim, a congruência entre os caminhos metodológicos e o referencial teórico adotado para embasamento do estudo. Acerca da constituição do *corpus* documental, Barros (2012) explica a importância de haver documentos adequados para o direcionamento da pesquisa a fim de responder os objetivos, buscando homogeneidade nas condições de produção das fontes e distinguindo as formas de coletas, em que para cada uma se propõe distinta maneira de tratamento.

a) Coleta e produção das Fontes

De forma a ilustrar como as diferentes fontes se constituem, apresenta-se o diagrama a seguir:

Figura 1 – Coleta de informações da pesquisa



Fonte: Autoria própria, 2023.

Fontes orais

A coleta de fontes orais foi realizada em formato *online*, devido à Pandemia do Novo Corona Vírus. Para exemplificar a situação do momento final da coleta de informações, de acordo com o Painel Coronavírus do Sistema Único de Saúde, atualizado em 21 de março de 2022, a pandemia no Brasil obteve um total de 29.641.594 casos confirmados e 657.302 pessoas mortas pela doença (Brasil, 2022). Assim, as visitas aos locais em que as participantes da pesquisa se encontravam, como por exemplo, campeonatos brasileiros, eventos paradesportivos, congressos científicos ou locais de atuação das treinadoras, etc., não se efetivaram como intenção no princípio da pesquisa.

Apesar da remodelação na coleta de informações, constatamos que o modelo online nos possibilitou o acesso a um número maior de participantes da pesquisa do que o previsto inicialmente. Inclusive, foi possível obter a entrevista com uma treinadora que reside fora do país. Conforme Costa (2018) foi feito o uso da técnica da Bola de Neve Virtual para encontrar as participantes do estudo, na qual a pesquisadora entrou em contato com pessoas que fazem parte do Movimento Paraolímpico pelo chat de conversas do *WhatsApp* e, nessa comunicação, houve o retorno dos números das treinadoras que poderiam contribuir para a pesquisa. Enquanto método, através de entrevista semiestruturada (Apêndice B), conforme Flick (2009, p. 143), “(...) é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”.

Boni e Quaresma (2005, p. 75) esclarecem que as entrevistas semiestruturadas “combinam perguntas abertas e fechadas, por meio das quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto”. Além disso, o entrevistador, por meio dessa forma de coleta de informações, consegue direcionar a entrevista através das perguntas para obtenção de respostas mais relacionadas aos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, vale ressaltar que a própria pesquisadora que realizou a coleta das entrevistas, orientando o diálogo.

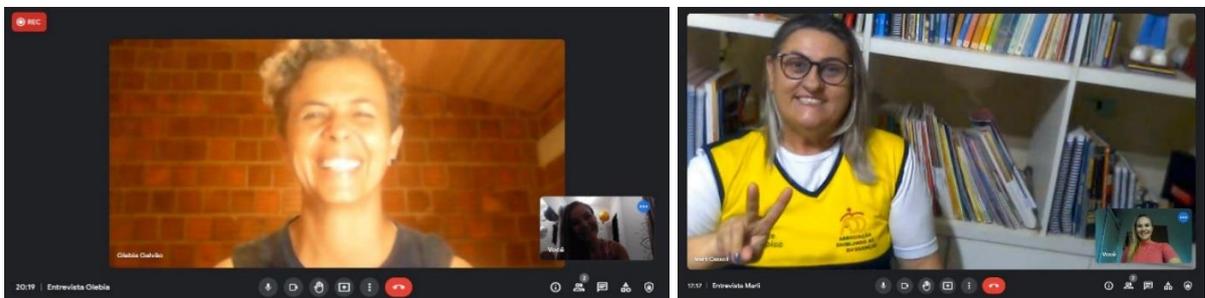
Inicialmente, do mês de agosto de 2020 a março de 2022, foram mapeadas quem seriam as treinadoras brasileiras que poderiam participar da pesquisa. Para tanto, elencou-se os seguintes critérios de inclusão: a) Mulheres; b) Brasileiras; c) Que experienciaram ser/estar treinadoras de um(a) atleta ou de uma equipe de seleção brasileira de esporte paraolímpico. A partir de então, procuramos averiguar nomes de treinadoras de alto rendimento de esporte paraolímpico em *sites* de entidades, em redes sociais públicas de equipes, na rede social do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e em escalões públicas de campeonatos. Além disso, por meio de ligações com treinadores(as) de esporte paraolímpico, os mesmos contribuíram enviando contatos de novos nomes que poderiam colaborar para a pesquisa. Assim formamos a lista composta por 18 mulheres brasileiras que pretendíamos entrevistar para a pesquisa.

Em seguida, enviamos convite via *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook* e e-mail em três momentos diferentes para a participação na presente pesquisa, a saber: dia

4 de janeiro de 2022; dia 13 de janeiro de 2022; e dia 11 de março de 2022. Nessa primeira aproximação realizamos a apresentação da autora e explicação sobre o estudo a ser realizado. As treinadoras que retornaram o contato aceitando participar do estudo tiveram as entrevistas agendadas e, previamente, obtiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e o roteiro semiestruturado da entrevista enviado por e-mail. As entrevistas, como anteriormente citadas, foram de forma *online*, por canal de reuniões virtuais (*Google Meet*).

A seguir apresentamos as 11 treinadoras participantes da pesquisa em ordem alfabética e com o seu tempo de entrevista: 1) Ana Cardoso (1h05min); 2) Ana Ramkrapes (1h29min); 3) Andressa Kruger (51min); 4) Daiane dos Santos (respondeu por escrito em arquivo Word); 5) Gabriele Bonfim (51min); 6) Gévelyn Almeida (1h52min); 7) Glébia Galvão (1h02min); 8) Marli Cassoli (1h17min); 9) Rosiane Farias (59min); 10) Soraia Izabel Corrêa Cabral (respondeu por escrito em arquivo Word); 11) Thais Aoki Saito (46min). O total de horas de coleta de informações foi de 10h07min. Em duas entrevistas houve o registro da tela com as treinadoras Glébia Galvão e Marli Cassoli, que são apresentadas a seguir, respectivamente.

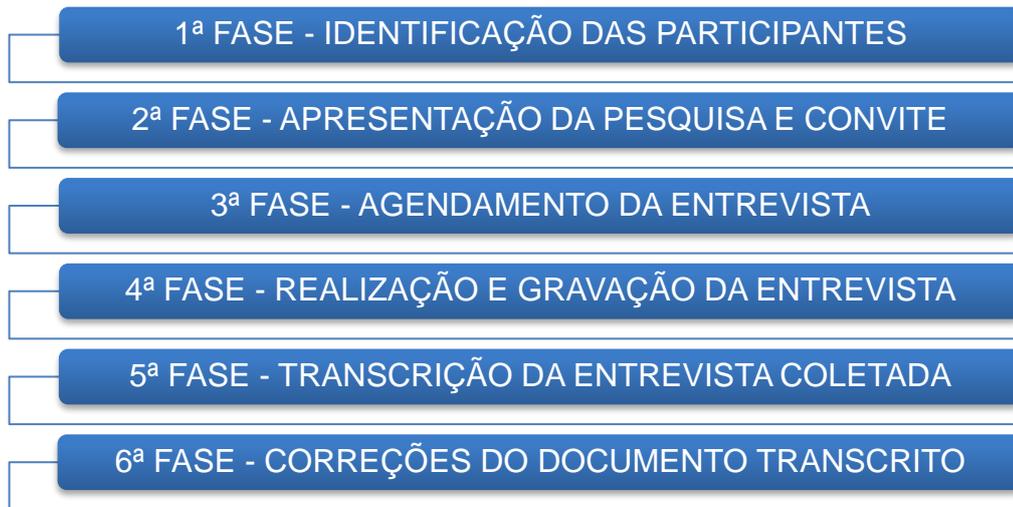
Imagem 1 – Registros da tela após entrevista *online*



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Vitória Sançotene (2022).

A partir das informações reunidas por meio de gravador de áudio pelo celular e de vídeo (ferramenta da plataforma utilizada para realização da pesquisa), houve o processo de transcrição literal das entrevistas, resultando em 155 páginas no Word. Segundo Braun e Clarke (2006), no momento de coleta e de transcrição já se inicia o primeiro estágio da análise temática, pois a pesquisadora se familiariza com os resultados obtidos. Após a transcrição de todas as entrevistas, cada participante recebeu o documento com sua entrevista transcrita para leitura individualizada. Nesse momento as participantes puderam realizar possíveis correções, supressões ou acréscimo de informações para posterior análise do manuscrito. Resumidamente, seguir, encontram-se as seis fases dessa coleta:

Figura 2 – Fases da coleta de entrevistas



Fonte: Autoria própria, 2023.

Destacamos que, entre a terceira e a quarta fase, as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), que foi produzido apresentando o título, os objetivos, os procedimentos, as garantias, direitos e demais informações necessárias para contextualizar o estudo.

Bibliografia científica

Além da coleta de fontes orais por meio de entrevistas com as participantes e interpretação das informações coletadas, foi feito um levantamento da bibliografia científica atual com o intuito de explorar os estudos na área e embasar a investigação, não somente em relação ao que se refere especificamente a mulheres treinadoras de esportes paraolímpicos, mas também que contextualizem as condições históricas do esporte em que estão inseridas, para narrar esse complexo sistema de significações. Para Creswell (2010, p. 51), “a revisão de literatura cumpre vários propósitos. Compartilha com o leitor os resultados de outros estudos que estão intimamente relacionados àquele que está sendo realizado”, estabelecendo relações entre os subsídios encontrados para fim de familiarização com o campo onde transita a pesquisa. Para tal, localizamos estudos nas bases de dados *Google Acadêmico*, *Lume UFRGS*, *Portal de Periódicos da CAPES*, *SciELO*, além de materiais encontrados nos *sites* das entidades ligadas ao CPB.

Nesse sentido, com o embasamento de Flick (2013), existem dois tipos de revisões de literatura: a revisão narrativa, que se utiliza de dados obtidos a partir das

fontes coletadas da pesquisa juntamente à literatura que dialogará com os achados; e a revisão sistemática que apresenta maior rigor metodológico, com artigos, dissertações e teses publicadas. Segundo Flick (2013), a revisão narrativa inclui tipos de literaturas diferentes, utilizando do fazer artesanal do pesquisador, enquanto a revisão sistemática apresenta critérios específicos de inclusão e exclusão de material, moldando uma pesquisa possível de ser replicada. Incorporamos na escrita da tese artigos e outros manuscritos a partir de uma revisão narrativa, discutindo com as fontes empíricas produzidas na pesquisa. Cabe ressaltar que não somente a literatura científica foi usada para a realização da pesquisa, mas também se incorporou a leitura da teoria acerca da História Cultural, além da apropriação metodológica e do acesso a *sites* institucionais.

Imagens

Com o intuito de ilustrar momentos vividos pelas mulheres entrevistadas, emergiu a possibilidade de inclusão de imagens na presente pesquisa. Voltando a atenção para tal, fizemos a solicitação para as próprias participantes da pesquisa como uma forma complementar de procedimento de coleta. Assim, algumas das treinadoras participantes da pesquisa nos encaminharam imagens que fizessem relações com suas trajetórias relacionadas ao ser/estar treinadoras de esportes paraolímpicos.

Havia a possibilidade de irmos às redes sociais das participantes para averiguarmos como elas se representavam em seus perfis pessoais e, se tivessem, profissionais. Porém, optamos por deixar essa escolha das imagens para as mesmas, pois a ação foi feita de forma livre e acreditamos que contribuem para expressar o que elas nos relatam nas entrevistas. Conforme Flick (2009, p. 222) “as fotografias tem uma alta qualidade icônica, o que pode auxiliar a ativar as lembranças de pessoas ou a estimulá-las/encorajá-las a elaborarem enunciados sobre situações e processos complexos”. Das 11 participantes da pesquisa, oito mulheres enviaram fotografias suas em campeonatos, eventos esportivos, premiações, dentre outras. Entendemos que as imagens produzidas e encaminhadas por elas geraram *insights* para nossa interpretação e discussão das fontes.

b) ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS FONTES

Para a realização da interpretação do material empírico obtido, utilizamos os procedimentos da técnica de Análise Temática (Flick, 2009; Braun e Clarke; 2006). Em consonância com o referencial, o primeiro passo da análise foi encontrar os temas em comum nas explicações das treinadoras, gerando conjuntos. Em seguida, descrever os conteúdos de maneira geral sobre o que as treinadoras falaram e fazer a interpretação dos detalhes e do particular, sem generalizações.

Além disso, ocorreu a descrição dos contextos socioculturais inscritos. Já nessa parte inicial, a análise começou junto ao processo de coleta de informações, em que a pesquisadora anotou ideias, esquemas, organizações que fizeram sentido para codificar *a posteriori*. Vale ressaltar que as análises qualitativas não são necessariamente lineares e nem dispõem de regras enrijecidas a serem seguidas (Braun; Clarke, 2006). Destacamos que as fontes orais fornecidas pelas treinadoras foram produzidas no ano de 2022, ou seja, estiveram atravessadas por uma época no sentido cronológico e por visões, conceituações e debates no sentido cultural, social e político. Além disso, procuramos demarcar o espaço, principalmente ressaltando a modalidade paradesportiva envolvida, para contextualizações das especificidades.

Após descrição, houve a nomeação dos temas gerais e, por fim, a escrita da análise final, para além da exposição das informações, discutindo com a literatura científica da área, com os objetivos da pesquisa e com os conhecimentos prévios da pesquisadora. Cabe referir que, possivelmente, alguns dados foram separados e descartados por não tratarem do assunto da pesquisa. As categorias de análise foram: as diferentes funções da treinadora; obstáculos/dificuldades e reconhecimento na posição de liderança. Estas categorias não foram escolhidas de maneira arbitrária, mas sim por recorrência dos temas nas respostas das treinadoras entrevistadas.

Da mesma forma que no início da análise houve a leitura de maneira repetida e ativa das informações coletadas; nessa última fase, também foram feitas leituras repetidas e ativas para a verificação de congruência na produção textual, a fim de concluir a investigação.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo investigou que representações culturais foram construídas acerca de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Com as fontes orais produzidas para a pesquisa e imagens das treinadoras, destacamos questões que envolvam o contexto sociocultural no ambiente do esporte paraolímpico de alto rendimento. Por meio da Análise Temática houve o tratamento das informações produzidas pelas fontes orais, alocando em conjuntos os temas que se aproximassem para se relacionarem e para dialogar com matérias em sites e publicações no campo científico sobre o assunto. Desse modo, refletimos sobre esse grupo social, as possíveis imposições sociais e culturais, as conquistas por espaço e suas resistências e outras questões que emergiram das fontes nessa direção.

Os estudos sobre a temática da liderança no esporte discorrem, na sua maioria, enfocando os treinadores homens ou sem referir explicitamente se são treinadores ou treinadoras. Sobre a relevância desse(a) profissional Cardoso *et al.* (2019) mostram que o incentivo do treinador foi o motivo mais considerado para a continuidade de atletas na prática do Para Atletismo e da Para Natação no Brasil. Conforme 95% dos participantes da pesquisa (2019), esses profissionais ganham destaque no que diz respeito a continuidade no esporte paraolímpico por parte dos atletas frente a outros aspectos também levantados como as participações em competições esportivas, por exemplo.

Os autores Cardoso *et al.* (2019) ponderam que os(a) professores(a) de educação física e treinadores(as) devem ser capacitados(as) para trabalhar com as modalidades paralímpicas, pois os conhecimentos específicos contribuem para desenvolver o(a) atleta no seu processo esportivo. Acerca dos conhecimentos mencionam a importância do suporte psicológico do(a) atleta, a motivação e o fortalecimento da confiança e promoção da autonomia.

Neste sentido, a treinadora Rosiane Farias (2022) nos explicou a realidade vivida por ela em 2018 e 2019, quando já era treinadora da atleta paulista Beth Gomes, integrante da seleção brasileira paraolímpica. Contou que quando a atleta viajava representando o Brasil fora do país não acompanhava na viagem:

[...] eu via tudo aqui de fora: eu no Brasil e ela lá no Canadá. Ela na França, ela no Qatar, eles vão longe, sabe? Não é a mesma coisa. Eu sempre tive essa coisa, essa sensação interior, se eu estivesse lá? Seria diferente. Não tem como não ser... Você estar presente com seu atleta. Eu como fui atleta, se você

olhar nosso treinador ali, é algo diferente. Não precisa falar nada, mas tipo assim, é uma confiança, se eu estiver errando ele vai ser a primeira pessoa a corrigir. Pelo menos eu tinha isso. Eu sempre tinha um desempenho diferente quando ele estava presente (Farias, 2022, p. 10).

Vale ressaltar que essa situação das treinadoras nem sempre acompanharem seus(uas) atletas também foi citado pela treinadora Glébia Galvão (2022) que nos Jogos Paralímpicos de Tóquio realizados no ano de 2021 não acompanhou seu atleta na competição devido à Pandemia de Covid-19 e nos contou que foram mais de 40 dias de comunicação pelo *WhatsApp* (aplicativo de mensagens). E ainda a treinadora destacou um diálogo com seu atleta:

Ele queria muito que eu fosse pra Tóquio, eu até perguntei isso pra ele: Cara, aquela beliscada lá no bronze, o que que aconteceu? Na hora que eu falei com ele depois da prova, ele disse: depois eu te falo. Depois falou no Brasil, imagina, você tá há 5 anos com a mesma pessoa, 5 anos, o ano todo com essa pessoa, no dia mais importante da sua vida, ela não tá... então você vai fazer o quê? Eu tentei, mas não consegui (Galvão, 2022, p. 12).

Nessa direção, a treinadora Glébia Galvão explica que essas viagens a campeonatos são investimentos que as instituições e entidades deveriam fazer, pois alavancariam as potencialidades dos(as) atletas, bem como aumentariam as experiências profissionais das treinadoras. Sobre acompanhar sua atleta, a treinadora Rosiane Farias esteve nos Jogos Parapan-Americanos no ano de 2019, em Lima (Peru), no qual a atleta se consagrou medalhista de ouro, atingindo pela primeira vez o recorde mundial. Em seguida, no mesmo ano em Dubai (Emirados Árabes Unidos), a atleta e a treinadora conquistaram juntas o Campeonato Mundial de Para Atletismo. Ainda, a treinadora foi convocada para os Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020, evento realizado no ano de 2021, no qual a atleta superou, novamente, o recorde mundial e, desta vez, também o recorde paraolímpico. Nota-se que o vínculo entre treinador-atleta e atleta-treinadora também se encaixa na categoria de análise referente as diferentes funções da treinadora.

Cabe retomar que representações culturais são formas que os indivíduos descrevem e explicam as realidades. Portanto, aqui se destacam as primeiras representações acerca das funções da treinadora. Ressaltou-se, na entrevista, que o desempenho da atleta pode estar intimamente relacionado com a presença da treinadora e sua motivação. A imagem a seguir contribui para retratar a importância da presença da treinadora em um grande campeonato ao lado de sua atleta.

Imagem 2 – Conquista do bicampeonato nos Jogos Parapan-Americanos em Lima (Peru) no ano de 2019



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Rosiane Farias (2022).

Sobre as conquistas, em uma entrevista cedida a assessoria de comunicação do CPB a atleta Beth Gomes reconhece o trabalho de sua treinadora:

Eu venho treinando para as duas provas, arremesso de peso e lançamento de disco. Para mim, foi uma grande surpresa ter batido esse recorde. Quando a gente tem determinação nos treinamentos, foco e perseverança, a gente chega aos nossos objetivos. É isso que vim fazer hoje, aqui, com a minha técnica Rosiane Farias (Assessoria de comunicação do Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022).

A treinadora Rosiane Farias comenta que essas ocasiões ficaram registrados em sua memória e nos encaminhou fotografias para ilustrar esses momentos. Fiorucci (2010) refere que a memória é uma representação do passado vivido e que os relatos são individuais, pois cada agente histórico experiencia, entende e externaliza da sua forma, com sua interpretação, sendo marcado e atravessado por contextos sociais, culturais e de tempo. Além disso, o autor (2010) comenta sobre a fluidez e a subjetividade da memória, em que os relatos podem sofrer alterações e essas alterações são “um recurso da história e não um problema” (Fiorucci, 2010, p. 12).

Imagem 3 – Treinadora e atleta vencem juntas o ouro paralímpico em Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Rosiane Farias (2022).

A imagem acima foi tirada no dia 30 de agosto de 2021, em que a atleta Beth Gomes se consagrou campeã paraolímpica, com recorde mundial e recorde paraolímpico da classe F52 no lançamento de disco. Sublinhamos que dia 12 de julho de 2023, aos 58 anos, a atleta Beth Gomes conquistou o bicampeonato no Mundial de Para Atletismo no lançamento de disco e no arremesso de peso, ambos conquistando o recorde mundial, com a orientação da treinadora Rosiane Farias (Dilon, 2023; Farias, 2023). Ainda, a treinadora encaminhou o registro com profissionais (treinadores(as), fisioterapeutas e apoio) que compuseram parte da delegação da seleção brasileira nos Jogos Paralímpicos realizados em 2021 em Tóquio (Japão).

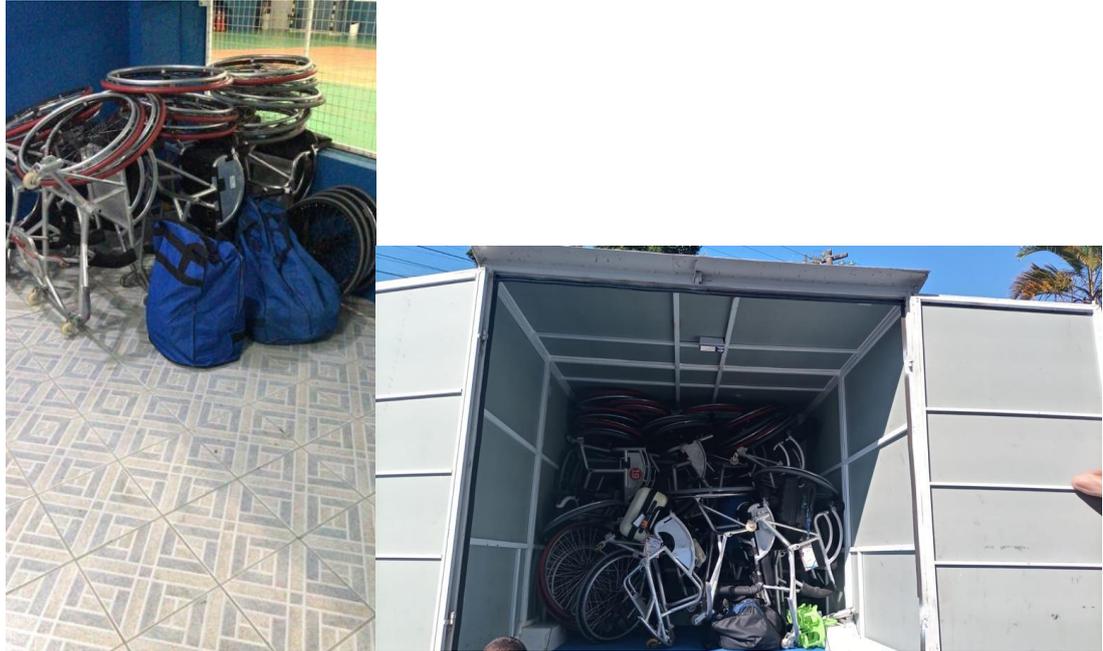
Imagem 4 – Parte da delegação brasileira presente em Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Rosiane Farias (2022).

Nesse sentido, sobre propósitos e conquistas, a treinadora Soraia Cabral (2022, p. 2) entende que as motivações para a carreira de treinadora são: “alcançar objetivos, observar as estratégias” e estudar os treinos de maneira individualizada para chegar no sucesso. Porém, as tarefas de uma treinadora e um treinador vão além da prescrição de treinamento. A treinadora Thais Saito (2022) comenta que a partir do momento da divulgação do período e do local da competição, a treinadora já começa a planejar qual ou quais atletas irão competir. Depois faz a verificação de questões de transporte, pois deve considerar a presença de pessoa que utiliza Cadeira de Rodas (CR), se o ônibus tem elevador ou não, ou seja, demonstrando que a atuação vai além das 5h por dia de treinamento desportivo. Assim, a treinadora nos mostra que averiguar logística e acessibilidade também são pertinentes ao seu trabalho. Nessa direção, o acervo da treinadora Gévelyn Almeida contribui para visualização do contexto explanado pela treinadora Thais Saito.

Imagem 5 – Organização das cadeiras de rodas para competição



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Gévelyn Almeida (2023).

Além disso, a treinadora Gabriele Bonfim (2022, p.2) disse que para ela “um dos momentos mais bacanas é acompanhar os atletas nas provas” e encaminhou a imagem abaixo que ilustra a situação.

Imagem 6 – Suporte da treinadora com seu atleta nos Jogos Paralímpicos de Tóquio (Japão) 2020 realizados em 2021



Fonte Acervo pessoal da treinadora Gabriele Bonfim (2022).

Da mesma forma, compartilhando uma imagem que apresenta um cenário de entrosamento treinadora-atleta, a treinadora Glébia Galvão (2022, p.2) diz: “...Fui como guia da minha atleta cega, ganhamos medalha de ouro nos 100m rasos, foi um dia muito emocionante para mim”. Ou seja, percebe-se que a treinadora exerce funções diferentes ao longo de sua trajetória profissional.

Imagem 7 – Treinadora atuando como atleta-guia



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Glébia Galvão (2022).

A atuação dessas treinadoras pode ser considerada complexa, uma vez que transita em diferentes frentes e ações. Ainda, ressalta-se a motivação da treinadora Thais Saito (2022, p.2) que manifestou: “aquele aluno precisa melhorar, eu preciso melhorar mais pra poder dar conta de auxiliá-lo, ajudar nos treinos, então acho que isso motiva mais a gente quando a gente tem alguém que também quer melhorar, né?”. De acordo com Lima (2021) a excelência do esporte paraolímpico brasileiro se dá, entre outros fatores, por fatores relacionados ao apoio de professores(as)/treinadores(as), incluindo o aspecto de haver profissionais qualificados(as) nesse contexto. As imagens a seguir foram encaminhadas pela treinadora Thais Saito e evidencia sua motivação em evoluir para fazer seus(uas) atletas se desenvolverem, onde a primeira imagem foi nas Paralimpíadas Escolares em Brasília no ano de 2009 e a segunda imagem foi dez anos depois nos Jogos Para Pan-Americano em Lima (Peru).

Imagem 8 – Alcançando resultados em uma trajetória profissional de constante desenvolvimento



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Thais Saito (2022).

Imagem 9 – Treinadora presente nos Jogos Para Pan-Americanos em Lima (Peru) em 2019



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Thais Saito (2022).

No ato de enviar as imagens, as treinadoras relatam os momentos vividos e, percebe-se que além do papel fundamental da treinadora para o(a) atleta, situações de apoio, confiança e dedicação também são representativas nas memórias afetivas das treinadoras. O ato de contribuir para a entrada na água na imagem da treinadora

Gabriele Bonfim ou para guiar sua atleta na pista na imagem da treinadora Glébia Galvão demonstrou espaço de visibilidade frente a outros assuntos que poderiam emergir. Além disso, a motivação que a treinadora Thais Saito (2022) relatou que sente ao perceber que o(a) aluno(a)/atleta tem intenção de seguir carreira ou de se aprimorar no esporte faz ela buscar novos recursos, novos conhecimentos e se atualizar ainda mais.

Essa manifestação também se deu pela treinadora Daiane dos Santos (2022, p. 1), quando disse que sua motivação para ser treinadora é gostar de “ver a evolução pessoal e a realização de cada atleta”. A treinadora transita no contexto paraolímpico e surdolímpico. Nas imagens a seguir apresentamos, respectivamente, a treinadora à frente da equipe que representou Blumenau (SC) nos Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (PARAJASC) no ano de 2021 e a treinadora com seu atleta na Surdolimpíadas Nacional de 2021 onde acompanhou a seleção brasileira masculina e feminina de natação para surdos.

Imagem 10 – Uma equipe repleta de medalhas e troféus representando Blumenau (SC) no PARAJASC de 2021



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Daiane dos Santos (2022).

Imagem 11 – Treinadora Daiane dos Santos com atleta Vinícius Judes na Surdolimpíadas Nacional de 2021



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Daiane dos Santos (2022).

Na foto imagem acima a treinadora explica que o atleta Vinícius Judes, treinado por ela, obteve quatro índices no campeonato e foi convocado para a Deaflympics, que é a Surdolimpíadas de verão. Em uma postagem na rede social do atleta foi publicado no dia 26 de maio de 2022 os índices que o atleta alcançou nas provas, em que obteve 17^a posição no ranking mundial na prova de natação dos 50m peito, também em 17^a posição no ranking mundial nos 100m peito e 21^a colocação nos 50m livre (Judes, 2022). Cabe destacar que nesta publicação há um espaço em que a treinadora descreve que “houve uma melhora sensacional em todos os tempos do atleta e os resultados os deixaram muito felizes!” (Judes, 2022). Essas iniciativas trazem visibilidade e valorizam o trabalho da treinadora.

Com calendários de treinos, torneios e viagens, a treinadora Daiane dos Santos (2022, p.1) relata em sua entrevista que antes de ser treinadora sua vida era “mais calma e com tempo” para ela e sua família. Nesta mesma direção, Facundo *et al.* (2019) ressaltam que o treinador de esporte paraolímpico apresenta mais particularidades em sua rotina de trabalho quando comparado com o de esporte olímpico. No relato das treinadoras ligadas ao esporte paraolímpico são listadas as diferentes funções que desempenham: acompanhamento dos(as) atletas em provas, a intimidade e a segurança que os(as) atletas tem com a treinadora, a comunicação

verbal e não verbal gerada pela convivência, o planejamento estratégico e logístico dos locais para alojamento, treinos e transportes. Ressaltamos que essas foram formas subjetivas de apresentação de suas próprias percepções.

Nessa direção, Martinho (2019) discorre sobre a conceituação de segurança psicológica no desporto, mostrando a importância dos(as) atletas se sentirem seguros nas tomadas de decisão e alterações de comportamentos. Considera que esse conceito vai além da “confiança”, pois gera respeito mútuo entre as partes, facilitando a aprendizagem. Da Silva *et al.* (2021, p. 2) ressaltam que o sucesso pode estar associado à relação treinador-atleta, uma vez que “conflitos interpessoais pode acarretar o desinteresse e infelicidade do atleta”, agindo no desempenho esportivo. Ainda há situações “extracampos” que o(a) treinador(a) deve lidar.

Para além dos conhecimentos específicos na área, o treinador de atletas com deficiência verifica locais de treinamentos, competições e alojamentos que dispõem de acessibilidade, bem como providencia materiais e equipamentos adaptados para a prática esportiva. A pesquisa de Facundo *et al.* (2019) coletou informações, por meio de *e-mail*, de 107 profissionais de educação física que participaram da delegação paralímpica brasileira nos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Do total de mensagens eletrônicas enviadas, 48 profissionais responderam, sendo 13 excluídos da amostra por não serem treinadores. Dentre o total restante de 35 treinadores, apenas uma era mulher. Este dado, apesar de não ser o foco da investigação dos pesquisadores em questão, reflete a situação de discrepância numérica em que a mulher treinadora de esporte paraolímpico no Brasil se encontrou no ano de 2016 em relação aos seus pares profissionais e que, provavelmente, permanece até os dias atuais.

Sublinha-se que os treinadores – que transpomos também para as treinadoras, através das relações estabelecidas – são considerados por atletas paraolímpicos como personagens importantes em seus processos de desenvolvimento. Ainda, nota-se a diferença entre mulheres e homens nesse cargo no esporte olímpico e que, a partir do levantamento inicial, se verifica a diminuta participação das mulheres como treinadoras no esporte paraolímpico. Diante de tal realidade, incorporamos no estudo a imagem a seguir que simboliza a mulher no campo paradesportivo de alto rendimento.

Imagem 12 – A conquista pela vaga do maior campeonato para pessoas com deficiência do mundo:
Jogos Paralímpicos Tóquio 2020



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Ana Cardoso (2022).

Na fotografia conseguimos perceber o entusiasmo, a força e o empenho da treinadora Ana Cardoso no comando da sua equipe de basquete em CR. A própria treinadora (2022, p.2) expõe: “essa foto representa quando conseguimos vaga para Tóquio, para mim representa a alegria coletiva em um grito único”. Ana Cardoso foi treinadora da seleção brasileira feminina em 2009 e da masculina em 2023, além de já ter atuado como treinadora em outros países.

Essas manifestações estão inseridas, nesta pesquisa, no conjunto que denominamos de obstáculos/dificuldades e reconhecimento na posição de liderança. Compreendemos que obstáculos/dificuldades e reconhecimento podem estar numa mesma categoria de análise porque, apesar de serem questões distintas e, por vezes, opostas, podem dialogar enquanto possibilidades – negativa e positiva – do percurso da profissão de treinadora. Também se compreende que esses dois polos não são estanques e que algumas trajetórias transitam por ambos. E, identificar os obstáculos/dificuldades das realidades pode contribuir para aumentar as possibilidades de enfrentamento (ação) e desconstrução (atitudinais, conceituais e socioculturais) conjunta ou individual.

No sentido de estender as áreas estudadas e evidenciar temas que cercam a pesquisa, como anteriormente explanado, algumas informações sobre mulheres

treinadoras no âmbito olímpico servem para relacionar os achados com mulheres treinadoras no paraolímpico, uma vez que o processo, possivelmente, se dá com muitas semelhanças. Do mesmo modo, pesquisas sobre a presença da mulher no esporte paraolímpico podem nos trazer vestígios para interpretarmos este fenômeno, neste caso relacionando com atletas paralímpicas.

Begossi e Mazo (2016, p. 144), ao pesquisarem sobre mulheres atletas no esporte paraolímpico, dizem que a carência de estudos relacionados a essa temática da mulher no esporte paraolímpico pode dar uma “falsa impressão de que elas não tiveram protagonismo”. Corroborando com as autoras, pode-se dizer que a temática da mulher treinadora de esporte paraolímpico também carece de mais espaço e visibilidade. Nesse sentido, Begossi e Mazo (2016), ao tratarem de mulheres atletas, evidenciam que este tipo de estudo privilegia sujeitos históricos, ou seja, que fizeram parte de acontecimentos e, de uma forma mais ampla, do fenômeno do esporte paraolímpico brasileiro. Com esse viés, a imagem a seguir traz uma homenagem destinada à treinadora Marli Cassoli e que se soma à categoria de análise acerca dos obstáculos/dificuldades e reconhecimento na posição de liderança.

Imagem 13 – Homenagem do governo do estado de Mato Grosso do Sul: Reconhecimento e parabenização ao protagonismo – mulher no esporte



Fonte Acervo pessoal da treinadora Marli Cassoli (2022).

A visibilidade gerada com essa homenagem coloca a treinadora em evidência, podendo se encaixar como uma forma de reconhecimento do trabalho realizado pela treinadora, sendo incluída na segunda categoria de análise deste artigo. A treinadora Marli nos relata que começou a atuar na educação física e PCD a mais de 30 anos. Para ela ser mulher no esporte paraolímpico no Brasil é “[...] muito desafiador, sobretudo na modalidade de atletismo, durante muitos anos dominada por treinadores masculinos (Cassoli, 2022, p. 1). A treinadora continua sua reflexão expressando “mas, as pioneiras, dentre elas: eu! Não fugiram à luta e foram fundamentais para o avanço de mulheres treinadoras” (Cassoli, 2022, p. 1).

Assim como a treinadora Marli Cassoli, a treinadora Soraia Cabral (2022) também experienciou o esporte paraolímpico por muitos anos e, em sua entrevista, transmitiu o quanto sua carreira significa em sua vida: “Antes de ser treinadora eu era atleta e as minhas melhores técnicas eram mulheres, não consigo me lembrar como era minha vida antes disso”. E, em seguida a treinadora completa: “Muitas vezes pensei em desistir, mas como já falei acima, não consigo lembrar o que era antes de ser técnica” (Cabral, 2022, p. 3).

Segundo Ferreira *et al.* (2013), apesar da mulher ter conquistado mais espaço ao longo do tempo nas práticas esportivas, principalmente, na posição de atleta, no que se refere a comando esportivo os homens ainda prevalecem, sendo desigual o campo de atuação como treinadora e tornando esse um ambiente de trabalho e aspirações limitado. Segundo os autores, as oportunidades (expectativas e perspectivas futuras), as estruturas de poder (visibilidade e relevância do cargo) e proporção (grupo dominante e minoria dentre o grupo) são barreiras enfrentadas para ascensão e permanência de mulheres treinadoras. Para Kanter apud Ferreira e *et al.* (2013, p. 108) “os três determinantes interagem em forma de retroalimentação, o que significa que oportunidades criam mais oportunidades, assim como poder gera mais poder”. Ainda, segundo o autor, “essa inter-relação produz um ciclo de vantagens para o grupo dominante e um ciclo de desvantagens para o grupo minoritário” (2013, p.108).

Cabe ressaltar que, sobre visibilidade, a treinadora Andressa Kruger (2022, p.15) diz que o esporte paraolímpico “não é muito visto, apesar de estar começando a ter mídia, mas é pouco ainda, a maioria das coisas que passam sobre esporte paraolímpico é na tv fechada”. Deste modo, cabe a reflexão sobre os papéis da mídia,

em que um deles é de poder contribuir para gerar ou modificar representações culturais de diversos conteúdos desportivos para a população, como um meio de divulgação do conhecimento, de regras, de representatividade, de história e memória. Vale lembrar que mídia, nesse estudo, se refere a diversos meios de comunicação, como televisão, rádio, jornal, revistas, redes sociais, *sites*. A treinadora Glébia Galvão, por exemplo, juntamente com seu atleta Jeohsah Beserra dos Santos, realizou uma campanha nas redes sociais para Tóquio 2020 que se chamava “De Pesqueira-PE para Tóquio”. Segundo a treinadora, foram cinco anos de muito trabalho e dedicação que “construíram um sonho” (Galvão, 2022, p. 1). Destacamos que o acesso à internet e o uso das redes sociais, atualmente, assumiram um papel significativo na vida das pessoas e, utilizar da tecnologia como um meio de difundir informação e divulgar histórias e campanhas gera aproximação com a sociedade como um todo.

Imagem 14 – Treinadora realiza campanha com atleta para Tóquio 2020



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Glébia Galvão (2022).

Dentro dessa temática, Bataglion e Mazo (2020) catalogaram notícias publicadas no *site* do CPB, que também pode ser considerado uma mídia, mas específica do esporte para PCD, e encontraram em seus resultados que de 16 de março a primeiro de junho de 2020 os assuntos levantados se referiam à pandemia de Covid-19, por se tratar do primeiro período da doença no país. E, mesmo nessa situação única e de emergência na saúde, o paradesporto brasileiro se manteve ativo

de maneira *online*, com *lives*, atualizações sobre o cenário mundial paraolímpico (Bataglion; Mazo, 2020).

As autoras (2020) não encontram no *site* do CPB, nesse período, publicações sobre treinadoras ou treinadores, somente sobre a pandemia, os treinamentos e os(as) atletas. Porém, em abril de 2022, nesse *site*, houve uma publicação destinada à treinadora Ana Cardoso e a mesma nos encaminhou, com o seguinte título: “Com técnica mulher na comissão, Seleção Brasileira de Basquete em CR inicia treinos no CT Paralímpico com foco na Copa América”. E, na descrição da publicação encontra-se informações sobre a treinadora:

Ana já atua no paradesporto desde 1997 e foi treinadora da equipe brasileira feminina da modalidade em 2009. Também teve experiência internacional ao comandar as seleções da Letônia e da Colômbia, além de clubes na Itália (Assessoria de comunicação do Comitê Paralímpico Brasileiro, 2022, p. 1).

Os destaques apresentados pelo CPB colocaram em evidência os feitos da treinadora, demonstrando que a mesma construiu uma trajetória internacional. Ainda sobre a mídia, Santos *et al.* (2019) analisaram a cobertura do jornal Folha de São Paulo entre os anos de 1992 e 2016, demonstrando em seus achados que a visibilidade foi sendo aumentada gradativamente durante os anos. Além disso, as autoras citam na pesquisa (2019) que atletas com deficiência física, atletas com maior número de medalhas e atletas da Para Natação e do Para Atletismo conquistaram mais espaço nas reportagens jornalísticas investigadas.

Sobre ser pioneira como mulher treinadora da seleção brasileira de Rugby em CR, a treinadora Ana Ramkrapes (2022, p. 14) disse: “...as primeiras mulheres sempre vão ter mais dificuldade, mas o objetivo é esse, para que as próximas que vierem não precisem reinventar a roda e ter que quebrar o muro que já tá quebrado”. E, sobre ter sido referência, a treinadora conta que lembra de uma menina que virou treinadora e que tinha sua atuação profissional como exemplo:

[...] a mulher virou técnica de uma equipe de segunda divisão e um dia ela disse que queria ser igual a mim e eu cheguei à conclusão que não estava tendo a noção de que às vezes elas olham para mim e pensam que dá para chegar em tal lugar, mesmo que não seja seleção dá para fazer um trabalho aqui e eu via que algumas atitudes dela acabavam sendo iguais as minhas em impor o respeito. Às vezes eu não tenho essa noção de que tem gente olhando, não digo se inspirando, mas vendo o que dá pra fazer (Ana Ramkrapes, 2022, p. 14).

Nessa direção, também se destaca a importância de mulheres com deficiência como treinadoras de esporte paraolímpico de alto rendimento. A treinadora Gévelyn Almeida (2022) apresentou em sua entrevista aspectos relacionados a sua vida

peçoal, explicando que nos anos 2000 adquiriu deficiência física por conta de um acidente de trânsito. Essa nova realidade que se apresentou a Gévelyn Almeida, desenvolveu nela um olhar atento à acessibilidade, à inclusão e, pelas palavras da treinadora, iniciou sua “militância” pelos direitos da pessoa com deficiência. Abaixo destacamos uma imagem que a treinadora nos encaminhou.

Imagem 15 – Treinadora, mulher e pessoa com deficiência em cargo de liderança no esporte paraolímpico de alto rendimento



Fonte: Acervo pessoal da treinadora Gévelyn Almeida (2022).

Cabe ressaltar que de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência - [Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015](#)):

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015).

O artigo de Garcia (2014) aponta que, de acordo com o Censo Demográfico de 2010, as PCD se encontravam em menores números relativos a empregos formais em relação às pessoas sem deficiência e, além disso, muitas vezes em situações precárias de trabalho. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta em seu *site* que a mesma informação permanece nos últimos dados apresentados, sendo um elevado nível de analfabetismo e baixo número de empregos formais (IBGE, 2019).

Portanto, a partir de suas falas, uma mulher com deficiência como a Gévelyn Almeida sendo atleta e treinadora de esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil se percebe como uma personagem de grande expressão no cenário por ser quem ela é. Com essas informações, destacamos o estudo de Cidade e Ferreira (2002), que explicitaram, na época, a necessidade de haver mais iniciativas para a participação da mulher com deficiência no esporte. O artigo também cita o incentivo da mulher com deficiência em posição de liderança. Podemos fazer um contraponto com a nossa pesquisa, em que as fontes orais foram coletadas no ano de 2022, ou seja, 20 anos depois da publicação do artigo de Cidade e Ferreira, e que de 11 treinadoras apenas uma treinadora tem deficiência física e outra treinadora é surda de um ouvido. Esse fato pode demonstrar ainda uma baixa representatividade de mulheres com deficiência como treinadoras de esportes paraolímpicos.

Apesar de a treinadora nos relatar que já sentiu e vivenciou consigo capacitismo dentro do próprio movimento paraolímpico, Seron *et al.* (2021) consideram que o esporte paraolímpico é uma ferramenta anticapacitista que desconstrói percepções errôneas sobre a deficiência. Alvis-Gómez e Neira-Tolosa (2013) incentivam políticas nacionais desportivas que contribuam para uma inclusão em diferentes setores, relacionando as PCD ao seu meio, oportunizando a inserção e dando o suporte para a permanência desse grupo no esporte e destacam que há uma estigmatização sobre a mulher com deficiência, gerando ainda mais exclusão desse grupo social.

Imagem 16 – A mulher com deficiência em posição de liderança



Fonte Acervo pessoal da treinadora Gévelyn Almeida (2022).

Gévelyn Almeida ocupa o espaço de liderança com sua permanência no paradesporto a partir de perspectivas diferentes de mulheres que não tem deficiência. Sublinha-se que o IBGE realizou o Censo de 2022 e ainda não tem a publicação referente ao número de PCD no Brasil e, desta forma, a última publicação, do ano de 2010, se vale como a mais atualizada. Deste modo, baseado no Censo de 2010 existem 45.606.048⁸ pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil em um total de 190.755.799 pessoas na época, equivalendo a $\pm 23\%$ da população. Os números expressivos de PCD declaradas no nosso país denotam ainda mais a representatividade da treinadora Gévelyn Almeida para diminuição do preconceito e aumento da inclusão social.

Essa visibilidade através de imagens e enunciação corroboram com os pressupostos de Gesser, Block e Mello (2020, p. 17) que estimulam pesquisadores e pesquisadoras a produzir estudos anticapacitistas, como forma de acolhimento da “diversidade corporal”. As autoras, dialogando com outras investigações e autores(as), explicam sobre o capacitismo, uma vez que essa forma de opressão se dá pela normatividade dos corpos. E, as mesmas percebem relações entre o capacitismo e “outros sistemas de opressão como o sexismo, o racismo, a LGBTfobia [...]”. Sendo assim, relatam que estudos que trazem a temática da mulher e da deficiência, bem como a nossa pesquisa nesse momento, apresentam questões culturais empregadas a partir da interseccionalidade dessas questões das Ciências Sociais, demonstrando que os estudos da deficiência evidenciam “fenômenos sociais” (Gesser; Block; Mello, 2020, p. 25).

Desse modo, listamos os obstáculos/dificuldades e reconhecimento na posição de liderança os seguintes aspectos: ainda existem poucas mulheres em relação aos homens como treinadoras de esporte paraolímpico, principalmente no que se refere a mulheres com deficiência, mesmo havendo atualmente mais mulheres em posição de liderança do que antes na história do paradesporto, sendo identificado como uma das questões a mídia como obstáculo, mas que poderia ser uma ferramenta que gerasse maior reconhecimento, uma vez que homenagens e publicações contribuem para tal.

⁸ A pesquisa conta com a declaração das pessoas nos seguintes quesitos utilizados pelo IBGE: “Deficiência Mental/intelectual; Deficiência motora; Deficiência auditiva; Deficiência visual” (IBGE, 2010). Sublinha-se que no esporte paraolímpico apenas são elegíveis para a campeonatos apenas atletas com deficiências intelectual, física/motora e visual. Os atletas surdos fazem parte do movimento surdolímpico.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos na pesquisa distintas vivências com o esporte de alto rendimento paraolímpico, contribuindo para ampliação do conhecimento sobre os contextos, com a percepção de não generalização. Os estudos da história do esporte demonstram as particularidades e, nessa pesquisa, percebemos que cada mulher experiencia sua trajetória de maneira única, construindo memórias e significados que foram expostos por meio de suas entrevistas e em imagens de maneira individual, mesmo que todas as treinadoras fossem questionadas a partir das mesmas perguntas orientadas pelo instrumento de coleta que foi a entrevista semiestruturada (Apêndice B). Assim, revisitamos as noções de representações culturais e de práticas culturais.

As representações culturais que as participantes da pesquisa relataram sobre as diferentes funções da treinadora são: dedicação, suporte psicológico do(a) atleta, passando confiança, motivação, orientação, apoio, estimulando a autonomia, bem como o vínculo entre treinadora-atleta e atleta-treinadora, estudar e se manter atualizada sobre a temática do treinamento e dos esportes paraolímpicos, averiguar logística e acessibilidade. Ou seja, para além das questões técnicas dos movimentos e táticas, as treinadoras realizam um trabalho mais amplo e complexo, com afetividade e são responsáveis por diversas vertentes. Ressaltamos que não foram encontradas falas relacionadas às famílias dos(as) atletas.

As representações culturais que as participantes da pesquisa relataram sobre os obstáculos/dificuldades e reconhecimento na posição de liderança são: discrepância numérica entre a quantidade de mulheres, principalmente com deficiência, em posição de liderança em relação aos homens nos esportes paraolímpicos de alto rendimento, maior espaço para mulheres no esporte com o passar dos anos nesse contexto paradesportivo, aspectos de diminuta visibilidade midiática e que homenagens e publicações e estudos geram reconhecimento, entendimentos que as treinadoras que atuam no esporte paraolímpico são pioneiras nessa posição e que contribuem para a representatividade na categoria, além do estímulo a novas mulheres no esporte e o aumento da inclusão de PCD na profissão.

As imagens proporcionaram uma complementação ao estudo, visto que incentivamos as treinadoras a enviarem as fotografias que fossem representativas para elas mesmas e que ajudassem a “contar a história delas”. Entendemos que cada

imagem também narra um momento para cada leitor e leitora e possibilitará uma fluidez no conteúdo abordado.

A difusão dos conhecimentos gerados por essa pesquisa qualitativa pode servir nos debates sobre a função da treinadora e do treinador frente a uma equipe ou um(a) atleta de alto rendimento de esporte paraolímpico, sobre a mulher no mercado de trabalho, sobre resistências de minorias, entre outros assuntos. Investigações acerca de áreas afins são emergentes e o aumento do debate de diferentes abordagens podem modificar questões culturais ainda elucidadas pelas treinadoras. Sugere-se que haja outros estudos, bem como políticas públicas com essa intenção de contribuir para a visibilidade da mulher no paradesporto.

3.5 REFERÊNCIAS

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Beth Gomes quebra recorde mundial no arremesso de peso durante Campeonato Brasileiro Loterias Caixa de atletismo.** Maio de 2022. Disponível em: < <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/4081/beth-gomes-quebra-recorde-mundial-no-arremesso-de-peso-durante-campeonato-brasileiro-loterias-caixa-de-atletismo> > Acesso em: 11/06/2023.

ALVIS-GÓMEZ, Martina K.; NEIRA-TOLOSA, Nury. Determinantes sociales en el deporte adaptado en la etapa de formación deportiva.: un enfoque cuantitativo. **Rev. Salud Pública**, Bogotá, Colombia., v. 15, n. 6, p. 809-822, dez. 2013.

CARDOSO, Ana. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene.** jan.de 2022. p.1-13.

ALMEIDA, Gévelyn. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene.** mar.de 2022. p.1-7.

ALMEIDA, Gévelyn. **Memorial Gévelyn Cássia Almeida.** Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação Física e Desporto Departamento de Fundamentos da Educação Física. Balneário Camboriú (SC) Março de 2021.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (Brasil). **Com técnica mulher na comissão, Seleção Brasileira de basquete em CR inicia treinos no CT Paralímpico com foco na Copa América.** 2022. Disponível em: <https://cpb.org.br/noticia/detalhe/4014/com-tecnica-mulher-na-comissao-selecao-brasileira-de-basquete-em-cr-inicia-treinos-no-ct-paralimpico-com-foco-na-copa-america>. Acesso em: 03 jun. 2023.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BARROS, José D'assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa Histórica. **Mouseion**, Canoas, n. 12, p. 129-159, ago. 2012.

BARROS, José D'Assunção. O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. **Petrópolis**: Vozes, 2005.

BATAGLION, Giandra Anceski, MAZO, Janice Zarpellon. Movimento paraolímpico brasileiro nos ensejos da pandemia de COVID-19: isolamento social e representações sociais na mídia digital. **Revista Thema**. Pelotas. Vol. 18, n. esp.(2020), p. 70-91 (2020).

BEGOSSI, Tuany Defaveri, MAZO, Janice Zarpellon. **O percurso esportivo das mulheres pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense**. Revista Brasileira Ciência e Movimento; 24(4):143-155, 2016.

BONFIM, Gabriele. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Fev. de 2022. p.1-19.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan. 2005.

BRASIL, CORONAVÍRUS. Painel Coronavírus de 21 de março de 2022. Disponível em: < www.covid.saude.gov.br > Acesso em: 22/03/2022.

BRAUN, V., CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), p. 77-101, 2006.
<https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor; 2005.

CABRAL, Soraia. **Entrevista escrita cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. p.1-3.

CASSOLI, Marli. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. p.1-4

CARDOSO, Vinícius Denardin; HAIACHI, Marcelo; REPPOLD FILHO, Alberto; GAYA, Adroaldo. Motivos para a continuidade de atletas no esporte paraolímpico brasileiro. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y El Deporte**, Espanha, v. 14, n. 1, p. 8-11, jan. 2019.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CIDADE, Ruth; FERREIRA, Maria Beatriz. Mulheres e Desporto Adaptado: Revisando as Recomendações dos Organismos Internacionais **Revista da Sobama**. Vol. 7, n.1, pp. 27-32. Dezembro. 2002.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 7 set. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DA SILVA, Luana Soares; LIMA, Ionara; SILVA, Milena; COSTA, Roberto. A influência da relação treinador-atleta na motivação do atleta. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, v. 4, n. 1, 2021.

DILON, Lorena. **Beth Gomes, aos 58, conquista dois ouros no Mundial Paralímpico de Atletismo**. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/2023/07/12/beth-gomes-aos-58-anos-conquista-ouro-no-mundial-de-atletismo-paralimpico.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2023.

FACUNDO, Lucas Alves; DE MELLO, Marco Túlio; SIMIM, Mário Antônio de Moura; DUARTE, Tiago; CRUZ, Aline Ângela da Silva; NARCISO, Fernanda Veruska; RAMOS, Roberta Ariane de Andrade; COSTA, Alberto Martins da; SILVA, Andressa. 2019. **Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paralímpico**. Movimento 25 (junho):e25034. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.87115>.

FARIAS, Rosiane. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. P.1-25.

FARIAS, Rosiane. **Hoje 12/07/2023 o dia foi dourado para nós em paris, @atletabethgomesoficial conquistou o bicampeonato no lançamento do disco f53 e se consagrou campeã mundial no arremesso de peso , ambos com recorde mundial, obrigada beth por confiar no nosso trabalho, são 10 anos de muitas lutas, resiliência e conquistas**. 12 jul. 2023. Instagram: @farias.Rosi1. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CunM9_IN49W/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D. Acesso em: 21 jul. 2023.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José; Mourão, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p.103-124, set. 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. São Paulo: Penso, 2013. 256 p. Obra traduzida por: Magda Lopes.

FIORUCCI, R. História oral, memória, história. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/952>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GALVÃO, Glébia. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. P.1-25.

GESSER, Marivete; BLOCK, Pâmela; MELLO, Anahí. **Estudos da deficiência: interseccionalidade, anticapacitismo e emancipação social**. Curitiba: CV, 2020. 248 p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html>. Acesso em: 03 jun. 2023.

IBGE, Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/10099/93382>> Acesso em: 09 out. 2023.

JUDES, Vinícius. As provas da Natação já se encerraram e o surdoatleta Vinicius Soares Judes da Para-Natação e sua técnica Daiane dos Santos do Programa de Paradesporto de Blumenau, realizado pela Prefeitura de Blumenau e APESBLU, participaram da competição pela Seleção Brasileira de Natação! Instagram @vinicius_deaf Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CeBWpWvO7A8/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>>> Acesso em: 27 de jul de 2023.

KRUGER, Andressa. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-21.

LIMA, Eduardo; LEITÃO, José Carlos; ALENCAR, Dionísio; Filho, João Bosco; PEREIRA, Antonino. A excelência no desporto paralímpico brasileiro: um estudo de caso. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 20, n. 01, p. 7-14, 2021.

MARTINHO, Lino Pedro Soares. **A liderança e aprendizagem nas equipas de futebol: o papel da segurança psicológica**. 2019. Tese de Doutorado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica; 2004.

RAMKRAPES, Ana. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan. de 2022. p.1-14.

SERON, Bruna Barboza; SOUTO, Elaine; MALAGODI, Bruno; GREGUOL, Márcia. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, v. 27, 2021.

SAITO, Thaís. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-18.

SANTOS, Silvan Menezes dos; FURTADO, Sabrina; POFFO, Bianca; VELASCO, Amanda; SOUZA, Doralice. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 190-197, 2019.

4 TERCEIRO ESTUDO: RESISTÊNCIAS A PERMANÊNCIA DE TREINADORAS NO ESPORTE PARAOLÍMPICO DE ALTO RENDIMENTO NO BRASIL

RESUMO

A história da mulher no contexto esportivo no Brasil e no mundo repercutem até a atualidade. A discriminação, invisibilização e/ou baixa representatividade das mulheres brasileiras em cargos de liderança ainda permeiam o cenário esportivo. Como possibilidade de reflexão dessa cultura enraizada, a ciência participa para mostrar as diferentes e múltiplas problemáticas que envolvem a temática das mulheres brasileiras diante de tais acontecimentos sociais no meio esportivo. Em presença disso, o estudo tem como objetivo Averiguar quais as resistências assinaladas à permanência de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Para a promoção da discussão, utilizamo-nos do referencial teórico-metodológico da História Cultural. Assim sendo, mapeamos 11 treinadoras brasileiras que atuam ou atuaram com atletas ou equipes de seleção brasileira de esporte paraolímpico e realizamos entrevistas com as mesmas. Seus relatos e perspectivas dos cenários e experiências vividas foram trazidas e confrontadas com a literatura científica da área. A partir da análise dos dados percebeu-se que ainda há baixa representatividade das mulheres nos cargos de treinadora de esporte de alto rendimento paraolímpico, no entanto sucedeu o crescimento no campo de atuação em relação ao passado. Portanto, faz-se necessário identificar as problemáticas que envolvem as barreiras para essas mulheres e fomentar o processo de inserção e permanência dessas mulheres nessa posição de liderança. Por fim, cabe sublinhar que a diversidade incentiva novos olhares, contribui para políticas públicas de inclusão e para a participação de pares.

Palavras-chave: Mulheres. Paradesporto. Treinadora. História do Esporte. História Oral.

ABSTRACT

The history of women in the sports context in Brazil and in the world reverberates to the present day. The discrimination, invisibility and/or low representation of Brazilian women in leadership positions still permeate the sports scenario. As a possibility of reflection on this rooted culture, science participates to show the different and multiple problems that involve Brazilian women in the face of such social events in the sports environment. In this presence, the study aims to ascertain what resistance is faced by women coaches regarding their permanence in the high-performance Paralympic sport in Brazil. To promote the discussion, we used the theoretical-methodological framework of Cultural History. Therefore, we mapped 11 Brazilian coaches who work or have worked with athletes or teams of the Brazilian Paralympic sports team and conducted interviews with them. Their reports and perspectives of the scenarios and lived experiences were brought and confronted with the scientific literature of the area. From the analysis of the data it was noticed that there is still low representation of women in the positions of coach of high performance sport Paralympic, however there was growth in the field of action in relation to the past. Therefore, it is necessary to identify the problems that involve the barriers for these women and to foster the process of insertion and permanence of these women in this leadership position. Finally, it should be emphasized that diversity encourages new perspectives, contributes to public policies of inclusion and to the participation of peers.

Keywords: Women. Paraspport. Coach. History of Sport. Oral History.

4.1 INTRODUÇÃO

A invisibilização e exclusão da mulher em muitas esferas da sociedade é um legado histórico no Brasil e no mundo. Porém, movimentos ao longo dos anos têm modificado este contexto, obtendo mais espaço na realidade brasileira em relação à antes, por meio de lutas e resistências. Wolf e Possas (2005) enfatizam essa afirmação a partir da historiografia brasileira, evidenciando que esse campo de investigação se debruçava em grupos sociais específicos, principalmente homens, e

que atualmente apresenta mudanças e explicações sobre diferentes perspectivas e focos nas narrativas com e para as mulheres.

Para embasar esta pesquisa, observamos o objeto de estudo a partir da ótica dos pressupostos teóricos da História Cultural. Como o próprio nome já diz, essa teoria, que se apresenta em ascensão por abranger diversos campos por meio de diálogos interdisciplinares (história, antropologia, linguística, psicologia, economia e, também, a educação física), tem ênfase na cultura, conforme nos apresenta o historiador e musicólogo brasileiro José Barros (2005). Nesse sentido, os sujeitos são produtores, difusores e receptores de cultura, de modo que “comunicar é produzir cultura”, seja ela uma comunicação oral, escrita ou “através dos gestos, do corpo, e da sua maneira de estar no mundo social” (Barros, 2011, p. 41).

Não existe uma forma específica de fazer um estudo histórico-sociocultural, mas sim abrangências que vão moldando a maneira de ler e escrever o passado com viés científico por parte da pesquisadora. Ainda, cabe ter a consciência de que este passado se encontrará sempre em perpétua transformação (Barros, 2005). Os estudos histórico-socioculturais contêm, em uma de suas direções, o fazer artesanal, no qual a pesquisadora busca produzir e, também, encontrar indícios que sirvam de subsídios para possíveis interpretações e entendimentos em direção a um constructo (Barros, 2005).

Segundo Burke (2005), a História Cultural caracteriza-se por ser uma história própria. As intenções de uma pesquisadora que se utiliza da História Cultural e, neste caso, cujo foco está na História do Esporte, são de investigar, anunciar e dialogar com verdades, visões e versões que resultarão em um retrato científico, sabendo que há subjetividades nesse lugar. Os plurais são utilizados visto que, a partir desta concepção, relatos, obras, artefatos, concepções, posicionamentos, símbolos, observações e assim por diante, não são rígidos ou estagnados, pois estão sujeitos a serem mudados e ressignificados.

Assim sendo, tornou-se relevante datar a coleta das fontes orais e a escrita das interpretações, localizando os instrumentos no tempo e no espaço, gerando confiabilidade da proposta, dos procedimentos, das análises temáticas e/ou documentação (Barros, 2005). Além disso, existe uma certa liberdade dentro desse embasamento teórico no que se refere ao “universo documental” exposto por Barros (2011, p. 412), em que delibera à pesquisadora a determinação de quais fontes

selecionar para responder os objetivos da investigação ou as hipóteses da mesma. Nesse sentido, deve haver consonância do tema da pesquisa com a proposta de maneira adequada e analisar se atende ao tempo previsto, a possibilidade da realização da coleta das fontes, etc. (Barros, 2011, p. 413). Por fim, a discussão associa a reflexão e a narrativa ao diálogo com a literatura científica e outros achados.

A fim de colaborar para a memória e para um não-apagamento da mulher no esporte, tornou-se motivação para esse estudo escrever sobre os percursos de mulheres brasileiras treinadoras esportivas de alto rendimento para pessoas com deficiência (PCD). Para além disso, trata-se de discriminar resistências acerca de suas permanências nesses locais de destaque, elucidadas por elas mesmo. Para Catroga (2016), a recordação contribui para a identidade pessoal e social, uma vez que a memória se liga às representações. Para o autor, como cada pessoa “filia no seu próprio passado[...] constrói sua identidade” (Catroga, 2016, p. 7).

Entendemos que a participação de mulheres nesses espaços de liderança, mais especificamente na posição de treinadora se apresenta como resistência aos fatores que a tornam diminuta. Resistência a valores patriarcais que insistem em engendrar espaços para as mulheres e moldar seus fazeres, em especial dentro do esporte e, mais especificamente, dentro do esporte paraolímpico, em uma contínua luta por equidade e ampliação de oportunidades. Equidade, substantivo feminino que, neste trabalho, se refere ao princípio de reconhecimento das diferenças sociais existentes e a providência de redução dessas. Dupont (2021, p. 263) diz que o modelo patriarcal “se universalizou e influenciou todas as dinâmicas de gênero que existiam anteriormente, colocando as mulheres em situação de subserviência a nível global”.

Não há um feminismo, mas “movimentos feministas” que apresentam “demandas diferentes”, com reivindicações que são comuns entre si, mas em contextos, relações e objetivos específicos que divergem. Como movimentos feministas, a autora (2021, p. 266) explica que houve as primeiras organizações feministas buscando educação formal, direito ao voto; com uma segunda onda em que emergiu o feminismo clássico com luta por criação de políticas públicas e crítica à hierarquização dos sexos; seguido de movimentos interseccionais entre raça/etnia/classe e outras particularidades entre as mulheres. Então, a autora (2021) descreve que um desses movimentos se faz na direção de “maior abertura para a participação das mulheres nos ambientes de decisão” (Dupont, 2021, p. 263).

Esta luta transborda a necessidade e o desejo. Em outras áreas da atividade humana já se normaliza⁹ ou normatiza¹⁰ a participação feminina, haja visto o crescimento de mulheres em cargos de lideranças de empresas de áreas que há 40 anos poderiam ser classificadas como profissões para homens. Há uma diferenciação semântica entre os dois verbos: normalizar remete a submeter à norma, à normalidade, um processo de padronização ou regularização; já normatizar significa estabelecer normas para algo (Rezende, 2005, p. 73-74). Ambos partem de uma visão binária que polariza o normal e o anormal, sendo a norma um padrão generalista que dita posições de sujeitos, classificando-os e definindo quem pode o quê, onde e de que forma.

Consideramos esta pesquisa um exercício de resistência aos padrões historicamente instituídos, normatizados e normalizantes, por dar visibilidade as histórias de mulheres e ao esporte paraolímpico – visto que nossa sociedade enfatiza o homem e o esporte olímpico como normas. Destacamos que a inclusão da mulher na gestão do esporte e em posições de liderança, especialmente no esporte paraolímpico, não se reduz ou se encerra no acesso, mas se prolonga em ações e estratégias que garantam sua permanência neste lugar. Além disso, inicia-se muito antes desse acesso, na criação e manutenção de recursos que diminuam as dificuldades dessa trajetória.

Concomitante à coleta de fontes e análise das mesmas para a pesquisa, foi realizada a discussão entre os resultados obtidos e a literatura científica da área. A pesquisa parece apresentar ineditismo acadêmico até o momento. Para tal, verificando pesquisas que contribuíssem para esta análise, Ferreira *et al.* (2017) discorrem sobre a carreira de mulheres treinadoras no contexto do esporte olímpico brasileiro. As barreiras encontradas nas condições de acesso e permanência na prática esportiva de treinadoras de modalidades olímpicas nos levam a refletir que na dimensão do esporte paraolímpico também existam esses obstáculos, que incluem menor visibilidade na mídia, reduzidas oportunidades de vagas e contexto referente ao cenário histórico. Os autores (2017) referem que em diferentes vertentes relacionadas ao treinamento, a presença de mulheres ainda fica aquém da presença de homens, ou seja, há uma “baixa representatividade de mulheres no comando

⁹ Michaelis (1998) e Ferreira (1999) definem normalizar como “tornar normal, regularizar”.

¹⁰ Michaelis (1998) e Ferreira (1999) definem normatizar como “estabelecer normas para”.

esportivo” (p. 480). Destacamos que estas barreiras do esporte paraolímpico supracitadas acentuam as dificuldades da inserção e permanência das treinadoras, visto que elas somam duas identidades criadas à margem da norma dualista: serem mulheres e trabalharem com PCD.

O mesmo foi apresentado por Malta *et al.* (2014), que discorreram sobre a carreira de mulheres treinadoras de esporte de alto rendimento olímpico em Portugal e na Espanha. Ao iniciar a escrita, os autores (2014) demonstram o *déficit* numérico destas representantes e evidenciam alguns obstáculos nos percursos para atingir posições de alto nível. Posteriormente, Malta *et al.* (2014) mostraram a escassez de estudos deste viés com treinadoras em Portugal e na Espanha. O mesmo evidenciamos no presente estudo para o Brasil, principalmente no que se refere a mulheres treinadoras de esportes paraolímpicos. Segundo estes autores (2014), aspectos sociais e históricos (como por exemplo o Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941) são limitantes para a ascensão da mulher a cargos de liderança e concluem que estudar as barreiras se apresenta como relevante para que seja entendido esse fenômeno, sendo essencial para que haja progressão na carreira e maior espaço para as mulheres.

Em relação à progressão na carreira, a fim de investigar a transição de mulheres para uma posição de liderança, Brandão, Santos e Peres (2020, p. 10) afirmam que “a presença da mulher no mercado de trabalho é cada vez maior”. De acordo com o estudo, um percentual de 86,7% das mulheres que participaram da pesquisa entende que há diferença entre homens e mulheres no processo de transição para uma posição de liderança. Os autores (2020) expõem a baixa credibilidade destinada a mulher que alcançou o cargo superior na organização. Portanto, além das barreiras encontradas durante a ascensão, constata-se uma necessidade constante de comprovar o merecimento e capacidade, tanto para colegas homens como para colegas mulheres. Por fim, concluem que este processo é caracterizado por constrangimentos e dificuldades, corroborando com os autores citados anteriormente.

Nessa direção, Barreira (2021) menciona que cada mulher percorre seu caminho na carreira esportiva com seus obstáculos, mostrando que a segregação também acontece pela não aceitação masculina da mulher na posição de liderança. Assim, dificulta o progresso feminino e pelo mesmo sentido da anterior, o frequente

questionamento pela capacidade da mulher gerir uma equipe e ter autoridade. Mas, de qualquer forma, a autora levanta a reflexão de que “cada mulher vive seu cenário, composto por suas intersecções de classe, gênero, raça e sexualidade” (Barreira, 2021, p. 4).

Ampliando os conhecimentos sobre a mulher em posição de liderança, dialogamos com área da economia e administração. De acordo com o Guia de Exame de Mulheres na Liderança (2017), que avalia empresas e fornece informações acerca de políticas e práticas adotadas, “os critérios atuais para inserção e ascensão de funcionários na maioria das companhias não são meritocráticos e os padrões envolvidos na dinâmica de trabalho e avaliação de desempenho são masculinos” (p. 7). Este guia visa conscientizar princípios de equidade de gênero e “preencher uma função didática de interlocução” com as empresas (p. 9). Porém, os achados extrapolam para demais pesquisas, como por exemplo para o presente estudo, por que traz dados relevantes para serem refletidos em uma área específica.

Moletta *et al.* (2020, p. 32549) corroboram com Brandão, Santos e Peres (2020) e destacam que a quantidade de mulheres “atuantes no mercado aumentou muito ao longo dos últimos 20 anos”. Para os autores, o feminino era visto como cuidado, assistência e educação. Molleta *et al.* (2020) identificam, a partir dos dados do Guia de Exame de Mulheres na Liderança (2017) que quanto maior a organização/empresa, menores as iniciativas visando a presença feminina em cargos de alta direção.

Portanto, o objetivo da presente pesquisa é averiguar que resistências são enfrentadas pelas mulheres treinadoras quanto a sua permanência no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Considera-se resistência como o movimento de persistir para garantir seu lugar, apesar das lacunas, dos percalços, dos estigmas, das violências, dos olhares e da não aceitação. O verbo resistir para suprimir estereótipos, explorar o progresso para continuar na mudança da realidade.

4.2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de verificar a viabilidade da pesquisa e apresentar os primeiros dados sobre quem são as mulheres que ocupam e/ou ocuparam posições de treinadoras de

esportes paraolímpicos de alto rendimento no Brasil procedeu-se a investigação em *sites* oficiais de entidades relacionadas ao esporte paraolímpico no país. Nessa direção, inicialmente houve a investigação de treinadoras que participaram dos Jogos Paralímpicos (maior evento esportivo do mundo destinado a PCD). A pesquisa inicial sobre essas mulheres treinadoras encontrou algumas dificuldades. No *site* do Comitê Paralímpico Brasileiro¹¹ (CPB) não há espaço destinado exclusivamente aos treinadores(as). Assim como no *site* da Rede Nacional do Esporte¹², que também não há um espaço para apresentação dos(as) treinadores(as) nesta página, mesmo que seja possível encontrar as fichas técnicas de edições dessa competição.

Ao se referir a fichas técnicas entendemos *a priori* que incluiria o nome dos profissionais que participaram das comissões técnicas. Entretanto, disponíveis para acesso encontram-se, apenas, as listas dos atletas participantes em cada edição, as modalidades que representaram o país a cada ciclo paraolímpico e os quadros de medalhas.

A partir dessas fichas técnicas pode-se perceber que o Brasil é uma potência esportiva no cenário paraolímpico mundial, mas que, infelizmente, o papel da treinadora e do treinador é deixado em segundo plano neste processo, mostrando uma invisibilidade midiática em relação a essa profissão. A invisibilidade da mulher treinadora se agrava em relação aos treinadores, visto que ao digitar o termo “treinadora” no espaço de busca do *site* do CPB, de 170 resultados de notícias encontrados, apenas cinco se referiam a mulheres. E, dentre essas mulheres somente uma era treinadora em nível de seleção brasileira, enquanto as outras eram de clubes brasileiros ou associações. Diante deste panorama, iniciou-se a pesquisa a fim de saber quem são as mulheres treinadoras de esportes paraolímpicos em nível de seleção brasileira, não mais somente aquelas que tinham a experiência relacionada aos Jogos Paralímpicos.

Para tanto, ampliamos nossas buscas para mulheres brasileiras que treinaram atletas ou equipes a nível de seleção brasileira. Assim sendo, o método Bola de Neve Virtual foi utilizado, buscando identificar as treinadoras que poderiam contribuir para a investigação. Ao realizar buscas em diferentes *sites* e dialogar com pessoas relacionadas ao CPB, obtivemos 18 contatos e os seguintes nomes nos retornaram

¹¹ Disponível em: <http://www.cpb.org.br/> visto em 04/05/2019.

¹² Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/o-brasil-nos-jogos> visto em 04/05/2019.

como possíveis participantes da pesquisa: Ana Cardoso, reside em São Paulo/SP (Basquete em Cadeira de Rodas); Ana Ramkrapes, reside em Campinas/SP (Rugby em Cadeira de Rodas); Andressa Kruger, reside em Blumenau/ SC (Para Atletismo¹³); Daiane dos Santos, reside em Blumenau/ SC (Para Natação e Futsal para Surdos); Gabriele Bonfim, reside em Itaquaquecetuba/SP (Para Natação); Gévelyn Almeida, reside em Balneário Camboriú/SC (Para Atletismo, Para Natação e Handebol em Cadeira de Rodas); Glébia Galvão, reside em Pesqueira/PE (Para Atletismo); Marli Cassoli, reside em Campo Grande/MS (Para Atletismo e Bocha); Rosiane Farias, reside em Santos/SP (Para Atletismo); Soraia Izabel Corrêa Cabral, reside em São Paulo/SP (Para Natação); Thais Aoki Saito, reside em Jundiaí/SP (Para Atletismo e Para Natação). Com o intuito de descrever as participantes da pesquisa, segue o quadro.

Quadro 2 – Informações sobre as participantes

Nome da treinadora	Esporte paraolímpico que atua	Informações citadas pelas treinadoras
Ana Ramkrapes	Rugby em Cadeira de Rodas	Mestre em Fisiologia do Exercício pela UNICAMP. Diretora e Treinadora da Associação de Esporte e Cultura SuperAção (AECS), equipe bicampeã brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas. Medalhista dos Jogos Para Pan-Americano em Lima (Peru), 2019.
Ana Lúcia do Nascimento Cardoso	Basquete em Cadeira de Rodas	Treinadora da seleção da Letônia, 2011 e da seleção da Colômbia, 2017 de Basquete em Cadeira de Rodas. Treinadora da seleção brasileira feminina de Basquete em Cadeira de Rodas, 2009. Treinadora da seleção brasileira masculina de Basquete em Cadeira de Rodas, 2022.
Andressa Kruger	Para Atletismo: arremesso de peso lançamento de dardo, disco e club	Atleta de Hóquei na grama. Treinadora em um projeto da prefeitura de Blumenau/SC com crianças com deficiência. Trabalhou com diversas modalidades paralímpicas e, atualmente, treina 6 atletas do Para Atletismo.
Daiane dos Santos	Para Natação Futsal para Surdos	Técnica nível II de Para Atletismo e Técnica nível I de Para Natação pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Treinadora da seleção brasileira de Natação para Surdos, 2023. Competições como treinadora: PARAJESC e PARAJASC, Paralimpíadas Escolares, Surdolimpíadas, Regional Rio/Sul, <i>Meeting</i> Paralímpico.
Gabriele Bonfim	Para Natação	Graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo/USP e Pós graduada em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Treinadora do Catadão/USP. Competições como treinadora da seleção brasileira de Para Natação:

¹³ Atualmente são 28 esportes paraolímpicos, sendo 22 disputados nos Jogos Paralímpicos de verão e seis nos Jogos Paralímpicos de inverno. Para fins desse estudo, adotamos as terminologias orientadas pelo Comitê Internacional Paralímpico (IPC, 2021).

		Jogos Paralímpicos Rio, 2016, Jogos Paralímpicos de Tóquio, 2020/1, Jogos Parapan-Americanos de Toronto, 2015, e Lima (Peru), 2019, Mundial de Para Natação em Glasgow (Escócia), 2015, Cidade do México (México), 2017, Londres (Inglaterra), 2019, Ilha da Madeira, 2022, Etapa do World Series na Itália, 2022, Campeonato Paulista de Piscina (São Paulo), Campeonato Brasileiro de Maratonas e de Piscina.
Gévelyn Almeida de Quadros	Para Atletismo Para Natação Handebol em Cadeira de Rodas Basquete em Cadeira de Rodas	Graduada em Educação Física pelo Centro Universitário AVANTIS/UniAvan. Especialização em Atividade Física Inclusiva e Esportes para Pessoas com Deficiência, pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Atualmente cursando graduação de Gestão Desportiva e Lazer. Presidente da Confederação Brasileira de Handebol Adaptado (antiga ABRHACAR, atual CBHA). Membra da Federação Catarinense de Basquetebol em Cadeira de Rodas, 2008-2012. Treinadora com formação de Classificadores Funcionais de Basquete em Cadeira de Rodas, de Para Canoagem e de Handebol em Cadeira de Rodas. Atua na gestão das Seleções Brasileiras Feminina e Masculina de Handebol em Cadeira de Rodas Principal desde 2018, onde sagrou-se Campeã Mundial HCR4 Four a Side no Egito, 2022. Técnica da seleção catarinense escolar de corredores em Cadeira de Rodas FESPORTE, 2022.
Glébia Cristina Costa Galvão	Para Atletismo: Salto em altura	Graduada em Educação Física pela Escola Superior de Saúde de Arcoverde. Participou como atleta guia em Paralimpíadas Escolares acompanhando a atleta que a própria treinava. Treinadora da equipe de Pernambuco de 2014 a 2017, nas Paralimpíadas Escolares. Treinadora do atleta Jeohsah Santos que concluiu o ano de 2022 em 4º lugar no Mundial no salto em altura, obteve recorde brasileiro em salto em altura em 2016, ouro no <i>Open Internacional Loterias Caixa</i> de 2023. A treinadora também orientou esse atleta nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (Brasil), 2016 e Tóquio (Japão), 2020.
Marli Cassoli	Para Atletismo Bocha	Graduada em Educação Física. Pós Graduada em educação Inclusiva. Homenageada pelo Estado/FUDESPORTE/SPPM por 30 anos de dedicação ao paradesporto no Mato Grosso do Sul. Treinadora da seleção brasileira de Bocha no Mundial em Portugal, 2012. Treinadora de Bocha no Campeonato Brasileiro masculino em Joinville (SC), 2021. Classificadora funcional de Bocha nas Paralimpíadas Escolares Etapa Regional de Brasília, 2022. Treinadora de Para Atletismo no <i>Meeting</i> Paralímpico em Campo Grande (MS), 2022 e em Londrina (PR), 2021. Treinadora de Para Atletismo no Campeonato Brasileiro Loterias Caixa em São Paulo (SP), 2022.
Rosiane Farias da Silva	Para Atletismo	Pós graduada em Treinamento de Força - Faculdades Metropolitanas Unidas Educacionais/FMU e pós graduada em Atividade Física para Pessoas com Deficiências pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Integrou a seleção de Para atletismo no Mundial em Dubai (Emirados Árabes Unidos), 2019. Treinadora nos Jogos Para Pan-Americanos em Lima (Peru), 2019. Fez parte da delegação que esteve presente nos Jogos Paralímpicos de Tóquio (Japão), 2020. Treinadora da atleta Beth Gomes, campeã paralímpica e recordista paralímpica classe F52 do lançamento do disco.

Soraia Izabel Corrêa Cabral	Para Natação	Professora aposentada de Educação Física do Instituto Benjamin Constant (IBC). Doutora em Ciências do Desporto (UTAD e UNICAMP). Pós graduada Lato-Sensu em Metodologia da Educação Física Adaptada (MEFE). Treinadora nos Jogos Paralímpicos de Tóquio (Japão), 2020. Treinadora nos Jogos Universitários Paralímpicos em São Paulo (SP), 2021, no Camping Escolar Paralímpico em São Paulo (SP), no Circuito Loterias Caixa e no Mundial de Para Natação em Madeira (Portugal), 2022. Treinadora no <i>World Series</i> de Para Natação em Tijuana (México), 2022, com o atleta Douglas Matera, medalhista de ouro na classe S12 e com atleta Thomas Matera. Treinadora nas Paralimpíadas Escolares Etapa Regional de Brasília (Distrito Federal), 2022.
Thais Aoki Saito	Para Atletismo Para Natação	Graduada em Educação Física. Treinadora nas Paralimpíadas Escolares em Brasília (DF), 2009 e fez parte da delegação paulista que foi campeã de Para Natação e campeã geral do evento, 2022. Treinadora nos Jogos Abertos, 2019. Treinadora Nos Jogos Para Pan-Americanos de Lima (Peru), 2019. Treinadora no Campeonato Brasileiro Loterias Caixa em São Paulo (SP), 2022. Treinadora no <i>Meeting</i> Paralímpico Loterias Caixa em São Paulo (SP), 2021 e 2022.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Após obter os nomes das mulheres no ano de 2019, pretendíamos entrevistar de maneira presencial as participantes da pesquisa. Porém, sublinhamos que os métodos da pesquisa tiveram que ser reestruturados e o acesso às participantes da pesquisa se deu somente no formato digital e virtual em decorrência do contexto da Pandemia da COVID-19¹⁴. Machado (2020) explica que estamos vivendo um momento de ineditismo na história, pois mesmo que os estudos historiográficos tenham utilizado o viés virtual desde a década de 1990, apenas nesse momento da história encontramos o virtual como a única ferramenta e possibilidade de realização de coleta.

Ao verificar essa mudança no rumo da coleta de informações, primeiramente interpretamos como limitação do estudo, pois nas entrevistas o corpo inteiro das entrevistadas exibe sensações, sentimentos, expressões que, muitas vezes, de maneira *online* poderia não ser captado. Contudo, esse acesso *online* contribuiu para

¹⁴ O surto foi notificado, primeiramente, em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019 (ONU, 2021). No Brasil, o primeiro caso foi notificado na data de 26 de fevereiro de 2020 (Brasil, 2020). <https://news.un.org/pt/events/coronavirus>. Nos anos de 2020 e 2021, a pandemia persistiu no Brasil. Porém, em 2021, apesar do avanço da vacinação, as restrições sociais continuaram (distanciamento social, obrigatoriedade do uso de máscara, obrigatoriedade da higienização com uso de álcool em gel e líquido, etc.). Em agosto de 2022 o relatório da situação epidemiológica da covid-19 apontou o Brasil como o segundo país com mais óbitos causados pelo vírus, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América, com um total de 669.010 mortes (Ministério da Saúde, 2022).

que alcancemos até mesmo uma treinadora que residia na Itália, nos mostrando que as inovações também são positivas para fazer pesquisa.

Além disso, cabe referir que o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com o número do parecer 5.947.248, por envolver contato não presencial com indivíduos, a fim de preservar os direitos das participantes. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

Foi encaminhado o roteiro semiestruturado da entrevista para as treinadoras. Duas delas responderam por escrito e nove realizaram a entrevista ao vivo de maneira *online*. Todas as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora, ao vivo e gravadas. Em seguida, passaram por transcrições na íntegra. De acordo com Barros (2012), a entrevista que é realizada pelo pressuposto da História Oral resulta em fontes orais que são chamadas de fontes de conteúdo (sendo essa uma fonte verbal, narrativa).

O autor explica que as fontes orais adquiridas em estudos dessa natureza são fornecidas por testemunhas que presenciaram os acontecimentos como protagonistas, sendo consideradas, assim, fontes primárias. Fonte primária “nos aproxima tão diretamente quanto possível das representações coletivas ou das práticas cotidianas de uma determinada sociedade” (Barros, 2012, p. 137). Para Flick (2013), tratam-se de fontes de acesso imediato, enquanto as secundárias são resumos, releituras ou reformulações de fontes primárias, dando o exemplo da autobiografia como fonte primária e da biografia escrita por terceiros como fonte secundária.

A análise e interpretação das fontes se deu com o embasamento da Análise Temática orientada por Flick (2008) e Braun e Clarke (2006). Flick (2008) sugere verificar os termos que apresentam recorrência para agrupar em temas. Assim como Braun e Clarke (2006), a análise temática apresenta orientações claras para guiar a pesquisadora durante o processo de interpretação das fontes, mas com flexibilidade em relação a forma como ela é usada. As autoras (2006) recomendam três formas de abordagens aos pesquisadores que utilizam esse método de análise: coleta das informações (*corpus*), seleção de conjuntos (por assunto ou por procedimento metodológico adotado na coleta) e, por fim, extratos (partes menores para serem codificadas).

A fim de separar em conjuntos e extratos é necessário verificar temas e padrões em comum que emergem das respostas, discursos, significados, representações, *etc.*, mas que são frutos das identificações, reflexões e decisões da pesquisadora. Para essa verificação, são necessárias leituras do material coletado por parte de quem faz a análise. Essas leituras devem ser repetidas e ativas, ou seja, ocorrem mais de uma vez, com o intuito de estabelecer uma familiarização com as informações e o encontro de significados (Braun; Clarke, 2006). Os temas devem apresentar relação com o objeto de pesquisa para serem codificados, sendo essa relação mais importante para o método analítico do que o fato de um certo tema aparecer mais vezes (Braun; Clarke, 2006).

4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se observar as participantes da pesquisa nota-se que existe uma recorrência de treinadoras dos estados de São Paulo e de Santa Catarina. Corroborando com esse achado, Silva *et al.* (2022) exibem um mapeamento geográfico com atletas do Para Atletismo e da Para Natação, mostrando que o maior número reside no sudeste brasileiro. O estudo de Bedariol, Antunes e Almeida (2022) também trouxe um mapeamento para identificar os programas de treinamento, especificamente na Para Natação, cujos resultados apontaram para maior concentração de atletas paraolímpicos no sudeste do Brasil. Além disso, Diniz (2016) mostra que há uma predominância e até mesmo uma discrepância no direcionamento de recursos financeiros para o esporte paraolímpico, mais uma vez destacando a região sudeste como a mais beneficiária e com maior investimento no esporte de alto rendimento.

As respostas das entrevistadas assinalam a maior quantidade de treinadoras exercendo o seu papel profissional nas modalidades de Para Atletismo e de Para Natação. Talvez isso se explica pelo fato de haver mais classes funcionais e mais provas nesses dois esportes paraolímpicos, aumentando a possibilidade de atuação profissional (CPB, 2023b; CPB, 2023c). Sublinha-se o fato de que o Para Atletismo e a Para Natação são os esportes paraolímpicos que mais conquistaram medalhas para o Brasil (CPB, 2023d). Freire *et al.* (2020, p.173) investigaram na etapa

Norte/Nordeste do Circuito Paralímpico Brasileiro de 2017 a relação entre treinador e atleta das modalidades de Para Natação e Para Atletismo e identificaram que os(as) “atletas de ambas modalidades paralímpicas valorizam os aspectos afetivos, comportamentais e cognitivos com seus treinadores”.

Ainda, o quadro demonstra que as treinadoras buscaram por conhecimentos acadêmicos-científicos através da graduação em Educação Física, bem como algumas deram prosseguimento na educação superior formal em cursos de pós graduação *lato sensu* (cursos de especialização) e cursos *stricto sensu*, no caso mestrado. Para Freitas *et al.* (2016), profissionais da área de Educação Física deveriam buscar continuidade em capacitações na área de atuação, inclusive em nível superior de ensino, como pós graduação, como mecanismo de qualificação. Ainda, os autores (2016) ressaltam que o mundo atual requer atualizações periódicas para atuar na prática, baseada na teoria.

O estudo de Brasil *et al.* (2015) evidencia que as aprendizagens de treinadores(as) também acontecem em contextos informais. Deste modo, um dos resultados demonstrado pelos autores (2015) foi a importância dos pares durante suas trajetórias. Destacamos, na presente pesquisa, que entendemos que pares também definem as relações entre mulheres treinadoras no que se refere ao contato e às trocas de experiências com outras mulheres.

Questões sobre a presença da mulher no ambiente esportivo e paradesportivo ainda refletem uma baixa representatividade feminina que, em parte, pode ser explicada pela promulgação do Decreto-lei 3.199, de 14 de abril de 1941, que pautou o esporte brasileiro por quase 40 anos. Esta legislação proibia mulheres de participarem de determinadas práticas esportivas, por não serem consideradas adequadamente femininas. A saber, no Artigo 1 do referido Decreto-lei, encontra-se a orientação de “incentivar a prática do desporto em todo o país”. Porém, o Artigo 54 estabelece que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]”. Portanto, para que haja uma reflexão e discussão sobre a temática da mulher no esporte e da resistência desse grupo social, devemos recordar desse marco ocorrido durante a presidência de Getúlio Vargas, no período denominado Estado Novo (1937-1945), na história do esporte no Brasil e que reverbera até hoje no esporte olímpico e paraolímpico.

A treinadora Andressa Kruger (2022) do Para Atletismo, que estava no Centro de Treinamento (CT) do CPB no momento da sua entrevista, relatou que em outras competições via mais mulheres, mas que na que estava eram majoritariamente homens em posição de liderança. A baixa representatividade feminina também aparece na entrevista da treinadora Ana Ramkrapes (2022) do Rugby em Cadeira de Rodas (CR):

Na seleção, acontece que assim, o Rugby é uma modalidade mista, mas tem poucas mulheres que praticam. Quando tem uma mulher participando as regras mudam um pouco, mas como tem poucas mulheres com essa deficiência elegível, majoritariamente é homem. Então, fui a primeira técnica mulher do Rugby da seleção. Sinto que isso foi só para abrir a porta e que outras venham. Quando eu assumi a seleção estava em 19 [lugar] no *ranking* mundial e, em 2020 estávamos no nono [lugar]; subiu 10 colocações e estávamos entre os *top* 10 (Ramkrapes, 2022, p. 3).

A treinadora Glébia Galvão (2022, p. 14) diz que “é angustiante você ser uma mulher no alto rendimento, você olha pro lado: cadê as mulheres, entendeu? Não tem”. A mesma comenta que esteve presente em um curso no CT Paralímpico em São Paulo com 20 treinadores e apenas ela era mulher. “Eu acho muito solitário, uma carreira de mulher no alto rendimento é uma coisa que ainda me deixa muito mais recuada” (Galvão, 2022, p. 15). A treinadora ressalta alguns pontos que podem explicar essa situação:

Porque, primeiro, pelo preconceito, a gente desiste; pelo preconceito muitas mulheres ficam pra trás. Mulher geralmente é chefe de família, então ela precisa assumir um papel que passar cinco ou seis dias fora de casa, um mês, 40 dias, seis meses, com um atleta, ela não tem como manter o relacionamento com marido. Então, como eu sou solteira, não tenho filhos, por enquanto sem relacionamentos, então pra mim é mais fácil (Galvão, 2022, p. 14).

Atualmente, ressalta-se a portaria nº 085/2017/PRE/CPB, de 28 de julho de 2017, que fixa os valores dos salários a serem pagos aos profissionais que estejam trabalhando em programas de alto rendimento do CPB. Os anexos 41 a 54 da referida portaria descrevem sobre o cargo de técnico (neste trabalho chamado de treinadora e treinador), mas explica sobre os perfis técnicos, perfis comportamentais, responsabilidades principais e sobre as tarefas a serem desenvolvidas, de acordo com os diferentes níveis que existem no CPB. Porém, não foi encontrado no referente documento alguma informação que falasse sobre mulheres nesta posição.

Além disso, o termo técnico está escrito apenas no masculino, significando uma ausência do sistema gramatical feminino. Por se tratar de uma profissão que há pouco tempo não se encontrava com frequência a presença da mulher, este fato pode

reforçar estereótipos para esse grupo social. De acordo com Pianegonda (2023), nos tempos atuais nos deparamos com a desigualdade salarial entre gêneros no mercado de trabalho. Sublinha-se que o documento do Comitê Paralímpico Brasileiro (2017) apresenta um hiato em relação a treinadora mulher, abrindo possibilidade diversa de interpretação acerca de sua remuneração.

A treinadora Ana Cardoso (2022, p. 9) faz referência a essa questão quando explica que na Itália precisou sair de uma equipe que estava gostando de trabalhar, mas não tinha retorno financeiro e levantou o questionamento: “será que se eu fosse um homem era mais fácil chegar na secretaria e falar?”. No caso ela explicava que com sua equipe ela havia eliminado outras equipes importantes no cenário esportivo e que por ser uma figura masculina poderia haver mais liberdade na comunicação com seus superiores. Mesmo informando que hoje ela está contratada onde ela gostaria de estar, a mesma explana que para a mulher: “às vezes o currículo não adianta...” (Cardoso, 2022, p. 9).

Sobre a questão de remuneração, a treinadora Rosiane Farias (2022) explica que não é treinadora da seleção brasileira o ano todo, mas sim que atua em competições como Jogos Paralímpicos, campeonatos mundiais, Jogos Para Pan-Americanos, para os quais ela é convocada desde 2019. A treinadora comenta que a sua remuneração principal não é a da seleção brasileira e sim advinda da estabilidade oriunda dos concursos públicos que realizou para trabalhar nos municípios de Praia Grande/SP e Monguaguá/SP (Farias, 2022).

Ainda, sobre ser uma mulher treinadora no esporte paraolímpico de alto rendimento, Rosiane Farias (2022) diz que nunca ouviu algum comentário negativo por ser mulher em posição de liderança. Do mesmo modo, a treinadora Thais Saito (2022), em seu relato, comenta saber da existência dos preconceitos referente a presença da mulher em diferentes esferas da sociedade, mas que em sua trajetória não vivenciou algo que a diferenciasse de outro treinador por ser mulher. Thais Saito, que atua como treinadora no Para Atletismo e na Para Natação, percebe que existem menos mulheres em relação aos homens, mas para ela essa diminuta participação deve-se ao fato de haver um número reduzido de mulheres com interesse nessa área de atuação. Sobre este assunto, a treinadora Rosiane Farias explicita sua opinião:

Até hoje são poucas mulheres que atuam. Não sei quantificar, mas não tem uma grande quantidade, nem próximo da quantidade de homens que atuam na área. E se falando de seleção, aí que diminui mesmo [...] a disparidade que tem de gêneros [...]. A gente sabe que tem essa segregação ainda; as mulheres

não atuam tão firmes. Começam e depois param, não sei falar o porquê param. Às vezes, eu falo com colegas que ainda continuam, pois é... não tem quantidade, mas vamos preservar a qualidade... Vamos tentar manter, e que nosso padrão seja um padrão referência, até para outras continuarem ou se aventurarem também [...] (Farias, 2022, p. 2).

A treinadora Marli Cassoli (2022) comenta que sempre convida estagiárias e pessoas para vivenciar a prática da Bocha e do Para Atletismo, pois caso gostem e queiram, se vinculam ao movimento paraolímpico. Ela se considera pioneira como treinadora no estado de Mato Grosso do Sul. Marli Cassoli diz que, atualmente, são muitas as treinadoras de diferentes estados nos campeonatos de Bocha e de Para Atletismo pelo Brasil, além das mulheres que praticam os referidos esportes paraolímpicos, mas que não participam de competições.

Nota-se nas entrevistas a predominância de citações sobre conquistas em eventos e megaeventos esportivos como Jogos Para Pan-Americanos, campeonatos mundiais e Jogos Paralímpicos. O calendário do esporte paraolímpico é marcado por diferentes competições a níveis regionais, estaduais, nacionais e internacionais e evidenciou-se que as treinadoras transitam nestes eventos realizados em distintas localidades do país e no exterior¹⁵. Ainda, a treinadora Marli Cassoli (2022) ressalta que com a mudança, apoiada por ela, de dividir a bocha de esporte misto para esporte por naipes feminino e masculino, possivelmente existirá mais treinadoras mulheres. Acrescenta que tal divisão incentiva a promoção de competições para mulheres e isso proporcionará um ambiente mais motivador para elas pois, a modalidade no formato de competição mista acarreta desvantagens para a mulher, de acordo com a treinadora.

A treinadora Gabriele Bonfim (2022) acredita haver mais mulheres na posição de liderança da comissão técnica na Para Natação do que na Natação Olímpica, apesar de ainda existir baixa representatividade feminina em ambos movimentos esportivos. Ela explica que o vestiário pode ser um dos motivos: “Porque as vezes você é uma cadeirante, é uma menina que precisa. Não dá pra ser um homem pra ajudar, entendeu?” (Bonfim, 2022, p. 7). Gabriele Bonfim pertence tanto ao movimento

¹⁵ No *site* oficial do Comitê Paralímpico Brasileiro, há uma aba que encaminha o leitor/espectador para saber mais sobre “competições”. As competições encontradas nessa aba são: Campeonato Brasileiro, Circuito Escolar Paralímpico, Circuito Loterias Caixa, Jogos Paralímpicos, *Open* Loterias Caixa, Paralimpíadas Escolares, Prêmio Paralímpicos, Paralimpíadas Universitárias, *Meeting* Loterias Caixa, Copa Brasil de Tiro Esportivo e Conexão Paralímpica (CPB, 2023a).

olímpico quanto ao paraolímpico, pois foi atleta e treinadora da natação olímpica, além de treinadora da Para Natação.

Ao falar sobre o esporte olímpico, Gabriele Bonfim faz o contraponto dizendo que: “a gente vê técnica, mas é bem pouco e normalmente as técnicas ficam com atletas de categorias menores [...] porque acham que a gente é mãezona” (Bonfim, 2022, p. 7). Antogla *et al.* (2020) lembram que no mercado de trabalho o homem assume cargos hierárquicos maiores, assim como na sociedade em geral, muito por se embasar numa ideia machista de virilidade, força e coragem ao masculino. No que concerne a mulher o mercado de trabalho é voltado ao delicado, sensível e ao cuidado, estereotipando normas e condutas referentes aos grupos sociais. Essa contextualização corrobora com a ideia de “mãezona” trazida pela participante da pesquisa e com a colocação da treinadora Soraia Cabral (2022, p. 3) quando afirma que a treinadora mulher “sempre é tratada pelos seus iguais ou até por alguns atletas, como uma cuidadora ou tia”.

Ainda, a treinadora Gabriele Bonfim (2022) ressalta que, possivelmente, foi um homem que confiou no trabalho dela para que assumisse o cargo de liderança na comissão técnica da seleção brasileira da Para Natação. Mesmo com essa confiança depositada sobre seu trabalho, a treinadora explana que observa diferenças entre a inserção e a permanência da mulher em comparação ao homem nesse mesmo cargo:

Eu falo que hoje a gente parece que tem que trabalhar em dobro pra fazer o que eles fazem. Que os homens fazem, vamos dizer assim. Pra provar que gente é melhor, tem que estudar, tem que estudar em dobro, tem que fazer trabalho, tem que fazer em dobro. Então isso é muito difícil. [...] Então isso é muito triste assim. Tudo isso que acontece, então a gente sabe que tem pessoas capacitadas e a gente só quer ser tratada igual. Essa que é a verdade, só quer ser tratada igual, mas, às vezes, não é. Não é esta a realidade (Bonfim, 2022, p. 7).

Assim como a treinadora Gabriele Bonfim, a treinadora Daiane dos Santos nos disse que: “geralmente temos que provar pra algumas pessoas que realmente merecemos estar onde estamos” (Santos, 2022, p. 2). Por conta da exigência permanente de desempenho superior e outros aspectos, Antogla *et al.* (2020) apontam para desgastes físicos, cognitivos e psíquicos relacionados às cobranças especificamente às mulheres no mercado de trabalho. Ainda, os autores evidenciam a desvalorização, a invisibilidade, as condições de trabalho, o abuso sexual e moral que mulheres enfrentam em diferentes trabalhos.

A treinadora Ana Cardoso (2022) narra que realizou um curso com treinadores e percebeu que eles não a escutavam pelo fato de ser mulher e comenta: “você tem que lutar muito mais, né? Lutar o dobro, infelizmente é assim. É assim todo o tempo: é assim na tua casa, é assim na sociedade, como treinadora é igual, não é uma coisa fácil”. A treinadora conclui essa colocação dizendo: “[...] Às vezes, é bater na mesa e dizer espera aí, eu quero falar e basta, vocês ouvem?” (Cardoso, 2022, p. 8).

Na mesma direção, se manifestou a treinadora Soraia Cabral (2022):

Sempre foi muito difícil. Mesmo nos dias de hoje, pouca coisa mudou. O preconceito e o assédio moral ainda são muito fortes, principalmente por obter resultados representativos e ter uma formação que poucos na área possuem. O meio é dominado pelo sexo masculino e quando chegamos com um discurso “igual” ou até “melhor”, os gestores tendem a excluir ou “fingir não ouvir”. E mais tarde será utilizado e atribuído o êxito a um técnico do sexo masculino. É cansativo e extenuante, mas quando amamos o que fazemos, não passa por nossa cabeça desistir (Cabral, 2022, p. 3).

A treinadora Gabriele Bonfim (2022) faz referência ao termo “machismo”, o qual, segundo ela, está presente no esporte por diferentes motivos, e relata um caso específico que vivenciou de maneira mais explícita. Antes, de contar sobre o episódio, a treinadora esclareceu que as provas da Para Natação acontecem em piscinas que o ambiente pode estar bem quente, como nas cidades do Rio de Janeiro ou em cidades da região Nordeste. Em seguida expõe o caso que vivenciou:

Você vê os técnicos, por exemplo, de bermuda e tá tudo certo eles usarem a bermuda. E a gente tem que usar o quê? Ah! Não!! A gente tem que usar a *legging* [calça comprida justa na perna]. Poxa, mas tá o maior calor, né? *Legging* é até o pé, tá o maior calor. Eu sempre usei *short* saia, por exemplo, que é uma coisa que não fica agarrada, mas que por cima fica jogado mais larguinho, não chama atenção e tá tudo certo. Por estar usando este *short* saia já teve técnico que falou assim: nossa, que pouca vergonha! Você tá de *short*, não é pra tá assim. Então falei: você não usa *shorts*? Você usa *shorts* e tá um calor imenso, então eu posso usar o meu (Bonfim, 2022, p. 9).

Conforme Da Silva Duarte e Paulino (2021), o machismo é uma concepção que inferioriza a mulher e que intervém na realidade social e cultural até os dias de hoje. Essas intervenções vão desde ações e falas que podem ser consideradas pequenas e mesmo “despercebidas”, até formas mais agressivas e abruptas de moldar, naturalizar maneiras de se portar, de crer, de se expressar, entre outras situações (Da Silva Duarte; Paulino, 2021, p. 478). A partir desta concepção, os relatos das treinadoras mostram que são mais desafiadas que os homens, percebem a ausência de seus pares femininos no ambiente esportivo, que suas falas demoram mais a serem consideradas ou não são respeitadas, seus trajes podem ser motivo de críticas

e comentários, suas capacidades devem ser reforçadas para serem valorizadas, entre outros aspectos que vão perpetuar práticas e representações culturais.

Na historiografia, o filósofo brasileiro Losandro Tedeschi (2012) explica que nas últimas décadas do século XX houve uma mudança na perspectiva dos pesquisadores de história, os quais começaram a produzir estudos voltados a grupos sociais como as mulheres, por exemplo. O autor sublinha a importância disso e cita que no Brasil esse movimento foi crescendo, visto as pesquisas produzidas por programas de pós-graduações no país. As investigações que abordam o assunto, segundo Tedeschi (2012), assinalam que as mulheres estiveram à margem da sociedade por muitos anos e, conseqüentemente, das pesquisas, dos olhares e intervenções de políticas públicas. Com isso, foram produzidas representações culturais e sociais acerca desse grupo, principalmente no que se refere à inferioridade e à fragilidade “natural” da mulher, influenciando nos modos de ser, de se perceber e de agir.

Em relação ao tema central dessa pesquisa, Tedeschi (2012) indica que, historicamente, discursos e práticas foram se naturalizando em relação às mulheres, especialmente explanados e efetivados por homens, construindo representações sobre esse grupo social, distinguindo, impondo e legitimando uma desigualdade de gênero. O autor aponta que a subordinação e inferioridade da mulher em épocas passadas refletem até os dias de hoje na cultura. Portanto, buscar interpretar questões acerca de grupos sociais emerge como possibilidade, de modo que práticas e representações são pontos-chaves de investigações com esse viés. Esse contexto histórico demarcou, por muito tempo, espaços e posições ocupados por mulheres. Com o atual cenário cultural, práticas e representações sobre mulheres se apresentam em processo de desconstrução de paradigmas, bem como de estereótipos, produzindo novas realidades culturais e históricas.

A desigualdade de gênero foi construída ao longo dos anos e gerou e gera muitos significados até a atualidade, entusiasmando discursos e constituindo identidades. Assim, esta Tese de Doutorado se encontra em um panorama atual de mudanças, que desenvolve um olhar atento a esse grupo e se apresenta como ferramenta de inclusão das mulheres. E, na presente pesquisa, enfocamos as mulheres com deficiência no processo histórico, visto que muitas vezes foram excluídas de tais discussões (Tedeschi, 2006, p. 2).

Nessa direção, a treinadora Glébia Galvão (2022) menciona a felicidade que sente em poder contribuir para o esporte paraolímpico há mais de 20 anos. Apesar de sua influência ter sido uma mulher professora, a treinadora percebe que historicamente as referências são masculinas e destaca que está em busca de se inspirar com outras mulheres, trazendo a expressão “empoderamento através de outras mulheres”.

A treinadora Gévelyn Almeida (2021) a partir do memorial que disponibilizou para nossa pesquisa, descreveu que a partir dos 19 anos adquiriu a deficiência física por conta de um acidente de trânsito e considera esse um marco em sua trajetória de vida. Portanto, para ela, discussões sobre inclusão e acessibilidade também fizeram parte do seu percurso. Em sua entrevista, a treinadora explicita:

Embora eu saiba que eu tenha muito conhecimento que adquiri com o tempo, com as questões que eu investi nos meus estudos, eu vejo que tem muito preconceito, também. Aquele capacitismo, né, que fala, da sociedade, isso também tem com os profissionais com deficiência. E falo assim, eu sofro isso no meio paralímpico. Pasmé, isso no meio paralímpico (Almeida, 2022, p. 4).

Capacitismo é o termo utilizado para se referir ao preconceito voltado às PCD (Marchesan; Carpenedo, 2021). No caso do esporte paraolímpico, destaca-se o Decreto-lei nº 3.298 de 20 de dezembro de 1999, que institucionaliza os direitos da pessoa com deficiência, entre eles o direito à prática de esportes. Compete ao Poder Público assegurar os direitos individuais e sociais, objetivando o bem-estar pessoal, social e econômico dos “portadores de deficiência” (termo utilizado na época para se referir às PCD) no país (Brasil, 1999). Este Decreto-lei inicia um movimento de inserção e inclusão da pessoa com deficiência na sociedade e no esporte. Sublinha-se que este Decreto-lei indica a falta de políticas nacionais de inserção da pessoa com deficiência até o período recente da história do Brasil e essa iniciativa tardia também deixa seus reflexos em nossa sociedade na atualidade.

Portanto, o retrato expresso pelas treinadoras, confrontado com a literatura atual, decretos-leis e o *site* oficial do CPB, demonstra que mulheres treinadoras de esportes paraolímpicos de alto rendimento existem e resistem em uma posição ocupada historicamente por homens. Foram levantados diversos fatores que dificultam a permanência nesse cargo de liderança. Ainda, sublinha-se o fato de que mulher com deficiência presentifica preconceitos para além dos enfrentados por mulheres sem deficiência para a mesma atuação profissional.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo averiguou resistências acerca da permanência de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil. Podemos visualizar que o movimento paraolímpico é composto por um calendário com diversos campeonatos e que as treinadoras fazem parte desse contexto. Porém, dentre os resultados obtidos, encontrou-se que há baixa representatividade feminina na posição de liderança como treinadora de esporte paraolímpico de alto rendimento, relatada por todas as participantes da pesquisa.

O machismo foi evidenciado por algumas treinadoras, enquanto outras dizem não perceber situações que diferenciem mulheres de homens. É possível que as treinadoras não tenham sofrido preconceito por ser mulher no esporte paraolímpico, mas também pode ser pela naturalização da prática, pois muitas mulheres não são instruídas sobre esse contexto. Destacamos, por fim, que uma participante da pesquisa tem deficiência física e a mesma ressaltou o capacitismo vivido dentro no movimento paraolímpico.

Representações culturais remanescentes ainda são percebidas. As mulheres ficaram historicamente negligenciadas e as PCD no esporte e na sociedade, de uma maneira geral, também foram estigmatizadas. Esses dois universos foram abarcados nesta pesquisa. O encaminhamento, a partir disso, é a de visibilidade e luta por equidade. Deste modo, instigamos mais estudos na área do esporte paraolímpico de maneira geral para expandir conhecimentos, diminuir preconceitos, aumentar possibilidades de acesso e permanência e para preservar a memória paradesportiva brasileira.

4.5 REFERÊNCIAS

ANA CARDOSO. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. jan.de 2022. p.1-13.

ALMEIDA, Gévelyn. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. mar.de 2022. p. 1-7.

ANTLOGA, Carla Sabrina; MONTEIRO, Renata; MAIA, Marina; PORTO, Manuella; MACIEL, Marcella. Trabalho Feminino: Uma Revisão Sistemática da Literatura em Psicodinâmica do Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, n. spe, p. e36nspe2, 2020.

ALMEIDA, Gévelyn. **Memorial Gévelyn Cássia Almeida**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação Física e Desporto Departamento de Fundamentos da Educação Física. Balneário Camboriú (SC) Março de 2021.

BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? *Movimento* (Porto Alegre), v.27, p.e27080, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/118131>. Acesso em: 05 fev 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BARROS, José Costa D'assunção. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa Histórica. **Mouseion**, Canoas, n. 12, p. 129-159, ago. 2012.

BARROS, José Costa D'assunção. O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico. **VOZES**. Petrópolis, p.236. 2005.

BEDARIOL, Bruna Bedariol; ANTUNES, Marcelo Moreira; DE ALMEIDA, José Júlio Gavião. Mapeamento dos programas brasileiros de natação paralímpica. **Revista Valore**, v. 7, 2022.

BRANDÃO, Catarina; SANTOS, Fábio; PERES, Sara. Processo de transição para uma posição de liderança: um estudo com mulheres. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 9(1), p. 9-23, 2020. doi: 10.17267/2317-3394rpsds.v9i1.2559

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941. Disponível em: < <https://legis.senado.leg.br/norma/528286> > Acesso em: 04/03/2021.

BRASIL. Decreto-lei nº. 3.298 de 20 de dezembro de 1999. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm >. Acesso em: 04 mar. 2021.

BRASIL, Vinicius Zeilmann; RAMOS, Valmor; Barros, Thais; GODTSFRIEDT, Jonas; NASCIMENTO, Juarez. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 815-829, jul. 2015.

BRAUN, V., & CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), p. 77-101, 2006. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

BONFIM, Gabriele. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Fev. de 2022. p.1-19.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor; 2005.

CABRAL, Soraia. **Entrevista escrita cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. p.1-3.

CASSOLI, Marli. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. p.1-4.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Editora FGV, 2016.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Portaria Nº 085/2017/Pre/Cpb**. Brasília, 28 jul. 2017.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 7 set. 2023.

CPB. **Comitê Paralímpico Brasileiro**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/>> Visto em: 06 de maio de 2023a.

CPB. **Atletismo**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/modalidades/46/atletismo> > Acesso em: 21 de maio de 2023b.

CPB. **Natação**. Disponível em: < <https://cpb.org.br/modalidades/47/natacao> > Acesso em: 21 de maio de 2023c.

CPB. **Jogos Paralímpicos: Resultados do Brasil**. Disponível em: <<https://cpb.org.br/competicoes/jogosparalimpicos?onmouseover=closeSubMenu%28%29&onfocus=closeSubMenu%28%29> > Acesso em: 21 de maio de 2023d.

DA SILVA DUARTE, Débora; PAULINO, Pedrita Reis Vargas. O machismo e sua influência nas crenças centrais femininas. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 4, 2021.

DINIZ, R. S. Mecenato Esportivo: o trajeto da Lei Federal de Incentivo ao Esporte em Belo Horizonte. 195 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

DUPONT, Shirley Lori. As relações de gênero no patriarcado eurocêntrico e no bom viver: uma análise comparativa. **Revista Espirales**, [S. l.], p. 262-278, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2691>. Acesso em: 6 mar. 2021.

FARIAS, Rosiane. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Março de 2022. p. 1-25.

FERREIRA, Heidi Jancer; ANJOS, Luiza; DRIGO, Alexandre; MOURÃO, Ludmila. Barriers faced by brazilian female coaches. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.479-488, 27 jun. 2017. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700020479>.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. São Paulo: Penso, 2013. 256 p. Obra traduzida por: Magda Lopes.

FREITAS, Daniel; PEREIRA, Marcos; ROSA, Alzira; TRUSZ, Renato; FARIAS, Gelcemar. Formação continuada de professores de educação física. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 9-21, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/4419>. Acesso em: 3 maio. 2023.

FREIRE, Gabriel Lucas Moraes; MORAES, José; OLIVEIRA, Daniel; XAVIER, Sherdson. Qualidade do relacionamento com o treinador e resiliência de atletas paralímpicos de atletismo e natação. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 6, n. 1, p. 165-177, 2020.

GALVÃO, Glébia. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan de 2022. P. 1-25.

GUIA DE EXAME DE MULHERES NA LIDERANÇA. Grupo de Pesquisas em Direito e Gênero da Fundação Getúlio Vargas. **Relatório Final**. São Paulo, 2017.

IPC. IPC GUIDE TO PARA AND IPC TERMINOLOGY. p.1-17, 2021. Disponível em: < <https://www.paralympic.org/publications> > Acesso em: 23/04/2023.

KRUGER, Andressa. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-21.

MACHADO, Ana Carolina. História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores. **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 69-99, ago. 2020.

MALTA, Selma; RESENDE, Rui; PINHEIRO, Cláudia; VALLE, Alfonso. O desafio de ser treinadora. **Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto**, Portugal, v. 1, n. 3, p. 11-14, jan. 2014.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane Fiepke. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama**, v. 17, n. 40, p. 45-55, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico Especial**: Doença pelo Novo Coronavírus – COVID-19. Semana Epidemiológica 24 -12/6/2022 a 18/6/2022. Jun. 2022.

MOLETTA, Sirlei; ROBERTO, Rosemary; NETO, Eugenio; MORO, Silas. Mulheres nas organizações no Brasil: uma análise do guia Exame de Mulheres na Liderança. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 6, n.5, p.32547-32562 mai. 2020.

PIANEGONDA, Natália. **Desigualdade salarial entre homens e mulheres evidencia discriminação de gênero no mercado de trabalho**. 2023. Disponível em: <https://www.tst.jus.br/-/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres->

evidencia-discrimina%C3%A7%C3%A3o-de-g%C3%AAnero-no-mercado-de-trabalho. Acesso em: 06 maio 2023.

RAMKRAPES, Ana. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Jan. de 2022. p.1-14.

REZENDE, J. M. de. Normalizar, normatizar. **Revista de Patologia Tropical/ Journal of Tropical Pathology**, v. 34, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/view/2141>. Acesso em: 24 set. 2020.

SAITO, Thaís. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-18.

SANTOS, Daiane dos. **Entrevista cedida a Vitória Sanchotene**. Abril de 2022. p.1-2.

SILVA, Andressa; NARCISO, Fernanda; STIELES, Eduardo; FACUNDO, Lucas; CRUZ, Aline; COSTA, Alberto; SILVESTRE, Patrícia; MELLO, Marco. Mapeamento geográfico de atletas paralímpicos brasileiros. **Movimento**, v. 25, 2022.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourado: Ed. Ufgd, 2012.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O ensino da história e a invisibilidade da mulher. **Revista Ártemis**, 2006.

WOLFF, Cristina Scheibe; POSSAS, Lidia M. Vianna. Escrevendo a história no feminino. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 13, n. 3, p. 585-589, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO).

5 CONCLUSÃO GERAL

Com esta pesquisa, foram compreendidas histórias de 11 mulheres brasileiras treinadoras no esporte paraolímpico de alto rendimento no Brasil pelo viés histórico-sociocultural. Na pesquisa, de maneira exploratória, foram apresentadas as trajetórias e os processos de inserção das mulheres brasileiras treinadoras de esportes paraolímpicos, identificando que representações culturais foram construídas acerca dessas mulheres nesse contexto, bem como resistências acerca da permanência delas nesta posição, narradas por elas mesmas e discutidas com a literatura científica e com *sites* e outros achados.

Em primeiro lugar, como conclusão geral da presente Tese de Doutorado, é necessário salientar que, como sujeitos históricos, existem mulheres treinadoras de esporte paraolímpico. Foi a partir da existência dessas mulheres e do aceite delas para colaboração na tese que diversos caminhos de análises na pesquisa foram concluídos e se tornaram possíveis. Assim sendo, frisamos a importância da contribuição dos indivíduos para produções científicas-acadêmicas, tanto para motivar pesquisadores(as) nessa direção, quanto incentivar participantes pertencentes aos movimentos paradesportivos e esportivos como um todo.

Por meio da pesquisa, foi possível identificar uma lacuna existente em relação à temática tanto das mulheres como treinadoras do esporte paraolímpico quanto das histórias e das memórias de mulheres no paradesporto. Com a presente pesquisa, entendemos que o esporte paraolímpico brasileiro está consolidado e é uma potência mundial. Incluímos que as mulheres exercem diferentes papéis nesse contexto e, principalmente, com relação a participação em posição de liderança no alto rendimento. Vale destacar que ainda são poucas as mulheres treinadoras e esse número diminui ainda mais se a comparação quantitativa for de mulheres com deficiência em relação a mulheres sem deficiência. Portanto, estimula-se que mais mulheres busquem pelos estudos e aperfeiçoamentos para inserção nesse meio, a fim de aumentar a representatividade, bem como promover que as pessoas já envolvidas no movimento paraolímpico contribuam para a permanência, diminuam estigmas, preconceitos e outras resistências existentes.

Com base nos testemunhos, o ensino superior em educação física se destacou como significativo para a inserção das treinadoras em meio ao paradesporto. O curso

de graduação em educação física apresenta oportunidades de aproximação com a temática por meio das disciplinas no currículo, bem como estágios e atividades de extensão universitária que propiciam a aproximação dos estudantes da graduação com as pessoas com deficiência no esporte e a possibilidade de atuação profissional neste contexto, despertando o interesse dos discentes.

Porém, algumas treinadoras que ainda não haviam tido contato com pessoas com deficiência e realizaram suas primeiras aproximações com esse público sentiram a necessidade de estudar e conhecer mais sobre as particularidades, os esportes e os contextos, eixo de debate que contribui para a reflexão sobre a permanência das mesmas na profissão. A constatação da importância do curso superior em educação física como meio de aproximação é compreensível, uma vez que é de extrema relevância a temática no currículo para formação de futuros(as) profissionais, mas sugere que há pouco envolvimento da população em discutir, se relacionar e conhecer essa temática para além dos muros da universidade, como por exemplo no ensino básico ou através da mídia.

Ainda, sobre a inserção nesse contexto, destaca-se que duas treinadoras disseram que ter deficiência foi uma questão que influenciou em querer trabalhar com pessoas com deficiência no esporte adaptado e paraolímpico. Deste modo, as participantes com deficiência da pesquisa buscaram se especializar na temática a partir de perspectivas diferentes das treinadoras sem deficiência.

Sobre a permanência no esporte paraolímpico de alto rendimento, as treinadoras narraram situações em que foram demonstradas suas relações de apoio e suporte aos(às) atletas paraolímpicos e, também, enfatizaram as atualizações, aprofundamentos acadêmicos e demais capacitações. Portanto, o conhecimento na graduação, a educação continuada e, também a interação com seus(uas) atletas são aspectos importantes de inserção e permanência das profissionais no ambiente do esporte paraolímpico de alto rendimento. Segundo as entrevistadas, a função das treinadoras não se restringe a questões técnicas, didáticas, táticas e de preparo físico, mas também recai em organizar deslocamentos, ver as dependências de alojamento e treinamento com acessibilidade, apoiar e incentivar nos fatores psicológicos dos(as) atletas. Portanto, a atuação da treinadora é complexa e envolve diferentes funções.

Algumas treinadoras destacam que não acompanham seus(uas) atletas em campeonatos internacionais como Campeonatos Mundiais e Jogos Paralímpicos,

ficando este papel a cargo de outros(as) profissionais convocados pelo CPB. Para as treinadoras, esta lacuna pode interferir no rendimento esportivo, citando como exemplo a confiança e a comunicação desenvolvidas durante os treinamentos diários, quesito supracitado, relacionado ao apoio psicológico e à relação treinadora-atleta.

Com os relatos, pode-se perceber que as mesmas apresentam trajetórias de conquistas e pódios a níveis nacionais e internacionais. Nessa direção, sublinha-se que alguns campeonatos sobressaíram nas falas das treinadoras, como: Campeonato Brasileiro Loterias Caixa, *Meeting* Paralímpico Loterias Caixa, Campeonatos Mundiais, Jogos Para-Panamericanos e Jogos Paralímpicos. Portanto, conclui-se que o calendário paradesportivo brasileiro e internacional estimula e desenvolve o esporte na dimensão do alto rendimento. Salienta-se o fato de que as participantes foram selecionadas para a pesquisa a partir do entendimento de que elas fizeram ou fazem parte do esporte paraolímpico de alto rendimento e, por isso, essas competições apareceram mais do que outros eventos, como as Paralimpíadas Escolares, por exemplo.

De todo o modo, o presente trabalho contribui para dar visibilidade às mulheres treinadoras que atuam ou atuaram em esportes paraolímpicos de alto rendimento e para desenvolver um olhar de criticidade às ações cotidianas como desigualdades e preconceitos. Os pressupostos teóricos metodológicos utilizados (História Cultural e História Oral) colocaram as participantes da pesquisa como protagonistas de suas próprias narrativas. Os resultados, associadas às discussões dos estudos da Tese, mostraram que essas treinadoras são personagens de grande relevância no cenário paradesportivo, uma vez que são mulheres pioneiras nessa posição de liderança e ocupam espaço de diminuta representatividade feminina. Essa baixa representatividade em posição de liderança foi ressaltada no trabalho por conta de estereótipos construídos por indivíduos acerca da mulher no esporte, que remetem à mulher significados de inferioridade e de fragilidade. Algumas treinadoras relataram sofrer com o machismo em treinamentos e campeonatos. Essa representatividade é ainda menor e os obstáculos são maiores quando nos referimos às mulheres com deficiência.

Vale ressaltar que os estudos histórico-socioculturais contribuem para a ampliação das interpretações dos contextos existentes no país e fora dele, reconstituindo a memória esportiva nacional. Portanto, faz-se necessário permanecer

na busca por conhecimentos variados em relação aos movimentos esportivos, seja em caminhos futuros de reflexões sobre ações de personagens, eventos paradesportivos ou de entidades que compõe o fenômeno esportivo.

Ao entrevistar mulheres treinadoras no esporte paraolímpico brasileiro contribuímos com o campo científico da educação física e com a sociedade como um todo. Apesar da proposta inicial ter sido de entrevistar presencialmente essas treinadoras, realizar a pesquisa em contexto pandêmico foi inusitado, inédito e necessitou, metodologicamente, de readaptação para a aproximação das treinadoras (algumas não nos retornaram as mensagens) e organização para a entrevista ser por vídeo chamada. Portanto, como fechamento do trabalho, realçamos a importância dos estudos científicos e da produção acadêmica na construção de novos conhecimentos e de ampliação do olhar.

REFERÊNCIAS

BRASÍLIA. MANUAL DE COMUNICAÇÃO DA SECOM. **Paraolímpico, Paralímpico**. 2021. Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/paraolimpico-paralimpico>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BUENO, Luciano. **Políticas Públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. 2008. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Sp, 2008.

CIDADE, Ruth Eugênia; FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Mulheres e Desporto Adaptado: revisando as recomendações dos organismos internacionais. **Revista da Sobama**, [s. /], v. 7, n. 1, p. 27-32, dez. 2002.

PEREIRA, Ester Liberato; CANCELLA, Karina Barbosa; MEDEIROS, Jimmy. Jogos Olímpicos e Paralímpicos na contemporaneidade: uma breve revisão literária da produção científica vigente. **Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, [S.L.], p. 4-19, 20 jul. 2020. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIIMONTES). <http://dx.doi.org/10.32887/issn.2527-2551v17n2p.4-19>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica; 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2013.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada treinadora:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa intitulada “**Atuação de mulheres treinadoras no esporte paraolímpico do Brasil**” por você apresentar possibilidades de contribuir para o mesmo a partir de seus conhecimentos e de suas experiências. O presente estudo tem como objetivo compreender as posições ocupadas pelas mulheres treinadoras na disposição esportiva paraolímpica no Brasil.

Se você concordar em participar deste estudo, responderá a uma entrevista com um roteiro pré-elaborado pela pesquisadora Mestra Vitória Crivellaro Sanchotene sob orientação da Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo, com o tempo máximo de duração previsto de uma hora. Enviaremos por e-mail o arquivo com as perguntas deste roteiro pré-elaborado anterior ao processo de coleta de dados, ou seja, da realização da entrevista. Seu relato e respostas são muito importantes para que possamos levantar informações necessárias para nosso estudo, a partir da visão de quem vivencia o contexto de ser treinadora em uma modalidade paralímpica brasileira. Para tanto, requeremos seu assentimento para responder a entrevista, pois esta poderá ser gravada em áudio e/ou vídeo através de aparelhos digitais, tais como câmera filmadora e gravador de voz.

Informamos, também, que sua entrevista será transcrita integralmente. Finalizada a transcrição, retornaremos o documento para a senhora, para sua revisão (podendo ser acrescido ou suprimido informações) e seu consentimento de publicação dos resultados. Solicitamos autorização para utilizarmos suas imagens, captadas durante a filmagem da entrevista, além de eventuais imagens, para a produção de projetos audiovisuais (vídeo clipes, documentários, etc.) e/ou projetos culturais (exposições, oficinas, etc.) para a divulgação das memórias do esporte paraolímpico do Brasil. Caso seja do seu interesse, enviaremos posteriormente uma cópia da entrevista em áudio e/ou vídeo para uso pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo a senhora: recusar-se a participar, recusar-se de responder alguma pergunta ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas sem fins

comerciais. Com a sua permissão, as informações geradas a partir de seu depoimento poderão ser disponibilizadas (formas escrita e/ou visual) em plataformas sociais *online* do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), do Observatório do Esporte paraolímpico Brasileiro e Esportes Surdos da ESEFID/UFRGS (OEPES), do Centro de Estudos em História e Memória do Esporte (CEME), bem como no *site* do mesmo, de livre acesso, o qual possui a finalidade de preservar e divulgar a memória do esporte adaptado e do esporte paraolímpico brasileiro.

Informamos ainda, que a senhora não terá custos financeiros e nem será remunerada por sua participação. No entanto, adotaremos os cuidados necessários para evitar qualquer tipo de constrangimento relativo à pesquisa, embora sempre exista a possibilidade de riscos. Esperamos por meio das ações veiculadas a este projeto, preservar a memória paralímpica brasileira e produzir novos conhecimentos; divulgando os resultados no meio acadêmico e esportivo, contribuindo para o desenvolvimento do esporte paraolímpico no Brasil.

Caso a senhora tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá contatar a qualquer momento a pesquisadora responsável pelo projeto, Professora Doutora Janice Zarpellon Mazo¹⁶ ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)¹⁷.

Em caso de algum tipo de restrição com relação ao uso do áudio e vídeo captados durante a entrevista, favor utilizar o campo a seguir para maiores esclarecimentos.

O presente termo deverá ser preenchido e assinado:

Eu, _____, tendo sido devidamente esclarecida sobre os procedimentos, concordo em conceder a entrevista e participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura da participante da pesquisa

_____, ____ de _____ de 202__.

¹⁶ Endereço profissional à Rua Felizardo, nº 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre – RS, CEP 90690-200, ou pelos telefones (51) 99579428/33883031, ou no endereço eletrônico Janice.mazo@ufrgs.br,

¹⁷ Telefone 3308.3629 ou por e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

APÊNDICE B – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DA ENTREVISTA

Nome completo: _____

Você autoriza a utilização do seu nome ou apelido na pesquisa? _____

Data: _____

Data de nascimento: _____

Cidade que reside: _____

Modalidade(s) paraolímpica(s) que trabalha: _____

Tempo como treinadora: _____

Facebook: _____

Instagram: _____

Perguntas:

- 1) Conte como foi sua trajetória no esporte paraolímpico.
- 2) Quais motivações para se tornar treinadora?
- 3) Quais foram as entidades, clubes e locais que você desenvolveu atividades como treinadoras e anos/períodos que estiveram?
- 4) Quais competições que você participou como treinadora?
- 5) Você sempre trabalhou na mesma modalidade ou transitou por outras?
- 6) Como é ser uma mulher treinadora de esporte paraolímpico no Brasil?
- 7) Quais dificuldades você encontrou sendo uma mulher treinadora?
- 8) Você considera que o fato de ser mulher influenciou algo no seu percurso esportivo e profissional? Se sim, comente.
- 9) Como era tua vida antes de ser treinadora?
- 10) Você acredita que existem diferenças do universo olímpico e do universo paraolímpico? Quais?
- 11) Você gostaria de falar algo que não foi perguntado na entrevista? Sinta-se à vontade, este espaço é seu.